UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

FRANCISCO MARCELO BEZERRA ALMEIDA

**A produção do espaço na Região do Cariri cearense e sua inserção na nova
lógica da acumulação do sistema capitalista globalizado: o caso da área do
Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2019

FRANCISCO MARCELO BEZERRA ALMEIDA

**A produção do espaço na Região do Cariri cearense e sua inserção na nova
lógica da acumulação do sistema capitalista globalizado: o caso da área do
Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha**

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao
Departamento de Geografia da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em
Geografia.

Área de concentração: Geografia
Humana.

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia
Ariza da Cruz.

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

AA444A Almeida, Francisco Marcelo Bezerra
p A produção do espaço na Região do Cariri cearense e sua inserção na nova lógica da acumulação do sistema capitalista globalizado: o caso da área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. / Francisco Marcelo Bezerra Almeida ; orientadora Rita de Cássia Ariza da Cruz. - São Paulo, 2019.
178 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. Área de concentração: Geografia Humana.

1. produção do espaço. I. Cruz, Rita de Cássia Ariza da, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): FRANCISCO MARCELO BEZERRA ALMEIDA_____

Data da defesa: ____28/03/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): ____RITA DE CÁSSIA ARIZA DA CRUZ_____

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 27/05/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: ALMEIDA, Francisco Marcelo Bezerra.

Título: A produção do espaço na Região do Cariri cearense e sua inserção na nova lógica da acumulação do sistema capitalista globalizado: o caso da área do Triângulo Crato- Juazeiro do Norte-Barbalha.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à Professora Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz pela competência de sua orientação, como também pelo seu compromisso e interesse em relação ao trabalho realizado. Ter Rita como orientadora é um privilégio, suas análises precisas e rígidas são sempre seguidas de palavras generosas que produzem estímulos, crescimento e energia para executar o difícil trabalho de estudar, refletir e escrever. Mas, há algo mais a destacar na Professora Rita, sua profunda sensibilidade como educadora.

Gostaria de agradecer também a Alice, minha segunda mãe, que com sua profunda delicadeza e dedicação me acompanha desde os primeiros passos e sempre foi uma referência fundamental para mim.

Os meus agradecimentos vão também para minha namorada Roberta Fagundes que ao longo do desenvolvimento do mestrado foi muito importante com seus incentivos, estímulos e contribuições na fase da pesquisa de campo. A ela agradeço também a companhia e o carinho dedicados.

Meus agradecimentos especiais a Nietzsche, meu cachorro de estimação, que durante quinze anos me propiciou uma amizade e um amor que jamais tinha experimentado. Em 03 de outubro de 2018 Nietzsche faleceu e deixou um vazio impossível de ser preenchido. No entanto, foi nele que fui buscar forças para prosseguir esse trabalho. Minha gratidão eterna a ele.

Agradeço a meus pais, Vicente Jaguaribe de Almeida e Maria Evangelina Bezerra de Almeida, que ao longo de suas vidas me proporcionaram meios para que me tornasse professor e cidadão.

Sangue Latino

“Jurei mentiras
E sigo sozinho
Assumo os pecados
Os ventos do norte
Não movem moinho
E o que me resta
É só um gemido
Minha Vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu Sangue Latino
Minh’alma cativa
Rompi tratados
Traí os ritos
Quebrei a lança
Lancei no espaço
Um grito, um desabafo
E o que me importa
É não estar vencido
Minha vida, meus mortos
Meus caminhos tortos
Meu Sangue Latino
Minh’alma cativa”.

(João Ricardo e Paulo Mendonça)

RESUMO

ALMEIDA, F. M. B. A produção do espaço na Região do Cariri cearense e sua inserção na nova lógica da acumulação do sistema capitalista globalizado: o caso da área do Triângulo Crato- Juazeiro do Norte-Barbalha. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

A análise desenvolvida por este trabalho tem como objetivo investigar a produção do espaço na Região do Cariri cearense, através de um fragmento do espaço regional denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. Para realização da investigação, três momentos foram fundamentais. Um primeiro momento consistiu na definição dos fundamentos teóricos e metodológicos visando a definição dos principais conceitos utilizados para compreensão do fenômeno analisado. A abordagem que prioriza a concepção da “produção do espaço” foi essencial na definição do objeto de estudo e na definição dos fundamentos conceituais. O espaço foi concebido como um fenômeno produzido pela sociedade através do processo de trabalho e ao longo do processo histórico. Além da concepção a respeito do espaço, foram importantes os conceitos e as categorias analíticas como a divisão social e territorial do trabalho, a configuração espacial, as práticas espaciais, as representações do espaço e os espaços da representação. Em um segundo momento, tendo como bases os fundamentos teórico-metodológicos desenvolveu-se uma análise sobre a dinâmica do espaço da Região do Cariri, identificando para cada momento histórico, os agentes responsáveis pela produção do espaço de acordo com cada período. Foi possível dessa forma, propor uma periodização para o processo de produção do espaço regional: a primeira marcada pela ação dos Índios Cariris, uma segunda estruturada a partir da colonização e do comando do município de Crato, uma terceira caracterizada pela ascensão do município de Juazeiro do Norte e uma quarta produzida com base na atual fase do capitalismo e o processo de globalização. Um terceiro momento diz respeito à análise teórica e empírica do processo de produção do espaço Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. A análise evidencia a importância do processo de globalização e da atual dinâmica do

modo de produção capitalista na estruturação de uma nova configuração espacial para a Região do Cariri. Na produção dessa nova configuração espacial, o Estado, as empresas (nacionais e transnacionais), os bancos e as classes sociais se destacam como agentes que comandam e controlam a organização do espaço.

Palavras-chave: Produção do espaço. Região do Cariri. Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. Capitalismo e globalização.

ABSTRACT

ALMEIDA, F. M. B. The production of space in the Cariri region of Ceará and its insertion in the new logic of the accumulation of the globalized capitalist system: the case of the Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha triangle area. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

The analysis developed by this work aims to investigate the production of space in the Cariri region of Ceará, through a fragment of the regional space called the Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha triangle. To carry out the research, three moments were fundamental. A first moment consisted in the definition of the theoretical and methodological foundations aiming at the definition of the main concepts used to understand the phenomenon analyzed. The approach that prioritized the design of "space production" was essential in defining the object of study and in defining the conceptual foundations. Space was conceived as a phenomenon produced by society through the work process and throughout the historical process. In addition to the conception of space, analytical concepts and categories such as the social and territorial division of labor, spatial configuration, space practices, representations of space, and spaces of representation were important. In a second moment, based on the theoretical-methodological foundations, an analysis was developed on the space dynamics of the Cariri Region, identifying for each historical moment the agents responsible for the production of space according to each period. It was possible to propose a periodization for the production process of the regional space: the first one marked by the action of the Cariris Indians, a second one structured after the colonization and control of the Municipality of Crato, a third characterized by the rise of the Municipality of Juazeiro of the North and a fourth produced on the basis of the current phase of capitalism and the process of globalization. A third moment concerns the theoretical and empirical analysis of the production process of the Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha triangle space. The analysis highlights the importance of the process of globalization and the current dynamics of the capitalist

mode of production in the structuring of a new spatial configuration for the Cariri Region. In the production of this new spatial configuration, the state, companies (national and transnational), banks and social classes stand out as agents that command and control the organization of space.

Keywords: Space production. Cariri Region. Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha Triangle. Capitalism and Globalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - O Cariri Cearense: porção meridional do Ceará	35
Figura 02 - Fundação Casa Grande	51
Figura 03 - Feira do Crato - Década de 60	60
Figura 04 - Crato no início do século XX - Seminário São José e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha (Centro do Crato)	63
Figura 05 - Matriz da Igreja de Nossa Senhora da Penha, Praça da Sé, em 1934	64
Figura 06 - <i>Gymnasium</i> do Crato	65
Figura 07 - Crato em 1925	66
Figura 08 - A Estação Ferroviária do Crato - Anos de 1930	66
Figura 09 - Juazeiro do Norte em 1911	76
Figura 10 - Vista parcial da Rua São Pedro - antiga centralidade (rugosidade) de Juazeiro do Norte	78
Figura 11 - Horto: Estátua do Padre Cícero	83
Figura 12 - Área central do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha	87
Figura 13 - Cariri <i>Garden Shopping</i>	96
Figura 14 - Novas paisagens urbanas	113
Figura 15 - Primeiro Eixo – Avenida Padre Cícero	118
Figura 16 - Segundo Eixo - Avenida Leão Sampaio	119
Figura 17 - Região Metropolitana do Cariri (RMC)	126
Figura 18 - Restauração da CE-292	130
Figura 19 - Anel Viário	132
Figura 20 - Trecho 2 e 3 do Anel Viário	133
Figura 21 - Anel Viário - Trecho 4	134
Figura 22 - Bairro Jardim Gonzaga: Condições de urbanização precárias	135
Figura 23 - Metrô de Superfície	136
Figura 24 - Hospital Regional (a direita da foto) e os novos prédios que surgiram após sua instalação	137

Figura 25 - <i>Unique Condominium</i>	139
Figura 26 - Central de Abastecimento do Ceará (CEASA-CARIRI)	140
Figura 27 - Centro de Convenções do Cariri em Crato - Ceará	141
Figura 28 - Universidade Federal do Cariri (UFCA)	143
Figura 29 - Centro Universitário Leão Sampaio - Campus da Lagoa Seca	144
Figura 30 - Os novos padrões de construção	150
Figura 31 - Edifício Jardins da Praça	151
Figura 32 - Torres com localização dispersa	153
Figura 33 - Cidade Kariris <i>Residencial Club</i>	154
Figura 34 - Hipermercado Atacadão – <i>Carrefour</i>	160
Figura 35 - <i>Hiper Bompreço</i>	161
Figura 36 - Maxxi Atacadão	162
Figura 37 - Assaí Atacadista	163
Figura 38 - Carajás <i>Home Center</i>	165
Figura 39 - <i>Mc Donald's Drive Thru</i>	166
Figura 40 - <i>Shopping La Plaza</i>	167
Figura 41 - O uso da imagem do Padre Cícero	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Juazeiro do Norte, Ceará: crescimento das populações urbana e rural, de 1940 a 2010	77
Tabela 2 - Crescimento populacional dos municípios da Região Cariri	83
Tabela 3 - Região Metropolitana do Cariri (RMC)	127
Tabela 4 - Edifício Pátio Cariri <i>Residence</i> - oferta de apartamentos	152

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Mapa da Localização do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte - Barbalha	116
Mapa 2 - Localização dos equipamentos do Estado	145
Mapa 3 - Localização dos hipermercados e lojas varejistas	168

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BIRD	Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
BNDES	Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social
CEASA	Central de Abastecimento do Ceará
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará
CRAJUBAR	Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha
CRAS	Centro de Referência em Assistência Social
CRC	Construtora Raimundo Coelho
DETRAN	Departamento de Trânsito do Ceará
FES	Formação Econômica e Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica do Ceará
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
IREP	Sociedade de Ensino Superior, médio e fundamental LTDA
PIB	Produto Interno Bruto
RMC	Região Metropolitana do Cariri
SEST/SENAT	Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
UFCA	Universidade Federal do Cariri
URCA	Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	O enfoque da produção do espaço	18
1.2	Notas metodológicas acerca da noção de espaço	23
2	A PRODUÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL CARIRIENSE AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL BRASILEIRA.....	34
2.1	A dinâmica do espaço regional: a denominação de “Região do Cariri” e os fundamentos da identidade regional na ótica da perspectiva das “representações do espaço”	34
2.2	As condições ambientais e o povoamento inicial como fundamento do conceito tradicional de Região do Cariri	36
2.3	Novos elementos para a construção do conceito de Região do Cariri	39
2.4	A produção do espaço regional caririense, as diferentes práticas espaciais e suas diversas configurações espaciais	48
2.4.1	<i>A Região do Cariri, seu processo inicial de produção sob o comando dos Índios Cariris</i>	48
2.4.2	<i>A produção de uma nova dinâmica espacial sob o comando do município do Crato: a inserção da região no modo de produção capitalista.....</i>	52
2.4.3	<i>O surgimento e ascensão do município de Juazeiro do Norte, crescimento urbano e crescimento demográfico como base de uma terceira dinâmica regional</i>	69
2.4.4	<i>A produção de uma nova dinâmica espacial sob o comando de um capitalismo globalizado, o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha.</i>	86
3	A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO TRIÂNGULO CRATO-JUAZEIRO- BARBALHA	90
3.1	O contexto histórico da produção do espaço da Região do Cariri no final dos séculos XX e XXI	90

3.1.2	<i>A globalização: um novo momento histórico na dinâmica do capitalismo.....</i>	91
3.2	A produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha no período da globalização.....	98
3.3	A divisão social e territorial do trabalho e a definição da região e dos lugares no período da globalização.....	102
3.4	O Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, suas bases locacionais	114
3.5	Os novos agentes da produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha.....	121
3.5.1	<i>O Estado como agente na produção do espaço, as representações do espaço e as estratégias a favor do capital</i>	122
3.5.2	<i>A ação das construtoras, imobiliárias e agências bancárias na produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha.....</i>	146
3.5.3	<i>Para além do setor produtivo: grandes empresas de varejo e a produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha.....</i>	157
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	170
	REFERÊNCIAS.....	174

1 INTRODUÇÃO

1.1 O enfoque da produção do espaço

A análise proposta a respeito da dinâmica do espaço regional caririense, através de um fragmento do espaço, o denominado Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha apresenta um primeiro objetivo fundamental, estabelecer uma reflexão sobre o processo de “produção do espaço”. Dessa forma, um esforço inicial sobre o significado do processo de produção do espaço se torna essencial, principalmente devido ao fato de que o termo “produção” apresenta diferentes significados, sendo possível identificar um uso restrito do termo e um uso mais amplo, como também a necessidade de refletir sobre o espaço como categoria fundamental da Geografia.

A ideia essencial não é utilizar o termo “produção” em seu sentido restrito ligado à produção econômica, mas, aplicá-lo em um sentido amplo ligado à produção e reprodução da existência humana em seus diversos aspectos. Quanto à questão das diversas acepções do termo “produção” o filósofo francês marxista Henri Lefebvre nos adverte que:

Marx e Engels concebem um processo de duplo aspecto: história e práxis: A história resume a produção do ser humano por ele mesmo. O termo produção é tomado numa acepção muito mais ampla que a encontrada nos economistas; ele recolhe o sentido da filosofia inteira: produção de coisas (produtos) e de obras, de ideias e de ideologias, de consciência e de conhecimento, de ilusões e de verdades”. (LEFEBVRE, 1999, p. 37).

Assim, o sentido amplo da noção de produção ultrapassa o emprego elementar que o “senso comum” e os economistas atribuem ao termo. O sentido amplo nos permite pensar em uma perspectiva dialética onde as atividades humanas, o tempo e o espaço apresentam-se indissociáveis. Então a necessidade de explicitar essa “noção de produção” torna-se ainda mais imperativa e novamente Lefebvre (1999) revela que:

Aqui vem a fórmula decisiva. O que é a produção? Num sentido amplo, herdado de Hegel, mas transformado pela crítica da filosofia em geral e do hegelianismo em particular, pela contribuição da antropologia, a produção

não se limita à atividade que fabrica coisas para trocá-las. Existem as obras e os produtos. A produção em sentido amplo (produção do ser humano por ele mesmo) implica e compreende a produção de ideias, das representações, da linguagem. Intimamente misturada “à atividade material e ao comércio material dos homens, ela é a linguagem da vida real”. Os homens produzem as representações, as ideias, mas são os homens reais, ativos” (LEFEBVRE, 1999, p. 44).

Nessa reflexão a respeito do processo de produção, Lefebvre (1974) nos alerta ainda que “quem diz “produção” diz também “reprodução”, ao mesmo tempo, física e social: reprodução do modo de vida”. Esse processo de reprodução que não pode ser compreendido dissociado do ato de produzir revela que para se estruturar, uma sociedade, um modo de produção, precisam reproduzir suas forças produtivas e suas relações de produção, adquirindo, assim, o espaço uma importância fundamental neste momento. Torna-se nítida a importância do espaço na reprodução das relações sociais de produção quando verificamos o que nos diz Lefebvre (2006):

O espaço social contém, ao lhe assinalar os lugares apropriados (mais ou menos) as relações sociais de reprodução, a saber, as relações bio-fisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização específica da família – e as relações de produção, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto, as funções sociais hierarquizadas. Esses dois encadeamentos, produção e reprodução, não podem se separar: a divisão do trabalho repercute na família e aí se sustenta; inversamente, a organização familiar interfere na divisão do trabalho: todavia o espaço social discerne essas atividades para “localizá-las” (LEFEBVRE, 2006, p. 35).

Na fase do Modo de produção capitalista atual, caracterizado pela globalização e financeirização das relações, ocorre uma complexificação do processo de reprodução das relações sociais de produção que constituem a sociedade capitalista. Para reproduzir-se enquanto modo de produção através do processo de acumulação do capital e reprodução das relações assalariadas, como também da produção de mercadorias, a sociedade capitalista redimensiona suas formas de produzir o espaço, em função da necessidade de tornar o próprio espaço uma mercadoria. A reprodução do capital passa a levar em consideração, para realização de seus objetivos, o espaço como um todo e não como em outros momentos, como ocorria com o capitalismo industrial, em que apenas a fábrica e alguns outros lugares foram importantes. Agora não, a reprodução das relações sociais de produção tende a se realizar no espaço como um todo. Desta forma se

torna central estabelecer uma análise que procure associar a noção de “produção” ao espaço como uma realidade social.

Esta concepção sobre a noção de “produção” estabelecida originalmente por Hegel e reformulada por Karl Marx e Friedrich Engels é retomada por Lefebvre (1971 *apud* CARLOS, 2011), que a utiliza para interpretação e redimensionamento da concepção de espaço. Assim, o conceito de “produção do espaço” é central na obra do filósofo francês, tornando-se uma das mais significativas de suas contribuições. A ideia de produção, em seu sentido amplo, indica uma nova concepção a respeito do espaço. Nesta nova concepção, o caráter histórico, social e simbólico é evidenciado quando Lefebvre (1971), citado por Carlos (2011), afirma que:

Produzido no decurso da constituição do processo civilizatório – como produto de constituição da humanidade do homem – a produção do espaço contempla um mundo objetivo que só tem existência e sentido a partir e pelo sujeito. O menor objeto é, nesse sentido, suporte de sugestões e relações, ele remete a toda sorte de atividade que não são apresentadas diretamente nele. Tem sentido objetivo e social para as pessoas, como tradições, qualidades mais complexas, conferindo um valor simbólico. Quando o conjunto de objetos é tomado como um todo, os produtos tomam uma significação superior. A atividade examinada na escala da práxis toma conteúdo e forma superiores. A consciência humana aparece em relação com um conjunto de processos (LEFEBVRE, 1971, p. 125 *apud* CARLOS, 2011, p. 57)¹.

A reflexão desenvolvida por Lefebvre, introduzindo a perspectiva da “produção do espaço”, além de colocar a dimensão do espaço numa posição central da análise, estabelece a importância de se considerar a sociedade, suas relações e práticas sociais, o processo de trabalho, o tempo, e a questão do cotidiano como elementos essenciais para o entendimento da realidade e consequentemente para compreensão do mundo humano. A noção de produção, em uma perspectiva ampla de seu conceito, introduz a noção de movimento, de transformação da realidade humana, revelando a necessidade de conceber a realidade como algo em movimento.

No âmbito da Ciência Geográfica, dois expoentes da Geografia Brasileira, Milton Santos e Ana Fani Alessandri Carlos vão utilizar a noção de “produção do espaço”, proveniente de Lefebvre, para refletir sobre a dinâmica do objeto de estudo da Geografia. Neste processo de reflexão e crítica das concepções tradicionais do

¹ LEFEBVRE, H. *Le materialisme dialectique*. Paris: PUF, 1971, p. 125.

objeto de estudo da geografia, tendo como base a visão lefebvriana, Santos (1986), sugere que:

Nosso enfoque é fundamentalmente baseado no fato de ser o espaço humano reconhecido, tal qual é, em qualquer que seja o período histórico, como um resultado da produção. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço. A promoção do homem animal a homem social deu-se quando ele começou a produzir. Produzir significa tirar da natureza os elementos indispensáveis à reprodução da vida. A produção, pois, supõe uma intermediação entre o homem e a natureza, através das técnicas e dos instrumentos de trabalho inventados para o exercício desse intermédio (SANTOS, 1986, p. 161).

As contribuições de Santos (1986) vão ser fundamentais na construção de um novo conceito a respeito do espaço. O referido autor evidencia em muitas de suas obras o caráter dialético da noção de “produção do espaço” e mostra como a atividade humana através do trabalho produz o espaço. Valendo-se de elementos da teoria marxista, Santos deixa bastante evidente a importância da “produção” para o entendimento do espaço.

Outra contribuição importantíssima, ligada às reflexões do filósofo francês Henri Lefebvre, é da geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos. Em suas reflexões a autora aponta a importância da noção de “produção do espaço” para se pensar a realidade. E nesta tentativa de refletir sobre a dinâmica e a estrutura do mundo, Carlos (2011) ressalta que:

Para nós geógrafos, o desafio reside em pensar em que medida a problemática atual contempla o espaço, posto que espaço e tempo aparecem na análise geográfica em sua indissociabilidade, já que toda ação social se realiza num espaço determinado, num período de tempo preciso. Nessa perspectiva, as relações sociais se realizam na condição de relações espaciais, o que significa que a análise geográfica revela o mundo como prática sócio-espacial. A geografia, ao apontar a inexorabilidade da relação espaço-tempo, inclui uma perspectiva nova para a elucidação do período atual (CARLOS, 2011, p. 13).

Aprofundando sua análise, a referida geógrafa aponta o processo de “produção do espaço” como elemento essencial para a interpretação geográfica da realidade, questionando mesmo a análise objetiva do espaço como objeto de estudo da geografia. Para a autora, se constitui numa questão incômoda “saber se é possível apontar a existência de um espaço geográfico ou de uma construção/compreensão do mundo ou da realidade a partir da Geografia”. Desta

forma ela prioriza a questão da produção do espaço como questão central e não o espaço em si. E assim se refere Carlos (2011), apontando que:

A noção de produção do espaço, indicada como campo dessa reflexão, marca a passagem da compreensão do espaço produto da ação humana para a compreensão do movimento triádico, que entende o espaço pelo movimento ininterrupto que o define enquanto condição, meio e produto da reprodução social. O sentido do espaço está, portanto, associado à ação humana, à produção, ligando-se à noção de atividade e de trabalho, o que o situa no âmbito do processo de produção, do modo como o trabalho se divide a partir da hierarquização do grupo, de sua orientação, das relações de propriedade que comandam a divisão de seus frutos, a técnica, o conhecimento. (CARLOS, 2011, p. 24).

Com a utilização da noção de produção associada ao espaço a análise geográfica assume uma perspectiva nova, o que transforma também a dimensão metodológica do conhecimento geográfico. Neste aspecto, para uma interpretação da sociedade em sua dimensão espacial, a distinção entre as formas abstratas e concretas dos processos se torna fundamental, pois as atividades responsáveis pela produção do espaço se dão em um plano material, mas também no âmbito das relações simbólicas. Outras questões também surgem a partir da abordagem que prioriza a “produção do espaço” e novamente a contribuição de Carlos (2011), é muito fecunda:

Desse modo, a noção de produção traz questões importantes, pois seu sentido desvela os conteúdos do processo produtivo, os sujeitos produtores, os agentes da produção material do espaço, as finalidades que orientam essa produção no conjunto de determinada sociedade, bem como as suas formas de apropriação. Tal produção distingue-se das outras em seu significado e, por essa razão apresenta outras implicações. Se a produção tem por conteúdo relações sociais, tem também, uma localização no espaço. Assim, há a produção do espaço e produção das atividades no espaço, portanto, as atividades humanas se localizam diferencialmente no espaço, criando uma morfologia. (CARLOS, 2011, p. 68).

Como o processo de produção do espaço não pode se dissociar da “reprodução das relações sociais de produção”, ele ganha uma complexidade muito grande, principalmente em função do fato de que “a reprodução” ocorre no mesmo momento em que a sociedade produz suas bases e suas instituições, e sendo assim, necessita de uma interpretação rigorosa e profunda o necessário para que se possa desvelar seus mecanismos de funcionamento e Carlos (2011) oferece uma contribuição precisa ao explicar a dinâmica da reprodução:

O caminho da reflexão aqui apresentado abre-se para a noção de reprodução do espaço. Esse fato permite, também, o deslocamento do enfoque eminentemente econômico da noção de acumulação – vinculada estreitamente ao movimento do processo de produção do valor – àquela de reprodução como questão social, capaz de extrapolar a esfera do trabalho e da produção; a) ultrapassando a compreensão do indivíduo como força de trabalho; b) superando a ambiguidade da compreensão do espaço reduzido à ideia de meio ambiente; c) iluminando as representações construídas sobre o espaço; d) esclarecendo as lutas da sociedade como lutas pelo espaço contendo a apropriação contra a propriedade. Desse modo, o ato geral de produzir da sociedade no sentido de permitir sua reprodução enquanto espécie, como ato de produção da vida em todas as suas dimensões, apresentar-se-ia como ato de reprodução do espaço, ao mesmo tempo que este espaço aparece como condição e meio de realização das atividades em sua totalidade, no seio da reprodução da sociedade capitalista e permitindo sua crítica. (CARLOS, 2011, p. 68).

A partir das contribuições de Lefebvre (1983, 1991a, 1991b, 1999, 2002, 2006, 2008), Santos (1979, 1986, 1990, 1992, 1996, 2000, 2001, 2008) e Carlos (1996, 2004, 2011), no que diz respeito à questão da “produção do espaço”, será estabelecida uma reflexão sobre a dinâmica da Região do Cariri Cearense. A análise será desenvolvida tendo como intuito levar em consideração as várias dinâmicas sociais, com suas respectivas formas de relações que conduziram a formas específicas de produção do espaço regional e local, procurando em cada momento histórico revelar as diferentes formas assumidas pelo local e pelo regional em função do funcionamento do modo de produção em vigência.

1.2 Notas metodológicas acerca da noção de espaço

Além da questão do processo de “produção do espaço” adquire importância estratégica, uma reflexão a respeito da noção de espaço. Essa discussão é necessária em função da diversidade de visões que ao longo da história, tanto a filosofia como diversos ramos das ciências, apresentaram e utilizaram nas suas interpretações, e em casos, como na Arquitetura e no Urbanismo, colocaram em prática, concebendo, planejando e projetando áreas utilizando concepções e noções sobre o espaço, coerentes com seus interesses e projetos.

Quanto a essa questão que envolve as concepções a respeito do espaço, as reflexões desenvolvidas por Lefebvre (2006) se constituem numa das mais densas e ricas elaborações teóricas a respeito de como o espaço foi abordado pela filosofia e

pelo pensamento científico. O referido autor desenvolve uma análise crítica que procura explicitar os fundamentos filosóficos, teóricos e conceituais que ao longo da história, tanto a Filosofia como a Matemática, a Física e as Ciências Humanas utilizaram na construção de um conceito sobre o espaço.

Lefebvre (2006) aponta que tanto a Filosofia, como a Matemática construíram uma concepção abstrata do espaço que priorizava um exercício teórico completamente dissociado das práticas sociais, do cotidiano e do próprio homem. O que conduz a uma concepção do espaço como um objeto neutro e sem nenhum conteúdo social, ideológico, político ou econômico. No que diz respeito às ciências que trataram do espaço pode se dizer que contribuíram efetivamente para uma fragmentação do espaço ao delimitarem seus campos de estudos e seus métodos. A respeito da tendência dos estudos elaborados pela filosofia, Lefebvre (2006) revela que:

Os filósofos contribuíram para aprofundar o abismo, elaborando as representações abstratas (metafísicas) do espaço, entre outro, o espaço cartesiano, a “res extensa” absoluta, infinita, atributo divino apreendido a partir de uma só intuição porque homogênea (isotrópica). (LEFEBVRE, 2006, p. 22).

Essa construção teórica desenvolvida pela Filosofia e pela Matemática foram substanciais para consolidar uma ruptura nas formas de concepção do espaço estabelecendo uma distinção problemática entre o “espaço mental”, o “espaço físico” e o “espaço social”. Praticamente a ideia de “espaço mental” tornou-se dominante no discurso das ciências, como também, dos planejadores, arquitetos, urbanistas e outros que tratam do espaço. É dessa forma também, que ocorre um processo de marginalização das concepções do espaço como resultados das práticas sociais.

Fundamental então se torna esclarecer qual a concepção de espaço que será utilizada na análise e investigação do processo de produção do Espaço Regional do Cariri, especificamente o fragmento do espaço denominado de “Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha”. Isso porque “toda definição do espaço, ou pesquisa sobre o espaço, implica um conceito de espaço, no mínimo, para enunciar e classificar as proposições” (Lefebvre 2008: p.40). Como a análise procura se estruturar numa perspectiva dialética do espaço, considerando-o como essencialmente social, a proposta desenvolvida por Lefebvre (2006), no que diz respeito à diversidade de concepções que o espaço pode assumir, tanto numa perspectiva abstrata como

concreta, é central. Em suas reflexões o autor distingue quatro hipóteses que procura esclarecer como o espaço é concebido.

Uma primeira proposição diz respeito à ideia de uma concepção do espaço como um fenômeno com existência própria, independente do homem, da cultura e mesmo dissociado das práticas sociais, o espaço absoluto. Esta concepção de espaço absoluto teria como atributos uma dimensão de neutralidade e uma perspectiva homogênea. Corresponderia a ideia do espaço mental desenvolvida pelas teorizações abstratas de uma filosofia e uma matemática nitidamente metafísicas. Assim, “nessa hipótese, a forma pura do espaço, desembaraçada de todo o conteúdo (sensível, material, vivido, prático) é uma essência, uma ideia absoluta análoga ao número platônico”. É aqui nessa concepção que vamos encontrar os fundamentos do entendimento pela geografia, do espaço como uma plataforma, o espaço como uma superfície onde os processos se localizam, o espaço como algo completamente dissociado das relações sociais, políticas, culturais e ideológicas.

As implicações desta concepção do espaço na investigação e análise da dinâmica regional do Cariri e na produção do espaço local e regional se verificam na própria forma como os diversos atores conceituam e caracterizam o espaço regional caririense. A concepção disseminada pelas instituições, empresas e mesmo pela população de uma forma geral é da Região do Cariri como uma parcela do espaço autônoma e que apresenta características físicas peculiares, possuidora de uma economia própria, gerida por agentes locais. A Região do Cariri é apresentada como uma área onde seus atributos físicos, o relevo, o clima, a vegetação e sua estrutura geológica sejam a única base para sua existência. O que faz com que o intenso processo de transformação do espaço local e regional em mercadoria utilize como discurso de sedução, as condições climáticas, a Chapada do Araripe e a disponibilidade de recursos hídricos. Para os agentes econômicos e políticos o espaço regional e local assumem um caráter de plataforma de seus empreendimentos e de suas estratégias.

A crítica desenvolvida por Lefebvre (2008, p. 43) a esta primeira concepção de espaço, em sua perspectiva absoluta, aponta para “a liquidação do tempo histórico, como tempo vivido”, ou seja, o espaço como algo vazio, passível de quantificação e cálculos, um espaço totalmente dissociado das relações sociais de produção e totalmente separado da dinâmica constitutiva de uma sociedade.

Uma segunda proposição a respeito da concepção de espaço, na ótica de Lefebvre (2008) diz respeito ao “espaço social como produto da sociedade”. Essa concepção apresenta o espaço como resultado da História. Um espaço derivado do trabalho e da divisão do trabalho. Segundo o autor, uma hipótese que ainda precisa de esclarecimentos e “mal confrontada com outras hipóteses teóricas” (LEFEBVRE, 2008, p. 44). A ideia do espaço como produto da sociedade não é suficiente para possibilitar uma compreensão dialética do espaço.

A terceira hipótese apresenta o “espaço como intermediário, um modo, um instrumento, um meio e uma mediação”. Nessa concepção o espaço seria um objeto passível de controle, organização, planificação e normatização a partir de práticas espaciais de agentes que são detentores dos poderes políticos e econômicos. Explicitando o significado desta concepção, Lefebvre (2008) afirma que:

Nessa hipótese, o espaço é um instrumento político intencionalmente manipulado, mesmo se a intenção se dissimula sob as aparências coerentes da figura espacial. É um modo nas mãos de “alguém”, individual ou coletivo, isto é, de um poder (por exemplo, um Estado), de uma classe dominante (a burguesia) ou de um grupo que tanto pode representar a sociedade global, quanto ter seus próprios objetivos, como os tecnocratas, por exemplo. (LEFEBVRE, 2008, p. 44-45).

Adquire uma importância fundamental, nesta concepção do espaço, a noção de “representação do espaço” que corresponde ao espaço concebido, ou seja, ao espaço estrategicamente “pensado” pelos atores que comandam a funcionalidade do espaço, ou por aqueles atores que projetam e elaboram as políticas territoriais. Essa concepção do espaço favorece o desenvolvimento de ações que buscam uma regulação do espaço com objetivos de estabelecimento de uma ordem funcional e racional favorável a perpetuação do modo de produção capitalista e do seu processo de reprodução das relações sociais de produção. Assim o próprio processo de produção do espaço insere-se na dinâmica de estruturação da própria sociedade, reproduzindo suas classes sociais e seus processos perversos de acumulação de capital. Ainda refletindo sobre essa concepção de espaço, Lefebvre (2008) aponta que:

Enquanto mediação, um tal espaço instrumental permite tanto impor uma certa coesão (pela violência), quanto dissimular as contradições da realidade (sob uma aparente coerência racional e objetiva). Aqui, os termos

“coesão” e coerência” significam regulação buscada, pretendida, projetada, o que não quer dizer obtida. (LEFEBVRE, 2008, p. 45).

A concepção do “espaço como um meio, uma mediação, um instrumento” no que concerne à reflexão e análise sobre a produção do espaço regional caririense, o Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha é essencial. Nesta parcela do território cearense a ação do Estado, tanto a nível local, como estadual e federal vai ser determinante. Não apenas como um agente político, mas também econômico, atuando na produção do espaço, o Estado tem sido decisivo na produção de formas espaciais que estão viabilizando os novos fluxos econômicos. Um conjunto de novas vias interligando os principais municípios foi construído a partir dos recursos públicos como também vias locais. A produção de novos “Objetos geográficos” ligados aos serviços de saúde, educação, econômicos, políticos e ligados à segurança pública também foram construídos. Todos esses empreendimentos em consonância com investimentos econômicos e financeiros de grandes empresas nacionais e internacionais. Para o Estado a área do Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha é estratégica, basta constatar que o projeto que estabeleceu e normatizou a área como uma região metropolitana foi elaborado independente da presença de uma metrópole na área. O objetivo essencial era justificar investimentos naquela área. Nessa concepção se enquadram também as ações de empresas, bancos, imobiliárias e empreiteiras, como também de capitalistas individuais.

A quarta proposição diz respeito à concepção do “espaço como reprodução das relações sociais de produção”. Essa concepção resulta de uma transformação na estrutura do modo de produção capitalista e o novo papel que o espaço vai desempenhar na reprodução das relações sociais de produção. No período do capitalismo industrial a reprodução das relações sociais de produção se dava a partir da reprodução das forças produtivas, principalmente os meios de produção e a força de trabalho e para essa realização a indústria e a cidade (através do consumo) eram fundamentais. No entanto, com a expansão das forças produtivas e da divisão do trabalho numa escala mundial, o processo de reprodução das relações sociais de produção apresenta uma transformação significativa, não mais a indústria e a cidade são suficientes para reproduzir as relações sociais de produção. A nova lógica do capitalismo globalizado, ao expandir suas forças produtivas em uma escala agora mundial, exige também que a reprodução das relações de produção envolva o espaço como um todo.

O resultado dessa grande mudança verificada no modo de produção e impulsionada pelo uso das tecnologias da informação, consequentemente com uma nova divisão internacional do trabalho, vai necessitar para desenvolver sua expansão ampliada e seu processo de acumulação, envolver o cotidiano, a cidade, as estruturas espaciais passadas, a educação, o lazer e a cultura. A reprodução das relações sociais vai requerer para sua realização que todas as esferas da realização da vida sejam incluídas no circuito das mercadorias, principalmente a dimensão espacial dessas atividades.

Fundamentado nesta concepção do “espaço como reprodução das relações sociais de produção”, Lefebvre (2008, p. 48) vai propor uma mudança fundamental no que diz respeito a questão da “produção”, ou seja, nos revela que a questão não reside mais no entendimento da produção das coisas, dos objetos e sim na “produção do espaço”. As questões que foram fundamentais para o século XIX, com o advento do Capitalismo Industrial, como a indústria, a produção econômica, os produtos, as técnicas, dão lugar a um novo conjunto de temáticas geradas pelo capitalismo atual, o espaço, o urbano, a cidade e o cotidiano. Assim é a produção do espaço como um todo, levando em consideração a reprodução das relações sociais de produção, a grande questão central.

Aprofundando sua análise sobre o processo de “produção do espaço” a partir desta concepção que envolve a “reprodução das relações sociais de produção” e com um intuito de construir uma noção, ou mesmo um conceito sobre o que se entende por “espaço social” e ainda valendo-se de uma concepção dialética da realidade, Henri Lefebvre propõe uma nova forma de conceber a ideia de objeto, já que para ele “o espaço contém objetos muito diversos, naturais e sociais, redes e filões, veículos de trocas materiais e de informação” (Lefebvre 2006: p.69). Essa nova visão sobre o objeto revela que o mesmo contém relações sociais e as formas dessas relações. Com isso, Lefebvre (2008) afirma:

Se é isso que ocorre, poder-se-á dizer, já se pode dizer sobre o espaço, (seja sobre um segmento, seja sobre um conjunto espacial) o que Marx dizia e mostrava sobre cada coisa produzida: que, enquanto coisa, contém e dissimula relações sociais. Este pacote de açúcar não é apenas um pacote de determinado peso, destinado a adoçar o café e o chá. Não se trata apenas de uma matéria paga com determinada soma de dinheiro. O pacote e o dinheiro que o paga implicam relações sociais, sobretudo a relação “trabalho-capital”, o salário e a mais-valia, ao mesmo tempo expressas, ocultas, alienadas (reificadas) pelas coisas, o dinheiro e a

matéria, a abstração e o fato prático. Do mesmo modo, atualmente, para o menor espaço (aquele que é consagrado à perpetuação da “natureza”, e ainda assim o sentido de uma tal conservação confirmaria, se observada mais de perto, a apreciação precedente). (LEFEBVRE, 2008, p. 117).

Os objetos não se encerram em sua materialidade, não são fenômenos abstratos, pelo contrário, são fenômenos concretos resultantes de relações, por conseguinte, capazes de serem concebidos a partir de uma lógica dialética que envolve forma e essência. O “espaço social” que se constitui de objetos e relações requer uma análise rigorosa, pois se reveste de uma complexidade muito grande para além de um simples objeto como nos esclarece Lefebvre (2006):

O espaço (social) não é uma coisa entre as coisas, um produto qualquer entre os produtos: ele engloba as coisas produzidas, ele compreende suas relações em sua coexistência e sua simultaneidade: ordem (relativa) e/ou desordem (relativa) e de um conjunto de operações, e não pode se reduzir a um simples objeto. (LEFEBVRE, 2006, p. 66).

Quanto à produção do “espaço social”, Henri Lefebvre ainda nos alerta para o valor analítico que tem a distinção entre as noções de “obra” e de “produto”. Para o autor “a obra tem algo de insubstituível e de único, enquanto o produto pode se repetir e resulta de gestos e atos repetitivos”, esclarece também que a natureza cria, não consegue produzir, enquanto o “Homem, ou seja, a prática social cria obras e produz coisas”. Essa discussão assume uma relevância fundamental em função de que, a partir essencialmente do capitalismo, há uma tendência da produção do espaço estabelecer seus alicerces a partir da criação de objetos, produtos e não de obras, sendo essa tendência resultado da hegemonia do valor de troca sobre o valor de uso. Confirmando tal perspectiva, Lefebvre (2008) revela que:

O uso e o valor de uso quase desapareceram inteiramente, não persistindo senão como exigência do consumo de mercadorias, desaparecendo quase inteiramente o lado qualitativo do uso. Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constitui a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização do produto. (LEFEBVRE, 2008, p. 83).

No âmbito da dinâmica das transformações que ocorreram na Ciência Geográfica, as contribuições de Lefebvre (2008) tiveram um impacto muito forte e influenciaram decisivamente a formulação de um dos mais importantes sistemas de ideias e conceitos já produzidos na história da Geografia Brasileira e Mundial, ou

seja, o “pensamento de Santos”. Sem dúvidas, foi Santos que nos legou alguns das mais significativas contribuições teóricas a respeito do espaço. Num primeiro momento, a partir de suas reflexões desenvolvidas no já clássico “Por uma Geografia nova”, Santos (1986) afirma que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. (SANTOS, 1986, p. 122).

A reflexão desenvolvida por Santos (1986) nos traz uma concepção de espaço onde o tempo, as relações sociais e o trabalho são contemplados, o que nos oferece a possibilidade de pensar a dinâmica regional do Cariri cearense em consonância com o seu sistema de ideias e com as contribuições de Lefebvre (2006). É desta forma que o conceito de “lugar” será utilizado para entendimento do processo de produção do fragmento do espaço regional caririense denominado de Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha. No entanto não apenas a contribuição desenvolvida no já clássico “Por uma Geografia Nova” assume uma relevância estrutural, mas também, a contribuição desenvolvida em uma das suas obras mais significativas a respeito do espaço, ou seja, “A natureza do espaço”.

Por último, ainda em uma perspectiva ligada à questão central do processo de “produção do espaço”, torna-se crucial levar em consideração outra proposta sugerida por Lefebvre (2008) para a compreensão do “espaço social” como algo produzido e profundamente imbricado com o complexo processo de “reprodução das relações sociais de produção”, a saber, a prática espacial, as representações do espaço e os espaços de representação. Esses elementos, tomados como essenciais para a compreensão da “produção do espaço” nos oferecem a possibilidade de romper com a separação entre o que se denomina de espaço físico, espaço mental e espaço social. Isso porque, na dialética que envolve o processo de produção do espaço, o social, o histórico, o cultural e o ideológico, estabelecem uma complexa relação que se materializam nas formas como cada sociedade produz seu espaço.

Então, não só as relações constitutivas de um dado espaço adquirem importância, mas também, as formas como são vividas, concebidas e percebidas tais relações.

A tríade representada pela “prática espacial”, “as representações do espaço” e os “espaços de representação”, desempenham um papel fundamental na elucidação da “produção do espaço” de uma determinada sociedade. A prática social vai envolver as ações que os indivíduos, instituições, classes e demais atores realizam, o que coloca a questão do cotidiano e o uso do tempo, como centrais no entendimento da produção do espaço, como também na atualidade a questão do urbano e da cidade e a estruturação de uma sociedade global. Nestas ações os processos de produção e reprodução das relações sociais de produção capitalista adquirem relevo, como também a expansão em uma escala mundial das forças produtivas e o redimensionamento da divisão territorial do trabalho. É aqui também, na dimensão da prática social que reside a problemática das relações abstratas e das relações concretas, pois embora as ações se realizem, em um determinado local, elas podem não ser diretamente responsáveis pela produção do espaço, pois como nos alerta Lefebvre (2006, p. 44), “os produtores do espaço sempre agiram segundo uma representação, ao passo que os usuários suportam o que lhe é imposto, mais ou menos inserido ou justificado em seu espaço de representação”.

É necessário assim saber que esses três elementos não podem ser levados em consideração isoladamente, “perdem seu alcance se lhe for dado ou atribuído o estatuto de um modelo abstrato”. Eles estão dialeticamente relacionados. Quanto “às representações do espaço”, elas correspondem ao denominado espaço concebido, ou seja, corresponde às concepções que um grupo de agentes (cientistas, urbanistas, geógrafos, tecnocratas, etc.) incluindo também o Estado, possui, elabora e utiliza no processo de produção do espaço. As “representações do espaço” envolvem ideologias e formas de conhecimentos diversos, mas apresentam um caráter prático que se verifica no próprio processo de produção do espaço. Então, os projetos desenvolvidos pelo Estado, como também pelas elites detentoras do capital, para consecução dos processos econômicos se enquadram nesta perspectiva. E a produção do espaço está intrinsecamente ligada as “representações do espaço”, pois os projetos e concepções gerados para criar, administrar espaços, são também voltados para o controle e a disciplina das “práticas espaciais”, na verdade, são estratégias com fins políticos já estabelecidos.

Quanto aos “espaços de representação” consistem no espaço percebido, mas também passível de uso, vivido. Os “espaços de representação” contêm ideologias, simbologias, tradições. Sendo considerado como o “espaço dos habitantes, dos usuários” e que “tenderiam para sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais” (LEFEBVRE, 2006, p. 40). Quanto à sua origem estariam relacionados “a história, de um povo e a de cada indivíduo pertencente a esse grupo”. Com isso, a importância dessa tríade, as práticas espaciais, as representações do espaço e os espaços de representações na compreensão do processo de produção do espaço fica bastante evidente, mesmo assim não é demais atentar para a observação de Lefebvre (2006) quando este diz:

As relações entre estes três elementos – o percebido, o concebido, o vivido – nunca são simples, nem estáveis, tampouco são, mais “positivas” no sentido em que esse termo opor-se-ia ao “negativo”, ao indecifrável, ao não-dito, ao interdito, ao inconsciente. Esses momentos e suas conexões são conscientes? Sim, e contudo, mal conhecidos. (LEFEBVRE, 2006, p. 45).

Analisar a Região do Cariri Cearense a partir de uma perspectiva que contempla essencialmente o processo de “produção do espaço” nos oferece a possibilidade de uma investigação crítica e capaz de desvendar alguns processos e representações que alicerçam ainda hoje as formas de percepção dessa parcela do espaço brasileiro. Essa possibilidade parece fazer parte da própria forma como o conceito de produção do espaço deve ser apreendido e aplicado, ou seja, a investigação precisa averiguar de uma forma coerente desde a manifestação formal, material do espaço, suas dimensões abstratas, mas que constituem a realidade concreta, até as estruturas e processos. Essa tendência crítica da abordagem centrada na “produção do espaço” é explicitada quando Lefebvre (2006) afirma:

Resulta que para apreender o conceito proposto, ou seja, a produção do espaço é necessário dissipar as ideologias que mascaram o uso das forças produtivas no seio dos modos de produção em geral e, em particular, do modo de produção existente. É preciso, portanto, destruir as ideologias da espacialidade (abstrata), os recortes e representações do espaço, ou seja, as ideologias que não se dão como tais, evidentemente, mas explicitamente para saber. Esta crítica estende (tira/obtem/deriva) sua dificuldade e sua complexidade daquilo que ela traz ao mesmo tempo sobre as formas (mentais) do espaço e sobre seus conteúdos práticos (sociais). (LEFEBVRE, 2006, p. 79).

Com relação à Região do Cariri cearense, essa reflexão acima apontada por Lefebvre (2006) é muito útil, pois desde a forma como essa região é concebida até as formas que a mesma é recortada por diversos agentes, indivíduos, instituições e principalmente pelo Estado, para ser utilizada, ou submetida a um planejamento, requer uma crítica rigorosa. Na verdade, as inúmeras formas de se conceber a Região do Cariri resultam de estratégias políticas e ideológicas que visam o controle e o domínio do território. São formas de “representação do espaço” que estiveram sempre presentes nas “práticas espaciais”, por conseguinte no imaginário popular e nos símbolos erigidos ao longo da história regional, presentes também, nos “espaços de representação” local.

Uma dessas formas de concepção do espaço que necessita de uma reflexão é a ideia de Região do Cariri. Refletir sobre que tipo de concepção de espaço estrutura a noção de região, como também identificar os elementos que, ao longo da história regional e local, constituíram a teia de significados que resultaram em uma identidade regional. Não esquecendo que muitas vezes essa identidade é utilizada pelas elites para mascarar as profundas desigualdades sociais existentes, como também para legitimar a hegemonia dessas elites. Daí porque se torna imperativa uma reflexão a respeito dessa construção conceitual denominada de “Região do Cariri”, sem, no entanto, deixar de apresentar novos elementos que fundamentam a constituição objetiva de uma região, no entanto, a partir de novos elementos.

2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL CARIRIENSE AO LONGO DO DESENVOLVIMENTO DO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E DA FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL BRASILEIRA

“Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem.”

(Milton Santos)

A análise sobre a produção do espaço na Região do Cariri vai estabelecer inicialmente uma reflexão sobre os fundamentos que estruturaram a concepção de região utilizada para esta parcela do espaço brasileiro. Em seguida, são apresentados elementos que vão alicerçar uma nova proposta de entendimento da concepção de região e de sua dinâmica ao longo da história.

2.1 A dinâmica do espaço regional: a denominação de “Região do Cariri” e os fundamentos da identidade regional na ótica da perspectiva das “representações do espaço”

A denominada Região do Cariri cearense está localizada na porção Sul do Estado do Ceará e sua história está ligada diretamente a dinâmica do desenvolvimento do processo de Produção do Espaço Brasileiro desde a estruturação inicial realizada pelos diversos grupos indígenas, antes do processo de colonização, até a inserção no modo de produção capitalista e a constituição da formação econômica e social do Brasil. A produção do espaço regional caririense

será ao longo do processo histórico, marcada pela ação de diferentes agentes sociais, desde os Índios Cariris, passando pelos colonizados oriundos da Capitania de Pernambuco e da Bahia principalmente, até os representantes dos segmentos das sociedades ditas modernas.

Figura 01 - O Cariri Cearense: porção meridional do Ceará

Fonte: Atlas Geográfico do Ceará (2013)

A denominação de Região do Cariri está fundamentada em pressupostos que procuram oferecer elementos com objetivos de individualizar esta parcela do espaço com o intuito de construir uma identidade regional. Assim, dois elementos se destacam na elaboração do entendimento do que vem a ser a “Região do Cariri”; o primeiro diz respeito à caracterização ambiental da área, que procura dar ênfase a alguns elementos físicos do espaço, como a bacia sedimentar do Araripe, a chapada do Araripe, a Floresta Nacional do Araripe, e as condições climáticas (temperatura, pluviosidade, umidade). O segundo, o processo de povoamento da área pelos Índios Cariris. Esses dois elementos são responsáveis pela forma como a região é identificada, inclusive pela denominação que recebe.

Nesta perspectiva é que se constrói a distinção clássica entre duas áreas que no Nordeste recebem o nome de Cariri. A primeira fica na Paraíba, numa área que apresenta condições naturais diferentes do Ceará, onde a semiaridez é evidente e marcante, com a manifestação de uma vegetação de caatinga. A segunda está localizada no sul do Ceará, que recebeu a denominação de “Cariris Novos”, pois a mesma foi colonizada posteriormente, mas também, por apresentar condições ambientais diferenciadas do grande semiárido nordestino, embora localizada no mesmo.

2.2 As condições ambientais e o povoamento inicial como fundamento do conceito tradicional de Região do Cariri

A respeito do Cariri Cearense, as reflexões desenvolvidas que levam em consideração as condições ambientais, consolidaram a ideia de que essa referida área se constitui em um “brejo de pé-de-serra”. A esse respeito, Andrade (1986, p. 34) aponta que “os brejos resultam a um só tempo da ação conjunta de dois fatores: a altitude e a exposição aos ventos úmidos do Sudeste”. No que se refere ao espaço caririense, o referido geógrafo pernambucano refere-se ao cariri como uma “ilha úmida na grande vastidão seca”. As diferenças ambientais da Região do Cariri cearense são atribuídas principalmente à presença de uma paisagem geomorfológica marcada pela presença da chapada do Araripe, que seria responsável por chuvas orográficas e por índices pluviométricos, entre 600 e 800 mm anuais que diferem da lógica pluviométrica do restante do sertão semiárido. Outros elementos da estrutura física são citados quando se quer evidenciar a especificidade ambiental do Cariri, ou seja, a grande disponibilidade de recursos hídricos, águas subterrâneas, propiciado pela bacia sedimentar e por um regime pluviométrico diferenciado, como também a variedade de vegetação encontrada na área, no caso o destaque seria a Floresta Nacional do Araripe.

Nesse processo de construção do conceito de Região do Cariri, outro fator adquire importância fundamental, ou seja, o processo de povoamento da área. O Cariri cearense foi povoado inicialmente por índios da tribo Cariris. A denominação desta porção do espaço brasileiro resulta do processo inicial de ocupação do espaço por agentes indígenas, denominados Cariris. No tocante a este assunto, Figueiredo Filho (2010), no seu livro “História do Cariri”, afirma que:

Procede a sua denominação de um dos ramos indígena do Brasil, classificados pelo grande historiador cearense – Capistrano de Abreu, nestes oito grupos: TUPIS GUARANIS, GUAICURUS, NUARUAQUES, CARIRIS, GÊS OU TAPUIAS, CARAÍBAS, PANOS E BETÓIAS”. Ainda no que se refere à questão do povoamento da Região do Cariri, o escritor J de Figueiredo Filho, afirma que, “os Cariris (KIRIRIS-SABUJAS de Ehreulich) estendiam-se do Paraguai ao Itapicuru e aí foram encontrados, desde os primeiros tempos da colonização. Senhoreavam, a princípio, o litoral

nordestino, onde ainda os viram os portugueses. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 6).

Ancorada nestes dois elementos fundamentais, o processo de povoamento da área e as condições ambientais, a ideia de “Região do Cariri” se consolida e passa a fazer parte do discurso dos diversos agentes responsáveis pelas ações que estão na base de produção do espaço. Não apenas as populações dos diversos municípios que compõem a referida região adotam essa denominação como também as demais instituições, inclusive o Estado. Passa a Região do Cariri a representar a parte sul do Estado do Ceará e a ter como principais municípios, Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. No entanto, os fundamentos que alicerçam a noção de Região do Cariri são tradicionais, pois priorizam dois processos que são passíveis de questionamentos no que diz respeito à definição de um recorte regional. O processo de povoamento não consegue, durante todo o processo de ocupação dessa parcela do espaço, atuar decisivamente na produção do espaço regional. Outros processos ligados à dinâmica do modo de produção capitalista foram muito mais decisivos. Quanto à questão das condições ambientais, os elementos físicos (relevo, clima, vegetação) quando colocados como agentes ativos na definição de uma área, revelam nitidamente uma tendência tradicional que não leva em consideração o espaço como resultado da ação humana. Na verdade, a ideia de “Região do Cariri” se inscreve na necessidade de individualização do espaço que inviabiliza a sua compreensão numa perspectiva crítica. Surge assim, a necessidade de superação dessa visão simplista, reducionista e fragmentada. É bom lembrar também, como nos alerta Lefebvre (2006), que:

Nem a natureza – o clima e o sítio – nem a história anterior bastam para explicar um espaço social. Nem a cultura. Além disso, o crescimento das forças produtivas não conduz à constituição de um espaço ou de um tempo que resultariam segundo um esquema causal. Mediações e mediadores se interpõem: grupos atuantes, razões no conhecimento, na ideologia, nas representações. (LEFEBVRE. 2006, p. 65).

Importante observar que a construção da ideia de Região do Cariri tendo como fundamentos as condições ambientais e o processo de povoamento não é fruto de práticas e concepções espaciais ingênuas. Existem interesses e estratégias de apropriação do espaço regional pelas elites econômicas e políticas. No que diz respeito às estratégias empreendidas pelas elites hegemônicas utilizando o discurso

regionalista, a noção de Região do Cariri, já no século XIX, ocorreu uma tentativa de transformar a referida região em uma província, e durante o século XX e XXI as elites políticas e econômicas cogitaram e cogitam a criação do Estado do Cariri, Sobre a criação da província do Cariri, Lóssio (1986, p. 22) assinala que “no dia 18 de julho de 1854, pediu à câmara de Barbalha, a criação de uma nova província, a Província do Cariri, sendo a capital a cidade do Crato”.

Os interesses das elites para dominar o território são também evidentes nas ações que serão empreendidas a partir da segunda metade do século XIX, quando a Cidade do Crato vai consolidando sua hegemonia regional. Além do pedido solicitado pela câmara municipal de Barbalha, dois anos depois as elites do Crato manifestaram seus próprios interesses de controle do território. A este respeito, Della Cava (2014) afirma:

Em 1856, os líderes políticos cratenses iniciaram uma campanha em prol da autonomia política dentro do Império. Nesse mesmo ano, a Câmara Municipal do Crato propôs ao governo imperial e à Câmara provincial um plano de criação de uma nova província, a dos Cariris Novos. Aspirava o Crato poder, assim, alargar sua autoridade de modo a compreender não apenas todo o sul do Ceará como também as áreas vizinhas do Piauí, da Paraíba e de Pernambuco, onde os interesses cratenses tinham se entrincheirado fortemente. (DELLA CAVA, 2014, p. 66).

Também o uso das tradições e das representações simbólicas sedimentou esta noção de Região do Cariri. O Hino de um dos mais tradicionais municípios que constitui o Cariri cearense, o município do Crato, utiliza uma visão enaltecadora dos índios cariris, das condições ambientais e das elites locais. E não se pode esquecer que o município do Crato, através de suas elites exerceu uma significativa hegemonia na região, sendo seu hino cantado nas escolas locais e nas manifestações cívicas. Na letra, seu autor, Martins D’Alvarez, diz:

Flor da Terra do sol /Ó berço esplêndido/Dos guerreiros da tribo Cariri/Sou teu filho ao teu calor/Cresci, amei, sonhei, vivi/Ao sopé da serra entre canaviais/Quem já te viu/ ó não te esquece mais/Para te exaltar/ó flor do Brasil/Hei de cantar, meu Crato gentil/Ó coração do Ceará/Comigo a nação de cantar/No teu céu linda brilha estrela fúgida/Que há cem anos norteia o teu porvir/Crato amado, idolatrado/Teu destino ás de seguir/Grande e forte como nosso verde mar/Benditas sejam ó terra de Alencar. (D’ALVAREZ; NEVES, [1953]).

A construção da identidade regional também está presente na música regional. Um dos mais importantes compositores da Região do Cariri, natural da Cidade do Crato, Abdoral Jamaru escreve, em 1986, a canção para “Para ninar o Cariri” e diz:

O sol doura o cume verde da chapada do Araripe, sonolenta a tarde cai, vem ninar o cariri. Dorme o canavial, marmeleiro, piquizal e as palmeiras do coco babaçu. Cores, claros urubus-rei, vim-vim, jacu, caboclo, lindo zabelê, cigarras, papa-ventos, guachinin, rolinhas. Repousa o camaleão, borboleta, gavião. Fecha a folha o malisal. Dorme em paz criança e ancião. Cores claros urubus-reis, vivi, jacu, cabloco lindo. Zabelê cigarras, papas-ventos, guachinin, rolinhas. Já vão dormir. (JAMACARU, 1986).

É a dimensão ambiental, revelada na letra da música, a partir da descrição da fauna e da flora regional que ganha relevo, consolidando o peso que tem a natureza nas formas de concepção e percepção da denominada Região do Cariri cearense. Evidencia-se assim a influência que tem as “representações do espaço” na elaboração da noção de “Região do Cariri Cearense”. Superar este paradigma é algo academicamente pertinente a se fazer.

2.3 Novos elementos para a construção do conceito de Região do Cariri

A superação da noção de “Região do Cariri” como resultado apenas de seu processo de povoamento e das condições ambientais devem ser buscadas, e consequentemente reveladas, novas bases conceituais para construção de uma nova concepção de região. Devemos nos perguntar como ao longo da história regional essa noção de região conseguiu se sedimentar sem levar em consideração a sociedade, o modo de produção, o tempo, e as formas que se estabeleceram nesse espaço entre o homem e a natureza mediada pelas técnicas. É preciso também refletir como a ideia de totalidade e a noção da dialética entre o particular e o geral foram desprezadas.

Na tentativa de propor uma nova forma de conceber essa parcela do espaço brasileiro que foi denominado de “Região do Cariri”, as contribuições de Lefebvre (2006), no que diz respeito à questão da tríade, práticas espaciais, representações do espaço e espaços de representação, novamente se impõem. Os avanços

realizados pela Ciência Geográfica, em seu paradigma crítico, também assumem importância estratégica, principalmente as contribuições de Santos (1986). Como também novos fundamentos filosóficos, conceituais, teóricos e metodológicos.

No aspecto filosófico, o método dialético é central, e nesta perspectiva a necessidade de pensar o regional a partir de uma lógica que contemple a categoria da totalidade para que a região seja pensada através da dialética entre o todo e a parte. Jamais a região pode ser concebida com uma categoria isolada, autônoma e natural. A região faz parte de uma totalidade espacial mais ampla e está inserida em um campo de relações, por conseguinte tem um caráter essencialmente social. A noção de totalidade estabelece a importância do movimento, das transformações, das contradições e das relações, oferecendo a possibilidade de pensar o espaço como o todo e o lugar, a região como um elemento desse todo. Santos (1992), a respeito da complexa categoria da totalidade, esclarece que:

A totalidade do real, implicando um movimento (processo) comum de estrutura, função e forma, é uma totalidade concreta e dialética. Seu estudo requer o conhecimento de estruturas componentes que o reproduze, quer simultaneamente, quer separadamente. Tais estruturas, como a própria totalidade, não são congeladas; pelo contrário, elas mudam com o tempo. Sua evolução é qualitativa e quantitativamente para cada uma delas e para cada um de seus componentes, Trata-se de uma evolução diacrônica onde cada variável ou elemento passa por uma mudança de valor relativo em cada mutação. A mudança de valor é relativa no sentido de que só pode ser apreendida como relacionada com o total. Assim é que os lugares – combinação localizada de variáveis sociais – mudam também de valor e de papel à medida que a história se desenvolve. (SANTOS, 1992, p. 58).

A Região do Cariri não pode então ser concebida sem que se leve em consideração a história. Sem que se perceba o movimento e as transformações que essa parcela do espaço experimentou. Que papel assumiu essa parcela do espaço em determinados contextos e determinados momentos. Além dessa percepção da região como algo em movimento, em transformação, observar também as contradições presentes no próprio processo de constituição da Região. Aqui o papel dos diversos agentes, principalmente as classes sociais, no processo de produção do espaço regional é central. Nesse processo, as diversas elites, proprietários rurais, comerciantes, industriais, e empresários, como também os trabalhadores, desempenharam uma função crucial na estruturação de diversas configurações espaciais.

Nenhuma parcela do espaço pode ser compreendida isoladamente do contexto histórico, do modo de produção e da formação socioespacial. Assim, o modo de produção capitalista assume uma importância fundamental na compreensão da produção do espaço regional do Cariri por um período significativo que vai da destruição e expulsão dos Índios Cariri até os dias atuais. E o que causa admiração é que na construção da ideia de Região do Cariri, as relações de produção capitalistas não são levadas em consideração na formulação do conceito de região. A ênfase, como já foi dito, é sempre no processo de povoamento e nas condições ambientais. No entanto é preciso enfatizar a importância central que tem a categoria do modo de produção na constituição do espaço regional caririense.

Ao evidenciar o papel do modo de produção na estruturação do espaço, Santos (1979) nos adverte que “o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos”. Desta forma, o espaço em nenhuma de suas manifestações pode ser tomado como um fenômeno isolado e dissociado da dinâmica do modo de produção vigente. Nesta ótica, a Região do Cariri cearense, para ser efetivamente compreendida, a partir do seu processo de produção do espaço, deve levar em consideração sua inserção no modo de produção capitalista. Em uma de suas reflexões sobre a importância do Modo de Produção na compreensão da produção do espaço, Santos (1979) revela que:

As diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares. O valor de cada local depende de níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. Assim a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional. (SANTOS, 1979, p. 14).

Consolida-se assim a necessidade de procurar entender as relações que, ao longo da trajetória histórica, a parcela do espaço denominada de “Região do Cariri”, a partir de seus agentes sociais, estabeleceu com os centros de comando do capitalismo, como também discernir as diversas formas de organização espacial assumidas, verificar a natureza das relações estruturais que esta parcela do espaço manteve com o modo de produção. A análise nos revela que é possível verificar que as formas assumidas pelo capitalismo, ao longo de sua história, marcaram significativamente a referida área. E com relação a essa tendência que se

estabelece entre os lugares, os objetos, as instituições, as classes, e outros elementos, como o modo de produção, novamente Santos (2008), esclarece que:

A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades “externas”, aquelas do modo de produção “puro”, quanto pelas necessidades “internas”, representadas essencialmente pela estrutura de todas as procuras e as estruturas de classes, isto é, a formação social propriamente dita. (SANTOS, 2008, p. 28).

O modo de produção, especificamente o capitalista, aparece então como uma categoria fundamental na compreensão do processo de produção do espaço, pois sua realização, em uma dimensão concreta não pode prescindir do espaço. Essa relação imbricada entre o modo de produção e o espaço não pode ser vista de forma mecânica, nem tão pouco abstrata. Para que um modo de produção se realize é necessário que se identifique as condições de sua realização. É aqui que a noção de formação socioespacial sugerida por Santos (1979) se faz essencial. A formação socioespacial seria o agente historicamente concreto responsável por tornar possíveis os processos criados pela dinâmica do modo de produção. Estabelecendo uma reflexão a este respeito, Santos (1979) escreve:

Essa categoria concerne à evolução diferencial das sociedades – em seu próprio quadro e em relação com forças externas das quais frequentemente lhe vem um impulso motor. Acima de tudo, a base fundamental da explicação vem da produção, isto é, do trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas, o espaço com o qual o grupo se defronta. (SANTOS, 1979, p. 10).

Ainda no que se refere à noção de formação socioespacial, é importante esclarecer que esta surge de uma reflexão profunda de Santos sobre a categoria da Formação Econômica e Social (FES), quando este autor sugere a inclusão do espaço na constituição desta categoria do pensamento marxista. Com a contribuição de Santos, ela assume um significado concreto para a compreensão da realidade, pois a partir da inclusão do espaço é possível eliminar a interpretação dicotômica da relação entre Homem e Natureza, como também da tendência de separação entre o tempo e o espaço. Neste intuito de reformular a noção de Formação Econômica e Social, Santos (2008) é enfático, ao dizer que:

Como pudemos esquecer por tanto tempo esta inseparabilidade das realidades e das noções de sociedade e de espaço inerentes à categoria de

formação social? Só o atraso teórico conhecido por essas duas noções pode explicar que não se tenha procurado reuni-las num conceito único. Não se pode falar de uma lei separada da evolução das formações espaciais. De fato, é de formações sócio-espaciais que se trata. (SANTOS, 2008, p. 35)

Essa forma sofisticada de compreensão do conceito de formação socioespacial sugerida por Santos revela-se fundamental para o entendimento da parcela do território cearense denominado de Região do Cariri, pois a partir dessa categoria é possível verificar como os processos oriundos da dinâmica do modo de produção capitalista vão atuar no espaço local e como esses processos vão interagir com os diversos agentes que constituem a estrutura do espaço local. Assim é possível verificar que desde o processo inicial de formação do espaço regional, diferentes agentes, como os índios, a Igreja Católica, os proprietários fundiários, comerciantes, artesãos, trabalhadores e mais recentemente o grande capital participaram decisivamente na produção do espaço regional caririense. Também sendo possível constatar os diferentes usos que se fez do espaço regional do Cariri em termos de sistema produtivo, ou seja, como essa parcela do território foi inserida na divisão territorial do trabalho. Esse fato fica mais claro quando atentamos para mais uma reflexão de Santos (2008) quando ele assinala que:

[...] é preciso definir a especificidade de cada formação, o que a distingue das outras, e, no interior da Formação Econômica e Social, a apreensão do particular como uma fração do todo, um momento do todo, assim como o todo reproduzido numa de suas frações. (SANTOS, 2008, p. 25).

Estabelecida a importância de considerar a categoria da formação socioespacial para a compreensão do processo de produção do espaço da denominada Região do Cariri cearense, não se pode esquecer que o Brasil enquanto formação socioespacial caracteriza-se pelo subdesenvolvimento e esta realidade vai marcar decisivamente as suas instâncias econômicas, políticas, sociais e culturais e espaciais. As diversas formas assumidas pelas estruturas espaciais, que se constituíram ao longo da história da sociedade brasileira e de seu processo de produção do espaço foram marcadas significativamente pela dependência econômica e por fortes desigualdades sociais, como também suas diversas parcelas do espaço. A Região do Cariri, a produção do seu espaço, dessa forma, enquadra-se nessa dinâmica do subdesenvolvimento, se configurando como uma área atrelada à lógica do modo de produção capitalista em âmbito nacional quanto

internacional. Quando desenvolve uma reflexão sobre as formas como o espaço é produzido, em uma realidade caracterizada pelo subdesenvolvimento, Santos (2008) é enfático ao afirmar que:

Um país subdesenvolvido é uma Formação Sócio-Econômica dependente, um espaço onde o impacto das forças externas é preponderante em todos os seus processos. Por esse motivo sua organização do espaço é dependente. (SANTOS, 2008, p. 45).

Consequentemente, as diversas porções do espaço, que constituem o espaço nacional brasileiro, apresentam uma organização espacial também dependente. A porção do território analisada, a “Região do Cariri cearense”, apresenta-se com características nitidamente subdesenvolvidas. No aspecto social, os três principais municípios da Região do Cariri cearense apresentam estimativas típicas de áreas subdesenvolvidas. Segundo os dados do IBGE (2010), o município de Juazeiro do Norte, com uma população estimada para 2018 de 271.926 habitantes e 249.936, no último censo de 2010, apresenta uma população ocupada de 53.096 pessoas, com salário médio mensal dos trabalhadores formais de 1,8 salários mínimos e 42,4% da população com rendimento nominal per capita de até meio salário mínimo. Já o município do Crato, com uma população estimada para 2018 de 131.372 e 121.428, no último censo de 2010, com uma população ocupada de 19.765 pessoas, 15,2%, apresenta o salário médio mensal dos trabalhadores formais de 1,8 salários mínimos e 43% da população com rendimento nominal per capita de até meio salário mínimo. O município de Barbalha, população estimada para 2018 de 60.150 habitantes e 55.323 no último censo de 2010, os dados ainda são piores, apresentando uma população ocupada de 9.569 pessoas, 16,1%, com um salário médio mensal dos trabalhadores formais de 1,6 salários mínimos e 44,8% com rendimento de meio salário mínimo.

As comparações desenvolvidas pelo IBGE demonstram mais ainda essa situação preocupante dos principais municípios da Região do Cariri Cearense. Em termos de trabalho e rendimento o Juazeiro do Norte, no Ceará, ocupava em 2016, as posições 21 de 184 e 12 de 184 respectivamente. Já em âmbito nacional, na comparação com as cidades de todo o país, ficava na posição 2836 de 5570, e 1291 de 5570. Nesta mesma análise, o IBGE apontou o Crato nas posições de 21 de 184 e 17 de 184 no âmbito do estado do Ceará e 2836 de 5570 e 1990 de 5570 no

âmbito do Brasil. Já Barbalha ocupava as posições de 57 em 184 e 13 de 184 no âmbito do estado do Ceará. Quanto ao Brasil, Barbalha ocupava as posições de 4072 de 5570 e 1826 de 5570. Os dados nitidamente demonstram que o núcleo central da Região do Cariri, seus municípios mais importantes, encontra-se em uma situação periférica no que diz respeito ao Ceará e ao Brasil e em uma situação nitidamente subdesenvolvida.

Estabelecida a importância que a categoria da totalidade tem na compreensão do conceito de Região do Cariri, já que como afirma Santos (1973, p. 31), “o problema principal deriva do fato de que nenhuma questão pode ser respondida fora da concepção de uma totalidade de estruturas e de uma totalidade de relações”, como também apontada a necessidade de levar em consideração o modo de produção e a categoria formação socioespacial, resta para apreender as dimensões concretas do conceito de região, demonstrar o papel central de uma das principais categorias na produção do espaço, a saber, a divisão territorial do trabalho, que no caso da Região do Cariri é decisiva para revelar as funções desempenhadas por essa parcela do espaço no sistema produtivo, tanto no âmbito nordestino, como no brasileiro e mundial.

A partir da divisão territorial do trabalho, que segundo Santos (1996) “constitui um motor da vida social e da diferenciação espacial”, é possível refletir a respeito de como ao longo da história, a parcela do espaço, denominada de Região do Cariri irá elaborar seu sistema produtivo, possibilitando também indagar sobre quem comandará tal sistema e a quem pertencerá os elementos do processo produtivo, como a terra, os instrumentos de trabalho, a força de trabalho e os outros insumos que participam diretamente da produção. Possibilitará também compreender a funcionalidade e a estrutura das diversas atividades econômicas, como a agricultura, o comércio, a atividade industrial, como também o consumo. Não esquecendo que é pela ótica da divisão territorial do trabalho que se pode entender o caráter dependente das atividades produtivas e sua inserção no processo de reprodução do capital. Sobre a importância da divisão social do trabalho e sua relação com o entendimento da produção do espaço, Santos (2008), é preciso quando nos coloca que:

A cada movimento social, possibilitado pelo processo de divisão do trabalho, uma nova geografia se estabelece, seja pela criação de novas formas para atender a novas funções, seja pela alteração funcional das

formas já existentes. Daí a estreita relação entre divisão social do trabalho, responsável pelos movimentos da sociedade, e a sua repartição espacial. (SANTOS, 2008, p. 60).

Para a compreensão da Região do Cariri, numa perspectiva que evidencie o tempo, a totalidade, as relações sociais e o trabalho, a categoria da divisão territorial do trabalho se torna central, pois a mesma permite uma interpretação do processo de produção em que as diferentes parcelas de um espaço participam dialeticamente do movimento do espaço como um todo. A região, o lugar, ou outro recorte espacial, não são elementos passivos nas relações que se processam no processo de produção do espaço, o que revela o potencial que uma dada parcela do espaço pode vir a ter no comando de sua própria existência. Refletindo sobre essa complexa relação entre a parte e o todo numa perspectiva espacial, Santos (1996), diz:

A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém sua individualidade. O Movimento do espaço é resultante desse movimento dos lugares. Visto pela ótica do espaço como um todo, esse movimento dos lugares é discreto, heterogêneo e conjunto, “desigual e combinado”. Não é um movimento unidirecional. Pois os lugares assim constituídos passam a condicionar a própria divisão do trabalho, sendo-lhe, ao mesmo tempo, um resultado e uma condição, senão um fator. Mas é a divisão do trabalho que tem a precedência causal na medida em que é ela a portadora das forças de transformação, conduzidas por ações novas ou renovadas, e encaixadas em objetos recentes ou antigos, que as tornam possíveis. (SANTOS, 1996, p. 107).

Assinalada a centralidade da categoria divisão territorial do trabalho, na compreensão do fenômeno regional, surge a necessidade de utilização de um conceito que ofereça condições de pensar as complexas relações existentes entre o todo e a parte, ou seja, entre o espaço como totalidade e os lugares. E aqui aparece uma dúvida que deve ser dissipada a respeito do uso da expressão “lugar” ou “região”. Refletindo sobre a confusão dessas terminologias, Santos (1996), esclarece que “[...] a palavra lugar é como outra do vocábulo geográfico, preñhe de ambiguidades, já que a região é, também um lugar e a própria expressão região serve para designar extensões diferentes. (SANTOS, 1996, p. 111).

Esclarecidos os usos das expressões lugar e região e levando em conta que Santos (1992, p. 16) considera que “o espaço é um sistema complexo, um sistema de estruturas, submetido em sua evolução à evolução das suas próprias estruturas”,

a região, segundo o sistema de ideias do autor, pode ser apreendida, como um elemento desse sistema. Segundo Santos (1979), a região “[...] não é mais que uma subunidade, um subsistema do sistema nacional. A região não tem existência autônoma, ela não é mais que uma abstração se a tomarmos separadamente do espaço nacional considerado como um todo”. (SANTOS, 1979, p. 28).

A região, dessa forma, não é e nem pode ser vista como um fenômeno espacial dissociado do modo de produção vigente, nem da formação socioespacial. Só pode ser compreendida a partir de sua inserção em um contexto histórico que se dá concretamente através da divisão territorial do trabalho. Como parte de uma totalidade maior que é o espaço, a região, como o lugar, constitui uma parte do espaço social total, no entanto não detém o comando total da produção do espaço como um todo. É a partir das relações responsáveis pela sua produção e sua função na divisão territorial do trabalho, que a região pode aparecer como um elemento do espaço, como um subsistema, o que a conduz a uma relação contraditória e conseqüentemente dialética no processo de produção do espaço como uma totalidade, como bem expressa Santos (1992):

Cada lugar constitui na verdade uma fração do espaço total, pois só esse espaço total é o objeto da totalidade das relações exercidas dentro de uma sociedade, em um dado momento. Cada lugar é objeto de apenas algumas dessas relações “atuais” de uma dada sociedade, através dos seus movimentos próprios, apenas participa de uma fração do movimento social total. (SANTOS, 1992, p. 18).

É a partir desses conceitos e categorias que se pode compreender essa parcela do espaço, pertencente ao Estado do Ceará, como uma região, ou seja, como um espaço produzido a partir de práticas espaciais que se diversificaram ao longo da história e que deram origem a diversas configurações espaciais com significados diferentes. Um espaço regional que resulta também de concepções, o espaço das representações, como também de percepções, os espaços das representações, mas acima de tudo de práticas espaciais, o espaço vivido.

2.4 A produção do espaço regional caririense, as diferentes práticas espaciais e suas diversas configurações espaciais

Com base nessa concepção da Região do Cariri como uma produção histórica, fruto de relações sociais concretas, propomos então, quatro dinâmicas regionais que foram produzidas ao longo da história. Uma primeira, resultante da ação da Sociedade Indígena, representada na Região do Cariri, pelos Índios Cariris, uma segunda que assinala a hegemonia da Cidade do Crato, colocando-a como centro regional, uma terceira que vai se caracterizar pelo comando do Juazeiro do Norte e uma quarta dinâmica representada pelo comando da produção do espaço realizada agora a partir do capitalismo globalizado, através de inúmeros agentes, voltados agora para uma a implantação de uma configuração espacial que nem é mais local, nem regional e sim global. Esses diferentes momentos e formas da produção do espaço, com exceção da dinâmica indígena, estão atrelados à estruturação do Modo de produção capitalista no Brasil.

2.4.1 A Região do Cariri, seu processo inicial de produção sob o comando dos Índios Cariris

A primeira grande manifestação do processo de produção do espaço no vale do cariri resulta das práticas espaciais do grupo indígena denominado Cariri. Foram esses agentes os primeiros a desenvolver uma organização espacial baseada em aldeias. A respeito da presença dessa tribo indígena, na Região do Cariri cearense, Figueiredo Filho (2010) coloca que:

Os primeiros grupos de índios Cariris estabeleceram-se no sul do Ceará, provavelmente no IX e X séculos da era cristã. Vieram do São Francisco, onde teriam chegado no século IV e V, (...). O seu caminho foi o do Riacho da Brígida e do Pageú, o mesmo que, em parte, seria utilizado pelos povoadores brancos, após a descoberta. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 7).

Neste processo de ocupação inicial da Região do Cariri cearense pelos índios Cariris foram fundamentais as condições ambientais, principalmente o vale dos rios

e as condições do solo que favoreceram o desenvolvimento de uma agricultura rudimentar. A importância da disponibilidade de água, e dos outros elementos do meio ambiente é notório na descrição apresentada por, Figueiredo Filho (2010):

CARIRI. Esta família foi encontrada ocupando uma área não muito extensa, que se estendia do sul do Ceará ao centro da Bahia e do oeste de Pernambuco às quebradas orientais da Borborema. Mas nem todo este território estava senhoreado pelas hordas cariris: elas se tinham localizado nos melhores sítios, nas regiões mais férteis e menos áridas, nos vales frescos ou úmidos, como o que tem o seu nome, no Ceará, nas serras frescas, no vale do rio São Francisco, nas cabeceiras de alguns rios baianos da drenagem atlântica, ao norte do rio das Contas. Viviam naquele âmbito, interpostos aos cariris, tribos gê, tupi, fulniê, tarairiú outras de origens ainda não determinada. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 6).

Os índios Cariris se distribuíram por diversas localidades do sul do Ceará a procura de condições ambientais favoráveis e, neste caso, a presença de vários rios e solos favoráveis à agricultura foram decisivos, como revela Figueiredo Filho (2010):

Uma vez estabelecidos nas margens e ilhas do São Francisco, depois de algum tempo tiveram de se expandir-se, premidos pelas necessidades de espaço, com o crescimento das tribos, seguiram então levas para o norte, pela serra da Borborema até alcançar o rio Salgado, afluente do Jaguaribe, no Ceará, onde foram ocupar o vale entre as serras do Araripe e de S. Pedro, abundante d'água, e todo o vale do rio Salgado, que era então perene. Possivelmente, ainda no Ceará, moravam em trechos limitados das bacias dos rios Cariús, dos Porcos ou Podi-mirim, Rio das Antas, do Rosário e de outros, afluentes do Salgado. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 6-7).

As práticas espaciais desenvolvidas pelos índios cariris na área, o fértil vale do cariri, que hoje recebe o nome de Região do Cariri, foram fundamentais para a estruturação de novas configurações espaciais e novas dinâmicas regionais. As contribuições dos Índios cariris são verificadas em várias dimensões, desde o sistema produtivo regional, com os cultivos de alguns produtos que ainda hoje fazem parte da culinária regional, como também para as atividades artesanais e para os costumes da população da Região do Cariri. Descrevendo as heranças que os índios cariris nos legaram, Figueiredo Filho (2010), nos diz que:

Muitos dos utensílios domésticos nos vieram dos habitantes primitivos das selvas. A cerâmica é filha ainda do tosco Cariri. No mato, as populações se servem ainda das cabaças, cúias e coités, tal qual os nossos remotos antepassados do mato. O pilão de socar, a urupemba, abano, esteira de palhas de palmeira e mil outras coisas que se integram à civilização

sertaneja e mesmo das capitais, vieram do selvagem. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 8).

Embora o autor supracitado apresente uma visão preconceituosa a respeito dos índios cariris, referindo-se a eles como toscos, selvagens e mesmo selvícola, é possível perceber que as práticas e ações dos índios no processo de produção do seu espaço deixaram uma enorme contribuição tanto a nível das técnicas que utilizaram na produção de sua configuração espacial, como na produção de utensílios e objetos que fazem parte do cotidiano, através da alimentação e da produção artesanal. Contudo, as marcas deixadas pelas práticas espaciais se estendem também pelo sistema produtivo, no que diz respeito às práticas agrícolas e as técnicas utilizadas para a produção. Figueiredo Filho (2010) destaca que:

A cultura da mandioca, com preparo da farinha, foi outra boa herança do índio. Evoluímos pouco no tocante ao seu preparo. Agora é que estamos introduzindo processo mais modernizado na fabricação da farinha, com a utilização do motor para o acionamento da roda do aviamento, o que já é melhoria no método da taba. Conforme diz a maioria dos historiadores, a própria Missão do Brejo do Miranda criou-se e cresceu à sombra da casa de farinha, em seu sistema mais rudimentar. As culturas do milho e do algodão foram também conhecidas do Índio. No cariri, tudo concorria à vida fácil e primitiva, com a natureza a fornecer, em abundância, a macaúba, babaçu, piqui, araçá e outras frutas silvestre, além da caça farta das matas, tudo isso nessa espécie de paraíso terreal, com dezenas e dezenas de córregos, riachos e extensos brejos. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 8).

Essas primeiras manifestações da produção do espaço empreendidas pelos índios cariris, seus vestígios, estão presentes nos territórios de várias cidades da Região do Cariri o que vem estimulando o desenvolvimento dos estudos arqueológicos. Nos museus encontram-se vários artefatos que foram obtidos por meio de escavações realizadas, nem sempre com caráter científico, às vezes até para a pavimentação das ruas ou para construção de alicerces de prédios. Novamente Figueiredo Filho (2010) descreve esse fato dizendo:

Restam ainda, sensíveis vestígios da vida do selvícola por estas passagens. Entre a praça da Sé, berço do Crato, e o atual prédio em construção da Faculdade de Filosofia, à Avenida Antônio Luís, de quando em quando se tem encontrado em escavações de alicerces, igaçabas e mais igaçabas. Infelizmente não se pode aproveitá-las inteiras. O trabalhador, ao descobri-las, julga estar diante de uma botija, escondida por rixaço da antiguidade, em sua fuga de lutas armadas constantes. Sem mesmo examiná-las cuidadosamente, trata logo de arrebenhá-las a enxadecos ou picaretas. Restam apenas, daquele tesouro que cobiçavam, em sua vida de pobreza, ossos pulverizando-se, em parte, e cacos de barro, alguns com desenhos

bem vistosos. Em todo o Vale Caririense, encontram-se colares de pedras, sílex ou machadinhas de índios, aos quais o povo chama sempre de corisco. São bem feitos, contornados, atestando assim que seu possuidor já passava a fase mais evoluída da pedra polida. Há várias inscrições em toda a zona. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 8).

A criação da Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri em 1992, localizada no município de Nova Olinda, revela a importância que teve a cultura indígena na produção do espaço regional. Dentre os vários programas desenvolvidos pela Fundação Casa Grande está o resgate do acervo mitológico e arqueológico dos índios Cariris. Não se pode esquecer também que essa primeira manifestação do processo de produção do espaço regional caririense se tornou bastante significativa na construção da identidade regional e nas formas como está área aparece nos discursos das instituições políticas como o Estado e também como as populações dos municípios construíram sua identidade.

Figura 02 - Fundação Casa Grande

Fonte: <www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>.

Por volta das últimas décadas do século XVII e principalmente as primeiras do século XVIII, a colonização resultante da expansão do capitalismo comercial provocou a expulsão e destruição dos índios cariris. Com objetivos claros de apropriação das terras o vale do cariri foi transformado em sesmaria e a antiga organização espacial indígena foi transformada em aldeamento pela Igreja Católica, estabelecendo um novo uso do território.

A primeira manifestação da produção do espaço regional do cariri resultante da ação dos índios cariris foi destruída pelo processo de colonização e implantada

uma estrutura espacial comandada pelo modo de produção capitalista em sua fase mercantil. O espaço regional caririense a partir desse novo momento será submetido à lógica da divisão territorial do trabalho em consonância com as determinações do processo de colonização. A Região do Cariri, na condição de um subespaço, um subsistema, atrelado à dinâmica do capital comercial, é inserida numa estrutura atrelada ao modelo colonial em vigor a partir do século XVI.

2.4.2 A produção de uma nova dinâmica espacial sob o comando do município do Crato: a inserção da região no modo de produção capitalista

Com a destruição da experiência indígena no Vale do Cariri, uma nova dinâmica espacial é implantada, dessa vez, como resultado da expansão do sistema capitalista de produção em sua fase comercial, marcada pelo processo de acumulação primitiva do capital. Durante os séculos XVI, XVII e XVIII o capitalismo vai desenvolver-se na Europa através do comando de vários impérios mercantis, como Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Holanda. O território que posteriormente vai dar origem ao Brasil vai ser incorporado à dinâmica do capitalismo comercial através de um sistema de orientação de caráter político e econômico, denominado de colonização. Submetido a um processo de intensa exploração e dependência, o território colonial vai se transformar em uma fonte de recursos ambientais, como também de força de trabalho com a escravização dos índios, fundamental para a acumulação do capital.

Por questões históricas e também ambientais, já vastamente discutidas pela historiografia brasileira, o território colonial vai ser inserido em uma divisão internacional do trabalho, em sua fase embrionária, na condição de colônia e explorada através principalmente da cultura da cana-de-açúcar e da pecuária durante os séculos XVI e XVII. As diversas porções do território colonial vão ser submetidas à estrutura de funcionamento da colonização e as formas como ocorrem o processo de produção do espaço resultam das diretrizes instituídas pelo modo de produção capitalista em sua fase comercial que tem como elemento fundamental o

sistema de colonização. É esse o contexto em que se insere a produção do espaço regional do cariri após a primeira experiência indígena.

Inicialmente, para que se produza uma nova organização espacial, faz-se necessário o desenvolvimento de novos processos que sejam capazes de redefinir as formas de uso do território. Neste aspecto e concernente aos referidos processos, a colonização, através de seus agentes, o Estado e a Igreja, vai transformar a antiga organização espacial baseada no uso coletivo da terra, em uma propriedade privada, e as formas aldeãs de uso do território em aldeamentos onde a Igreja estabelecia as formas de convívio e de trabalho.

No processo inicial de ocupação colonial vai ser a pecuária a atividade que vai desencadear o processo de incorporação do Vale do Cariri à lógica colonial e à dinâmica interna da divisão territorial do trabalho, para logo em seguida se efetivar a atividade agrícola comandada pela Cana-de-açúcar. Para isso foram fundamentais também as condições ambientais da área. Confirma essa perspectiva Figueiredo Filho (2010, p. 14), ao afirmar que “foi a expansão da criação de gado e, logo depois, da agricultura, com todas as possibilidades que o solo fértil caririense oferecia ao alienígena, as causas primordiais da colonização sul-cearense”.

A normatização do espaço caririense pelas ações do Estado ocorre logo em seguida com a transformação do Cariri em sesmarias. O modo de produção capitalista tem como um de seus pilares fundamentais a propriedade privada, e como já foi dito anteriormente os índios cariris não conhecem a propriedade privada. O estabelecimento do regime de sesmaria vai ser importante na institucionalização da propriedade privada, como também na determinação do uso que se fará da terra. Sendo assim, em 1703, o Cariri passa à condição de sesmaria, conforme atesta Figueiredo Filho (2010):

Pasmaram os primeiros povoadores, Manoel Rodrigues Ariososa, os lobatos, Gil Miranda e outros, da imponência da região que, de futuro tomaria o nome de Cariri. Já falecido, em 1716, talvez no sítio São José, onde morava, não se gozou muito Ariososa da sesmaria que lhe concederam em 1703. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 19).

A análise histórica nos mostra que um dos recursos mais importantes do Vale do Cariri era a terra. Os colonos provenientes principalmente da Bahia e de Pernambuco estrategicamente se apropriaram desse recurso para viabilizar as

atividades econômicas ligadas à criação de gado e posteriormente à agricultura, como também para a venda. Figueiredo Filho (2010) revela que:

Os colonos baianos, lado a lado de seus congêneres de outras procedências, foram os autênticos povoadores do Cariri. Os sesmeiros representaram o papel de posseiros: açambarcaram as terras e aforaram-nas e venderam a retalho. Com exceção do Coronel João Mendes Lobato, assim agiram os setes outros Lobatos, que chegaram a possuir na região, de 1714 a 1725, setenta léguas de terra em quadro. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 22).

As marcas do processo de colonização na Região do Cariri foram nefastas, principalmente no que diz respeito ao uso da terra, a partir da implantação de uma estrutura fundiária que produziria uma significativa concentração da terra. Ainda com relação à influência que os mecanismos de colonização tiveram no processo de apropriação da terra no Cariri, Figueiredo Filho (2010) diz:

Não sei de famílias caririenses portanto nomes dos primitivos sesmeiros. Mas, muitas famílias existem com nomes dos humildes troncos originários, que aforaram e compraram a retalho as terras de sesmaria. São elas, entre outras, os Pinheiros, os Esmeraldos e Alencares, de Crato; os Sobreiras, de Juazeiro do Norte; os Sampaio, Callou, Correia, Filgueiras e Sá Barreto, de Barbalha; os Cruz, Santana e Landim de Missão Velha; os Gouveias, os Neves, os Pereiras de Carvalho, de Jardim; os Furtado Leite, Figueiredo e Araújo Lima e Martins, de Milagres, Mauriti e Brejo Santo. Os troncos dessas famílias fixaram-se no Cariri na primeira e segunda metade do século 18. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 23).

A nova estrutura fundiária que se estabelece com o processo de colonização vai implantar os alicerces de novas relações de poder que irão se estabelecer nesta área, primeiro com o crescimento da influência de famílias tradicionais até desembocar no coronelismo que marcou a história regional. Sobre a estrutura fundiária que se torna crucial na Região do Cariri Cearense, Facó (1991) conclui:

O latifúndio se manteve intacto através da Monarquia e não se modificou com o advento da República, que não tocou num fio de cabelo da grande propriedade territorial. Assim “constituíram as comunas caririenses, nos primeiros anos da República, verdadeiros feudos de chefes políticos, uns autênticos senhores de barão e cutelo. Nos municípios criavam-se guardas locais, que os policiavam, compostas de cabras bons, na gíria da época, prontos para cumprir as ordens dos chefes estritamente”. (FACÓ, 1991, p. 132).

Embora tenha sido através da pecuária que a Região do Cariri foi inicialmente incorporada à lógica da colonização, foi a agricultura através do plantio da cana-de-açúcar que estabeleceu, organizou e estruturou o sistema produtivo da região. Em

função de condições ambientais favoráveis a cana-de-açúcar passou a ser a principal cultura estimulada pelos proprietários regionais, e também a atividade que colocou a Região do Cariri como um grande centro regional a partir da segunda metade do século XIX. A respeito dessa mudança que se verifica no sistema produtivo regional, onde a pecuária vai perder força e ser substituída pela agricultura, Della Cava (2014) assinala que:

Devido, ainda, aos recursos do vale, veio a agricultura, em especial a cana-de-açúcar, a predominar sobre as atividades pastoris. Pelo final do século XVIII, grande parte dos rebanhos tinha sido forçada a emigrar em direção ao norte, para uma zona menos fértil do vale, também, rumo ao leste e ao sul, além da imponente Chapada do Araripe, penetrando nas terras ressecadas, de mato ralo, dos vizinhos da Paraíba, de Pernambuco e do Piauí. (DELLA CAVA, 2014, p. 59).

As transformações produzidas pela nova atividade produtiva, a agricultura, tendo como principal produto a cana-de-açúcar, foram muito importantes, pois atingiram não só o sistema produtivo, como também as estruturas sociais. Novos agentes sociais vão surgir em função dessa nova base econômica e vão criar novas relações políticas e de poder fundamentais para fortalecer o papel que a região desempenhará no âmbito da província do Ceará. A esse respeito, Della Cava (2014) esclarece:

O açúcar e o engenho foram os principais responsáveis pela formação da hierarquia social do vale. No seu ápice achavam-se os fazendeiros de cana, que gozavam de indiscutível preeminência política e social até o fim do século XIX. Muito abaixo deles, com a única exceção dos profissionais liberais intermediários, situava-se uma força de trabalho subserviente. Ao contrário, porém da costa pernambucana, voltada para exportação de açúcar, a força de trabalho no cariri não era constituída de escravos. Os braços da região empregados no campo eram nominalmente livres e, do ponto de vista racial, quase sempre mestiços e não de origem africana. Viviam, contudo, no limite mais baixo da subsistência e eram, de fato, ligados em caráter permanente à terra dos produtores de açúcar, como bem indica a palavra usada para dominar esses trabalhadores: “agregados”. As tarefas dos agregados não se limitavam à produção. Em tempos de rivalidade entre os proprietários de terra, aos trabalhadores da fazenda eram entregues armas para que defendessem com lealdade os interesses de seus patrões. Poucas vezes ocorreu uma rebelião contra o patrão, pois os laços sociais e religiosos, representados pelo compadrio e pela afilhadagem, ligavam entre si proprietários e trabalhador, numa rede de relações e obrigações mútuas. (DELLA CAVA, 2014, p. 64).

A nova dinâmica assumida pelo sistema produtivo alicerçado na cana-de-açúcar mostrou sua capacidade de criação não somente na estruturação de novas

relações de produção, mas, sobretudo, na gestação de novas relações sociais e políticas que foram capazes de estabelecer também novas relações de poder. Estas transformações vão desencadear uma das mais significativas mudanças no que diz respeito à produção do espaço regional, capaz de desencadear a produção de uma nova configuração territorial para a Região do Cariri, pois vai ser a partir dessas mudanças que o município do Crato assume o comando das relações territoriais na Região do Cariri. Sobre esse fato, Della Cava (2014) diz que:

Foi igualmente, no final do século XVIII que a cidade de Crato, onde nasceu o Padre Cícero, em 1844, surgiu como a mais populosa e o centro mais importante do vale, recebendo a denominação de “Pérola do Cariri”. Comandando um dos melhores solos da região, o Crato tornou-se o principal produtor e, por conseguinte, fornecedor de excedente de alimentos para o sertão árido. Transformou-se, cada vez mais, no eixo das atividades comerciais do vale. Como centro mais importante de distribuição do interior de manufaturas europeias importadas, suas elites agrárias e mercantis ligaram-se, ipso facto, mais estreitamente com Recife, principal porto atlântico do Nordeste e florescente capital da era colonial, do que com Fortaleza, insignificante sede administrativa portuguesa da capitania geral do Ceará. (DELLA CAVA, 2014, p. 59).

No processo de ascensão e consolidação do município do Crato como um centro de grande importância na Região do Cariri, algumas variáveis foram fundamentais como, a consolidação de um sistema produtivo baseado em uma agricultura que tinha como principal cultura a cana-de-açúcar, o papel desempenhado por atores ligados a colonização, como a Igreja Católica e o Estado, as condições ambientais, os proprietários de terras e também os setores sociais ligados ao trabalho.

Nesse longo processo de produção do espaço regional, é possível inicialmente destacar o papel da Igreja Católica e dos colonizadores. A Igreja Católica agiu inicialmente através da catequese e aldeamento, na verdade uma forma de domínio das populações indígenas, e logo em seguida como um agente fundamental na estruturação do espaço regional. Um dos destaques da política de aldeamentos foi a fundação, em 1743, da Missão do Miranda que posteriormente deu origem a cidade do Crato. Com o processo de aldeamento a Igreja Católica procurava desenvolver um controle ideológico, denominado de catequese que visava estabelecer uma disciplina sobre o índio para legitimar a apropriação de suas terras. É tanto que no final do século XVIII os índios são expulsos da Região do Cariri. Quanto a catequização, Figueiredo Filho (2010) esclarece:

A catequese igualmente nos veio das mesmas bandas, principalmente de Pernambuco, com seus renomados capuchinhos civilizadores pelo Evangelho, de toda a zona franciscana. No Cariri, foram os barbadinhos do Hospício de Olinda que, na zona, exerceram o mesmo papel dos jesuítas no norte do Ceará. (FIGUEIREDO FILHO, 2010, p. 18).

Nesse período outro elemento se torna fundamental para o entendimento da produção do espaço regional, ou seja, a transformação organizacional do território com o surgimento das vilas, cidades e municípios. A primeira Vila que surge no cariri é a Vila Real do Crato em 1762. As transformações político-administrativas do território regional com a formação das vilas e cidades e a estruturação dos municípios, a partir da análise histórica, nos oferece a possibilidade de entender as relações de poder entre as diversas localidades. Transitando inicialmente de aldeamento (1743), reconhecida como “a Missão do Miranda”, à condição de cidade (1853), o Crato vai se tornar o primeiro município a exercer um processo de comando das “práticas espaciais” na região. Esse domínio vai se estruturar principalmente a partir da segunda metade do Século XIX e primeiras décadas do século XX. O Crato vai exercer um papel de comando que se estenderá até por volta da década de 60 e 70, quando sofrerá um declínio e será substituído pelo Juazeiro do Norte.

No entanto essa hegemonia do Crato só vai iniciar-se a partir da segunda metade do século XIX. Durante a condição de aldeamento (a Missão do Miranda) e de Vila, o Crato não apresentou nenhuma expressão econômica capaz de produzir condições objetivas para exercer o papel de um grande centro regional. A atividade econômica que vigorou neste período foi a pecuária, que nem mesmo no contexto regional nordestino apresentou-se como uma atividade capaz de produzir transformações significativas. A este respeito, Oliveira (1987) revela:

É incontestável, porém o fato de que essa economia pecuária nunca teve maior expressão na economia colonial, nem para o Nordeste, nem para o resto da colônia. Encontra-se essa debilidade sua afirmação no fato de que essa economia pecuária nunca esteve fundamentada nos padrões de reprodução da economia escravocrata; pode-se adiantar, como hipótese, que a formação dessa economia – se é que essa expressão pode ser usada com rigor para designar as atividades pecuárias do sertão nordestino – era uma forma de desdobramento, marginal, da atividade econômica principal, sendo seus agentes do tipo que Maria Sylvia de Carvalho Franco descreveu e interpretou admiravelmente como uma forma de inserção de “homens livres na ordem escravocrata”. É evidente, que neste sentido tal economia extensiva não podia dar lugar senão a uma estrutura social pobre, pouco

diferenciada, cuja posição na estrutura do poder regional não chegava sequer a ser notada. (OLIVEIRA, 1987, p. 45).

Na primeira metade do século XIX, na condição de Vila e sem apresentar um sistema produtivo capaz de sedimentar uma posição de destaque, o Crato ainda é essencialmente rural e não consegue ter um crescimento urbano significativo. As condições históricas desse período apontam para uma crise na Região do Cariri, pois é um período de instabilidade política, como também de secas que atingiram a região, nos anos de 1825 e 1845. As transformações que produziriam mudanças significativas só viriam na segunda metade do século XIX.

O contexto da segunda metade do século XIX é bastante favorável para o crescimento da Região do Cariri. Algumas áreas da região nordeste passavam por um crescimento considerável de suas estruturas demográficas e econômicas e a conjuntura internacional também se mostrou favorável ao surgimento de novas atividades. Della Cava (2014) evidencia essas transformações dizendo:

Entre aproximadamente 1855 e 1865, anunciava-se para o Cariri uma era de renascimento e mudança. As estruturas que começavam a tomar forma durante esse período vieram a produzir o contexto dentro do qual se desenvolveria o movimento de joaseiro. Muitas dessas transformações resultaram de reviravoltas econômicas e demográficas em vários estados nordestinos. Centros urbanos em expansão, tais como Fortaleza e Recife, assim como cidades menores do interior, aumentavam, cada vez mais, a demanda de alimentos baratos. A crescente necessidade europeia de matérias-primas, nos anos 1860, principalmente o algodão, transformava, aos poucos, da subsistência para a produção comercial exportadora, as economias de muitas zonas do interior. (DELLA CAVA, 2014, p. 63).

As transformações verificadas a partir do início da segunda metade do século XIX vão ser fundamentais para a consolidação do Crato como grande centro regional. É possível verificar isso ao constatar que através da Lei provincial nº 628, de 17 de outubro de 1853, o Crato passa a condição de Cidade. Segundo Farias Filho (2007, p. 109) em 1854, “a população da cidade era de 8362 habitantes: sendo 2590 brancos, 5151 pardos e 621 negros”. Outras mudanças ocorriam também relacionadas à estrutura produtiva e às relações da Cidade do Crato com o seu entorno. Sobre as repercussões das mudanças ocorridas na segunda metade do século XIX, Della Cava (2014) diz:

O impacto dessas mudanças foi importante no Cariri, em especial no Crato, onde a revitalização econômica, política e religiosa era mais sensível.

Expandia-se com rapidez a agricultura, sobretudo a produção de cana-de-açúcar, em todas as terras disponíveis dentro do município. Em 1854, os produtores de açúcar do Crato obtiveram uma vitória decisiva sobre os últimos remanescentes dos fazendeiros de gado, pois uma lei municipal protecionista obrigava os criadores a transferir seus rebanhos para além dos campos férteis. No município de Barbalha, a cana-de-açúcar também florescia. Crato e Barbalha, juntos, possuíam a maioria dos duzentos engenhos de açúcar do vale, o que representava um aumento considerável sobre os 37 de que este era dotado um século antes. O principal produto da região não era o açúcar granulado, mas a rapadura, um bloco retangular de açúcar mascavo, bruto, que ainda é um dos componentes mais importantes da dieta das classes baixas [...]. Na década de 1860, também foi o algodão cultivado em algumas partes do vale, destinado a exportação estrangeira. (DELLA CAVA, 2014, p. 63).

Dessa forma, o município do Crato, a partir da segunda metade do século XIX, apresenta um significativo crescimento das atividades econômicas baseadas numa agricultura que tinha como destaque a cana-de-açúcar, a mandioca e o algodão. As tendências apresentadas na economia rural resultavam tanto de heranças ligadas às atividades econômicas indígenas (a mandioca) como também das diretrizes gerais do processo colonial. Impulsionadas pelas mudanças no sistema produtivo e pelas transformações que vinham ocorrendo na organização do espaço cearense, o comércio também sofre alterações substanciais. Quanto ao crescimento das atividades comerciais, Farias Filho (2007) afirma:

Paralelo ao desenvolvimento da agricultura no século XIX ocorreu, durante a década de 1860, no Cariri, importante crescimento do comércio. No Crato, a chegada de comerciantes de Icó, cidade outrora próspera, foi responsável pela abertura das primeiras grandes lojas da região. Em consequência do desenvolvimento do comércio lojista, o aspecto físico da cidade começa a se transformar com a construção dos primeiros sobrados. (FARIAS FILHO, 2007, p. 110).

O crescimento da atividade comercial resultante das mudanças do sistema produtivo, principalmente na agricultura, como também na ampliação das relações da Cidade do Crato com outras localidades vai estimular uma das mais importantes formas de trocas comerciais entre a zona rural e as vilas e cidades, a feira. Na Região do Cariri, as feiras vão se constituir em importantes locais onde os produtos das atividades agrícolas e artesanais, às vezes não apenas de origem local e regional, serão comercializados. Sobre as feiras no Sertão, Barros (1988) aponta que:

Elemento de maior importância, para a vida econômica do sertão no século XIX, foi a feira. Na feira o sertanejo vivia sua prática quase autárquica, dada a

estreiteza de seus costumes de consumo. A roupa que o sertanejo pobre vestia era feita de algodão da terra, por suas mulheres, em teares primitivos. Esse era o tipo de tecido que se comerciava nas feiras. A feira era o empório onde o matuto vendia diretamente ao consumidor, seus produtos, desde os legumes e cereais, até as frutas: banana, melancia, abacaxi, laranja, etc. Ao lado dos agricultores, os artesãos sertanejos expunham sua produção: redes de algodão, instrumentos de couro, louças (cerâmica), chocalhos, urupemas, balaies, facas de ponta, cordas (de malva, caroá, cabelo, agave), brinquedos de algodão de seda, mobília de arame, vassouras, chapéus de palha, facões, artigos de funilaria. Adiante era a feira dos animais, onde se permutavam e se vendiam cavalos, jumentos, bois, carneiros, porcos e toda a miuçalha de pequenos animais domésticos. É também a feira excelente ponto de encontro para a difusão de histórias, cantadas naquela época por cegos, cantadores de razoeira e emboladas, e violeiros. Somente no final do século XIX essas histórias vão ser escritas, surgindo a literatura de cordel e os cantores de feira. (BARROS, 1988, p. 89-90).

As feiras podem ser vistas como as primeiras formas de centralidade, que os primeiros núcleos urbanos da Região do Cariri, a partir de suas diversas atividades, a agricultura, o artesanato ou o comércio e também através de seus inúmeros agentes produziram. São os lugares onde as relações entre o campo e a cidade vão se verificar movidas pela necessidade do consumo, revelando também uma manifestação da divisão do trabalho local. E o interessante observar que as pesquisas realizadas apontam para uma estreita relação entre os locais onde as feiras vão se consolidar, as principais ruas de Crato, Juazeiro do Norte e demais outras localidades, e as centralidades já de caráter nitidamente urbanas que vão surgir a partir da segunda metade do século XX.

Figura 03 - Feira do Crato - Década de 60

Fonte: <<http://blogdocrato.blogspot.com/2013/07/crato-antigo-e-crato-de-hoje-passeio.html>>

As feiras ao longo do tempo foram adquirindo uma organização de acordo com os produtos comercializados e de acordo com as ruas centrais das cidades. Cada rua apresentava um determinado produto, ou seja, a rua dos cereais, a rua das frutas, a rua dos tecidos e assim por diante, tornando parte do espaço urbano apropriado pelo comércio e refletindo uma especialização por produtos. Ficaram famosas algumas ruas pelos produtos que comercializavam. Apresentavam também as feiras uma periodicidade semanal e um dia específico para sua realização, no caso do município do Crato, a segunda-feira.

Na segunda metade do século XIX é possível também constatar mudanças significativas no processo de produção do espaço regional caririense. As transformações no sistema produtivo como também o crescimento demográfico, vão impulsionar o crescimento urbano, assinalando mudanças no espaço urbano cratense como nos revela Farias Filho (2007):

A partir de 1857, começaram a ser construídos no Crato vários sobrados, destacando-se o do Coronel Antônio Luís Alves Pequeno, cuja planta seguia o modelo dos sobrados de Recife. O comércio com Aracati, via Icó, havia se intensificado, e a cidade e seus distritos consumia diariamente de 6 a 8 bois. A instrução pública estava a cargo de uma aula latina e três primárias, sendo uma de meninas, porém o ponto alto do progresso do Crato era a existência de um jornal – O Araripe – em que João Brígido começa a açacalar a pena que o tornaria o maior panfletário do Ceará. Em 1861 a cidade do Crato tinha 550 casas de telha e 600 de palha. Ao todo 1150 casas, e consumia 8 rezes diariamente com uma população de 8 mil habitantes. (FARIAS FILHO, 2007, p. 111).

Com as transformações em curso na segunda metade do século XIX um novo elemento ou variável deve ser levada em consideração no processo de produção do espaço urbano cratense, ou seja, a ação das elites locais, principalmente os grandes proprietários de terras, muito deles coronéis, grandes comerciantes e mesmo políticos. A construção de Sobrados, a concessão de terras para construção de equipamentos urbanos, a contratação de trabalhadores para pavimentação de ruas, vão ser empreendimentos realizados por essas elites. Um dos destaques na cidade do Crato é o Coronel Antônio Luís Alves Pequeno, que era oriundo de Icó e pertencia a família de ricos comerciantes. O terreno para a construção do seminário São Jose do Crato foi doado pelo citado coronel. Na manipulação do processo de produção do espaço urbano, o poder e o prestígio das elites se fortalecia cada vez mais, Farias Filho (2007), aponta outra manifestação dessa prática:

Siqueira Campos iniciou a pavimentação (calçamento) das ruas do Crato com seu próprio dinheiro. Segundo Pinheiro (1950, p. 297), em 1915, em meio a uma grande seca, “para matar a fome e vestir centenas de retirantes que enchiam o Crato, a esmolarem, Siqueira Campos, à sua custa, iniciou o calçamento da cidade. Calçou ruas e deixou, aqui e ali, grandes montes de pedras para forçar a prefeitura a continuar os trabalhos começados. (FARIAS FILHO, 2007, p. 155).²

É importante assinalar que o Coronel Manuel Siqueira Campos era comerciante, com grande prestígio na cidade do Crato. E que no dia 14 de dezembro de 1917 o governador João Tomé Sabóia inaugurou a Praça Siqueira Campos e disse em seu discurso que o mesmo podia ser considerado um verdadeiro “prefeito sem mandato”. A produção do espaço urbano estava relacionada diretamente com as práticas de poder e adquiriam uma dimensão simbólica nas próprias formas espaciais da cidade.

Outra variável importante na produção do espaço urbano diz respeito ao papel exercido pela Igreja Católica no seu processo de expansão territorial durante a segunda metade do século XIX. Neste período a Igreja Católica está passando por uma transformação significativa, abandonando as práticas coloniais do Século XVI e XVII e voltando-se para uma organização segundo as determinações de Roma, processo esse que foi denominado de romanização do catolicismo no Brasil. Consolida esse fato a criação por Roma, em 1854 da Diocese do Ceará, tendo D. Luís Antônio dos Santos como primeiro bispo do Ceará. A atuação da Igreja com estas transformações se modificará substancialmente.

Na configuração espacial da Cidade de Crato é possível observar, que do ponto de vista da produção de equipamentos urbanos e mesmo da organização territorial, a influência da igreja Católica é marcante. Uma das primeiras manifestações da igreja católica relacionada à cidade do Crato, mesmo antes de iniciar o processo de produção do espaço urbano, está o próprio aldeamento que tinha o nome de Missão do Miranda, e a construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha (elevada à matriz em 1762). Já no século XIX, ocorre a construção da Casa de Caridade em 1868, pelo Padre Antônio José Pereira Ibiapina, logo em seguida, em 1875, o Seminário São José, criado pelo primeiro Bispo do Ceará, Dom Luís Antônio dos Santos, com o intuito de desenvolver a

² PINHEIRO, Irineu. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza, 1950.

formação sacerdotal. A criação do seminário também faz parte de um projeto da Igreja católica de exercer um domínio ideológico sobre o ensino na Região do Cariri.

Figura 04 - Crato no início do século XX - Seminário São José e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha (Centro do Crato)

Fonte: <www.miseria.com.br>.

A ação da Igreja Católica será mais intensa durante a primeira metade do século XX. Em 1914 é criada a Diocese do Crato pelo Papa Bento XV. Ao se tornar sede da Diocese, O Crato consolida mais ainda sua importância regional. Enquanto a Igreja vai tornando sua intervenção mais significativa com a construção de colégios, capelas, como também projetos ligados à urbanização. Sobre a atuação da Igreja Católica no espaço urbano, Farias Filho (2007), escreve que:

Durante a década de 1920, sob a influência da Igreja Católica, as feições da cidade começam a se modificar. A Diocese do Crato planejava a construção do Palácio Episcopal e de uma Estação Ferroviária para a cidade. Embora tais obras não tenham sido construídas, era um sinal de progresso a intensão de sua execução, um impulso para o crescimento urbano. Atualmente, encontra-se no Departamento Histórico Padre Gomes da Diocese do Crato, as Plantas desses Projetos, encomendados a Arquitetos do Rio de Janeiro na década de 1920. (FARIAS FILHO, 2007, p. 161).

Figura 05 - Matriz da Igreja de Nossa Senhora da Penha, Praça da Sé, em 1934

Fonte: <http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod_not=122845>.

Em 1923, foi criado o Colégio Santa Teresa de Jesus por Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e Ana Alves Couto, e em 1927 o “*Gymnasium* do Crato”, fundado pelo Padre Francisco de Assis Pita. E em 06 de fevereiro de 1959 foi criada a Faculdade de Filosofia do Crato, a primeira instituição de ensino superior do interior do Estado do Ceará, sob a direção da Fundação Padre Ibiapina, entidade ligada à Diocese do Crato. E em 1936 ocorre a criação do Hospital São Francisco de Assis, idealizado pelo Bispo Dom Quintino Rodrigues e fundado por Dom Francisco de Assis Pires. Esses empreendimentos realizados mostram claramente que a Igreja tinha um projeto de domínio de dois setores básicos, a saúde e a educação. E o importante notar é que ainda hoje é possível observar o quanto a formação educacional dos habitantes da cidade do Crato e do Cariri, como um todo, estiveram sob o domínio do clero. Além dos setores educacionais e de saúde, a igreja foi proprietária de habitações. Boa parte das residências em torno da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha, no centro do Crato era de sua propriedade.

Figura 06 - *Gymnasium* do Crato

Fonte: <[As análises desenvolvidas através de pesquisas empíricas demonstram que as ações da Igreja Católica na produção do espaço resultam também das concepções e projetos voltados para apropriação do espaço. Observando a distribuição das paróquias pelo território urbano é possível constatar que a localização das mesmas faz parte de uma estratégia que visava criar uma organização onde cada Igreja exercia uma influência em parcelas diferentes da cidade. Existe uma Igreja Matriz, e em cada limite do núcleo urbano foi colocada uma Igreja, em paralelo ao crescimento e surgimento dos bairros.](https://www.google.com/search?biw=1366&bih=657&tbn=isch&sa=1&ei=TaQyXLSIFsWxwASrrLWABw&q=Gymnasium+do+Crato+antigo&oq=Gymnasium+do+Crato+antigo&gs_l=img.3...20449.22344..22658...0.0..0.160.989.0j7.....1....1..gws-wiz-img.07SF-CwGOAc#imgsrc=NjSH72joUaqJmM:>.>.></p>
</div>
<div data-bbox=)

Durante a primeira metade do século XX, um fluxo de modernizações atinge a Região do Cariri, especificamente o Crato. É possível observar o surgimento de novos equipamentos e serviços urbanos que vão dinamizar o seu crescimento urbano. Quanto aos serviços, pode-se destacar a inauguração do sistema de iluminação pública, em 1903, e a luz elétrica em 1920. Importante observar que a cidade era abastecida de energia elétrica por uma usina hidroelétrica local (1938), localizada nas nascentes do rio batateiras. No que diz respeito aos equipamentos urbanos, a atividade cultural vai ser contemplada com a criação do primeiro cinema do interior do Estado do Ceará, o cinema paraíso, em 03 de junho de 1911, pelo Italiano Vittorio de Maio. E ainda no que diz respeito ao lazer, em 1918, é inaugurado o Cine Cassino Sul Americano, se constituía em um bar, cinema e cassino, e foi um dos mais frequentados da Região.

Figura 07 - Crato em 1925

Fonte: Acervo Hugo Linard. Disponível em: <<http://blogdocrato.blogspot.com/2012/04/fotos-do-crato-antigo.html>>.

Quanto ao setor de transportes é importante registrar a chegada em 1919 do primeiro automóvel e em 1926, a Estrada de Ferro, ligando o Crato à Fortaleza. Em 1953 é criado o aeroporto Nossa Senhora de Fátima, o primeiro do interior do Ceará. Esse fluxo de modernização é culminado, com os primeiros equipamentos urbanos ligados ao setor financeiro, em 1921 é fundado o Banco do Cariri e em 1936 a instalação da agência do Banco do Brasil. A inauguração da primeira rádio do interior do Ceará, a Rádio Araripe do Crato, em 28 de agosto de 1951 também faz parte desse fluxo de modernização.

Figura 08 - A Estação Ferroviária do Crato – Anos de 1930

Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ce_crato/crato.htm>.

A partir da segunda metade do século XX o crescimento urbano vai começar a superar os limites do perímetro urbano que se restringia a um pouco mais que a área central da cidade. Figueiredo Filho (2007) aponta que “a população da cidade

do Crato, em 1955, era de cerca de 20 mil habitantes”. E a configuração espacial da cidade apresentava “1 avenida; 58 ruas, das quais 38 eram iluminadas; 2 travessas; 8 praças e 3 ladeiras”. Uma cidade ainda muito pequena, mas que até o final do século XX sofreria modificações substanciais.

Na segunda metade do século XX, principalmente a partir das décadas de 60, 70 e 80, o município do Crato vai passar por substanciais transformações no sistema produtivo, agricultura, pecuária e principalmente no comércio. Essas transformações repercutiram diretamente no processo de urbanização do município. Uma primeira grande transformação ocorre no sistema produtivo da Região do Cariri, com as transformações no cultivo da cana de açúcar, principalmente com a nova fase de industrialização do beneficiamento da cana-de-açúcar, ocorrida a partir da segunda metade da década de 70. A esse respeito, Brito (1985) indica que:

A nova fase de industrialização da cana, no Cariri, devida a um grupo empresarial alienígena, encontra respaldo na crise da economia canavieira que, ao gerar a descapitalização do dono do engenho, interferiu na sua capacidade de investimento, impedindo-o de buscar na indústria do açúcar e do álcool uma alternativa para a referida crise, uma vez que se beneficiária de todas as vantagens concedidas pelo PROÁLCOL. Assim, o dono do engenho, incapacitado de realizar mudanças substanciais na estrutura da produção, tem o seu poder reduzido no instante em que se transforma em fornecedor da Usina, e não mais domina todas as esferas do processo de industrialização da cana, requisito primordial da manutenção do seu poder na região. (BRITO, 1985, p. 59).

Essas transformações no espaço agrário provocaram alterações na estrutura fundiária, nas relações de trabalho, nas formas de utilização da terra e na comercialização da cana-de-açúcar. As novas técnicas introduzidas pela usina também são diferentes das técnicas utilizadas na região e vai ser um fator de desestabilização da cultura tradicional da cana-de-açúcar na região. O êxodo rural nas últimas décadas do século XX também se torna intenso na Região do Cariri cearense.

As mudanças no espaço agrário vão ser acompanhadas por modificações nas atividades comerciais e industriais. O modelo econômico brasileiro estruturado por uma industrialização que durante muito tempo encontrou-se concentrada na região sudeste não atingiu a Região do Cariri cearense. Sendo assim as atividades que mais se expandiram foram aquelas ligadas ao setor terciário, comércio, serviços. O município do Crato vai ao longo das últimas décadas do século XX concentrando

suas atividades econômicas nas atividades comerciais e essa tendência vai se refletir na organização da cidade.

A partir da década de 60 do século XX ocorre uma expansão do sítio urbano da cidade, com o crescimento de bairros com grandes desigualdades sociais e econômicas. O Centro da Cidade que já foi o local de moradia das elites locais vai sendo ocupado por novas atividades econômicas e as áreas com atrativos ambientais, principalmente aquelas próximas à chapada, vão sendo ocupadas pelas novas elites. Bairros de populações com alto poder aquisitivo vão se formando, caso do granjeiro, lameiro, pimenta e sossego, e do outro lado bairros de populações com baixo poder aquisitivo, como o bairro do seminário e o bairro vermelho surgem, como também, inúmeras favelas.

Na verdade, as últimas décadas do século XX, através da lógica de um capitalismo produtor de profundas desigualdades sociais e fortes concentrações de renda, vão provocar um intenso processo de fragmentação do território urbano, com processos de segregação, marginalização, gentrificação e demais outros processos que envolvem o espaço urbano.

Atualmente, o município de Crato tem segundo o censo de 2010, uma população absoluta 121.428 habitantes e população urbana de 100.916 habitantes e população rural de 20.512 habitantes, com uma taxa de urbanização de 83,1%. Ainda segundo os dados do IBGE (2010), apenas 42% de domicílios apresentam esgotamento sanitário adequado, o que revela problemas muito graves para o meio ambiente urbano.

O sistema produtivo do município do Crato apresenta um setor agrícola que tem como principais culturas a banana, o tomate, a cana-de-açúcar, a fava, a manga e a mandioca. A participação do valor da produção municipal no total do Estado do Ceará por lavoura é respectivamente, 1,2%, 1,4%, 1,5%, 6,9%, 2,9% e 0,6%. Os dados demonstram uma atividade agrícola com um desempenho muito fraco e com pequena participação no produto interno bruto do Estado do Ceará e do município. Os serviços e a administração pública apresentam-se como os setores com maior participação no produto interno bruto municipal. Apontando para uma hegemonia do setor terciário. (IBGE, 2016).

2.4.3 O surgimento e ascensão do município de Juazeiro do Norte, crescimento urbano e crescimento demográfico como base de uma terceira dinâmica regional

Consolidando as reflexões a respeito da dinâmica do processo de produção do espaço regional do Cariri cearense, o último quartel do século XIX produz fatos que vão redimensionar as formas como essa parcela do espaço será produzida. Estes novos fatos produziram novos agentes e processos e novas práticas espaciais que configuraram uma lógica organizacional para a região com diferenças daquelas que foram elaboradas sob o comando do município do Crato. Os fatos mais significativos que desencadearam uma nova dinâmica espacial para a região têm um caráter essencialmente religioso, embora os seus desdobramentos sejam políticos, sociais, econômicos, demográficos e territoriais.

Os fatos que vão marcar decisivamente essa nova dinâmica territorial são o “milagre de Juazeiro”, ocorrido em março de 1889, quando uma hóstia tem se transformado em sangue no momento em que a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo, recebe a comunhão, em uma missa celebrada pelo Padre Cícero Romão Batista; o outro fato diz respeito a própria trajetória do Padre Cícero ao longo de suas ações como protagonista dos movimentos religiosos e políticos. A perspectiva religiosa que envolve esses acontecimentos vai trazer para o processo de produção do espaço, elementos novos ligados às dimensões do sagrado e do profano. As práticas espaciais serão impregnadas de um conteúdo simbólico de caráter religioso e as representações do espaço se revestirão de significados e sentidos ligados à fé e às crenças populares, resultando em espaços da representação marcados também pela religiosidade, como também pelo trabalho humano. Com relação à importância da religião e do sagrado na produção do espaço, Rosendahl (1999) afirma que:

É possível reconhecer o sagrado como elemento de produção do espaço. LEWANDOWSKI (1984) e outros a este respeito sustentam que as construções são moldadas pelas ideias de uma sociedade, suas formas de organização econômica e social, a distribuição de recursos e autoridade, suas atividades, crenças e valores prevaletentes em qualquer período de tempo. De fato, critérios socioculturais podem ser tão importantes quanto fatores como clima e tecnologia para influenciar a construção do espaço. Deseja-se sugerir uma maneira particular de se olhar as cidades em relação a seu contexto cultural, estabelecendo um elo entre religião, a gênese da cidade e uma das suas funções. (ROSENDAHL, 1999, p. 12).

No Cariri cearense, no final do século XIX, as práticas espaciais, as representações do espaço e os espaços de representações, responsáveis pelos processos de produção do espaço estarão impregnados de concepções, percepções e ações que apresentarão um conteúdo marcado por crenças, rituais, narrativas, simbologias, que encontram suas razões de ser na religião. O espaço assim produzido vai materializar através de suas formas, os processos que revelam a complexa relação entre o homem e o sagrado, o que nos conduz à ideia de espaço sagrado. Discutindo a gênese do espaço sagrado em Juazeiro do Norte, Ramos (2012) é enfático ao dizer:

Em março de 1889, quando apareceram as primeiras romarias atraídas pelos milagres da beata Maria de Araújo, emergiu um “Centro no Caos”, abrindo comunicação entre “níveis cósmicos”. Juazeiro inseriu-se no rol das experiências de fundação do território religioso: a ruptura da homogeneidade do espaço por meio da vivência religiosa. Construía-se mais um Centro, como Aparecida do Norte, Canindé ou Lourdes. O pequeno povoado transformava-se em espaço sagrado. (RAMOS, 2012, p. 13).

A nova forma que assumirá a produção do espaço, através do comando das variáveis religiosas, estabelecerá novas bases em que se fundamentará a estruturação do território. A igreja já estivera presente no processo de produção do espaço nas dinâmicas anteriormente analisadas, no entanto, neste novo momento é a religião que entra como elemento essencial. Nas formas de organização passadas o papel da igreja era limitado à administração de algumas parcelas do espaço ou produção de algum empreendimento espacial. A partir dessa nova dinâmica que está emergindo no final do século XIX, no Juazeiro do Norte, o próprio espaço vai resultar de ações, narrativas, discursos, projetos, necessidades, desejos vinculados à religião, a fé, às crenças, ou seja, dos anseios dos próprios agentes que serão responsáveis pela produção desse espaço. O Juazeiro assim resulta das práticas de fiéis, romeiros, beatas, padres, religiosos e demais agentes que vão concretizar os seus anseios através de um espaço sacralizado. Em sua reflexão sobre a produção desse espaço sagrado de Juazeiro do Norte, Ramos (2012) enfatiza a importância das ações desenvolvidas no cotidiano e que foram fundamentais na produção do espaço:

Feito e refeito nas vivências do cotidiano, Juazeiro ficou profundamente marcado pelas táticas de sobrevivência. Com a hóstia que vertia sangue, o pequeno povoado foi se transformando em cidade de migrantes que alargavam o tamanho das ruas e romeiros que faziam de Juazeiro um “Centro do Mundo”. De algum modo, todos esses sertanejos moveram-se na esperança de ter soluções para dores do dia a dia. Para a cura uma doença, para pedir um bom casamento, emprego, um pedaço de terra ou inverno abundante, migrantes e romeiros exercitavam uma fé cotidiana como parte das astúcias que procuravam superar desventuras e necessidades do viver. Foram esses devotos que transformaram Juazeiro em lugar sagrado: meio do mundo e de sobrevivência. (RAMOS, 2012, p. 27).

Ao analisar o crescimento urbano e a urbanização do município do Crato apontou-se como uma das variáveis explicativa para tais fenômenos as práticas espaciais da Igreja Católica, e foi possível verificar através das pesquisas que a referida instituição desempenhou um papel decisivo na produção do espaço urbano cratense. No caso específico de Juazeiro do Norte, a religião católica vai desenvolver um papel também decisivo na produção do espaço urbano, no entanto com diferenças substanciais. No processo de produção do espaço urbano cratense a religião católica agirá através de um catolicismo oficial, oriundo das regras e das práticas de Roma, daí ser denominado de um catolicismo romanizado. As ações da Igreja Católica oficial, fruto dos regulamentos de uma Igreja como instituição, vão se verificar através de agentes que são reconhecidos como legítimos representantes da religião católica, ou seja, os padres, bispos, e demais autoridades eclesiásticas.

No caso do Juazeiro do Norte a religião se fará atuante em uma perspectiva ligada ao catolicismo popular que tem suas práticas ligadas aos leigos e não necessariamente aos oficiais detentores do discurso religioso, embora a presença de representantes do clero oficial seja verificada. O catolicismo popular redefine as relações dos homens como o sagrado, redimensionando as práticas religiosas que envolvem a fé no plano do cotidiano e das ações concretas dos homens, não sendo necessária a intermediação dos agentes oficiais da Igreja Católica.

A produção do espaço urbano do Juazeiro do Norte vai realizar-se nesse território do catolicismo popular onde ações humanas constroem suas crenças a partir de relações materiais concretas responsáveis pela produção da própria existência humana. Dessa forma, não há separação entre a construção do sagrado e a produção da vida. É produzindo suas condições reais de existência que a sociedade vai elaborar suas crenças, suas concepções de mundo, seus simbolismos, enfim, produzir seu espaço. As práticas espaciais que serão

desenvolvidas são manifestações de representações do espaço, no caso do Juazeiro do Norte, concepções essencialmente religiosas, e que se materializaram em espaços de representação, que assumem formas urbanas.

No caso da produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte as suas origens vão apontar para uma sacralização do espaço devido os fatos ocorridos, primeiro o “milagre da transformação da hóstia em sangue” que envolveu a Beata Maria de Araújo e o Padre Cícero e a condição de “santo” que foi atribuída ao Padre Cicero pelos devotos, beatos e demais indivíduos que acreditavam em tais fatos. Esses fatos constituem uma primeira variável importante para o entendimento do crescimento urbano e urbanização do referido município. Uma segunda variável diz respeito ao intenso fluxo migratório que vai se desencadear em função dos fatos religiosos. Outras variáveis estariam ligadas ao papel do Estado e das próprias atividades econômicas que seriam desenvolvidas, principalmente o comércio.

Na interpretação da produção do espaço e do crescimento urbano de Juazeiro do Norte não podemos desenvolver uma análise abstrata dos fenômenos religiosos colocando-os como fenômenos sobrenaturais que desencadearam naturalmente o crescimento da cidade. Uma das características essenciais do catolicismo popular é sua relação profunda com o cotidiano, o espaço e o imaginário popular. As religiosidades e as crenças ocorrem a partir de práticas espaciais que envolvem o espaço vivido e é justamente através das ações desenvolvidas no cotidiano que eles produzem o espaço urbano. Aqui reside uma diferença fundamental em relação à produção do espaço urbano do Crato que se realiza muito mais pela ação da Igreja oficial e das elites proprietárias de terras e ricos comerciantes.

As transformações que o povoado de Juazeiro, inicialmente atrelado ao município do Crato como distrito, vai experimentar ao longo da história vão resultar de práticas sociais que inicialmente vão ser influenciadas diretamente pelas ações do Padre Cícero que chega ao povoado em abril de 1872. A chegada de um representante da Igreja no povoado é um fato importante para a época devido o prestígio que os representantes da Igreja tinham no interior do Nordeste. Esse fato é explicitado por Barros (1988, p. 58), quando afirma que “o padre da freguesia é o elemento mais importante nessa sociedade, pregando uma ideologia ordenadora ao

mesmo tempo de relações com o sobrenatural e das formas de relações na terra, a partir da mensagem católica”. (BARROS, 1988, p. 58).

O Padre Cícero se estabelece no pequeno povoado como representante de uma instituição, a Igreja Católica, com bastante poder na estruturação dos territórios que foram submetidos à colonização portuguesa. Por conseguinte, as ações que vão ser desenvolvidas pelo Padre Cícero estão impregnadas de valores, crenças e mesmo princípios éticos que tinham como base o catolicismo. Essas ideias e valores serão fundamentais para estabelecer os alicerces iniciais para a produção do espaço urbano da localidade. Importante observar que essas concepções oriundas dos princípios cristãos professados pela Igreja católica vão se tornar elementos essenciais nas formas de relações que os habitantes do pequeno povoado vão criar para produzir sua própria existência. Mas especificamente, como vão produzir suas relações com a terra, como meio de trabalho, como vão estabelecer suas relações de trabalho, como produziram suas relações políticas e como estabelecerão seus universos culturais e simbólicos. A fé e o trabalho serão elementos importantes na produção do espaço urbano do Juazeiro do Norte e essas ideias presentes nas concepções religiosas do Padre Cícero são oriundas das ideias e práticas desenvolvidas pelo Padre Ibiapina.

O Padre Ibiapina ordenou-se em julho de 1853, aos 47 anos de idade e desenvolveu uma prática religiosa que influenciou decisivamente muitos padres do interior do Nordeste. Pautado em uma opção pelos pobres, adotou como elementos fundamentais para a construção da vida do cristão, o trabalho e a fé. Perspectiva esta adotada por ele mesmo. O Padre Ibiapina teve uma vida de missionário e em suas práticas fundou diversas casas de caridade, inclusive no Crato, organizou a construção de igrejas, capelas, cemitérios, hospitais. Os ensinamentos do Padre Ibiapina foram fundamentais para o desenvolvimento das concepções religiosas e do projeto que o Padre Cícero tinha para o crescimento de Juazeiro. Barros (1988), revela sobre esse fato que:

O juazeiro continuava crescendo. Desde que o Padre Cícero se colocara como porta-voz, protetor das camadas da população, ele vai, pela vivência estreita da pobreza, identificando-se com a ideologia dessas baixas camadas, que o procuraram progressivamente, por décadas seguidas, e o venerarão como seu representante, seu amigo, seu defensor. Em três anos de apostolado nessa práxis, já tinha transformado o lugarejo de 30 casas em um povoado com centenas de habitações. A pequena capela já não comportava o número de fiéis que procuravam os ensinamentos e a ajuda

do Padre. Em 1875 iniciam-se as obras de construção de nova e mais ampla igreja. Nessa construção houve a afluência dos fiéis que desejavam participar do mutirão, ajudar o padre na “obra de piedade”, em troca apenas do alimento que os mais ricos de Juazeiro forneciam. As ruas se encompridavam e a vila crescia. O padre distribuía entre os pobres tudo o que recebia, e ia pessoalmente, batina rasgada, em longos jejuns diários, orientar os trabalhos, incentivar os matutos a se estabelecerem em Juazeiro e se fixarem como agricultores, numa crença cada vez mais forte de que Nossa Senhora das Dores encaminhava para ali os abandonados da sorte. (BARROS, 1988, p. 131-132).

É possível concluir que as ações do Padre Cícero não tinham um caráter somente religioso, mas tinham também uma concepção econômica e política. E nesta perspectiva econômica motivada pela fé, a produção do espaço e o próprio crescimento urbano se realizavam. As ações do Padre Cícero abriram possibilidades para ele controlar os elementos fundamentais do processo produtivo, nesse momento essencial do povoado. A terra, os instrumentos do trabalho, a força de trabalho eram elementos que paulatinamente ia sendo incorporado ao projeto religioso, mas também político e econômico do Padre Cícero. O povoado estava atrelado à economia do Crato e apresentava um caráter rural e agrário. Esse primeiro momento vai até 1889 com a ocorrência do “fenômeno do milagre” que envolveu a beata Maria de Araújo e o Padre Cícero.

A partir de 1889, não é a fé e o trabalho somente que irão motivar o crescimento urbano de Juazeiro. Outra variável fundamental deve ser levada em consideração, os intensos processos migratórios motivados pelo fenômeno religioso do milagre. Importante assinalar que essas migrações desencadeadas a partir de 1889 encontraram em Juazeiro não apenas a terra da devoção, mas também, a terra do trabalho, o lugar da fuga da seca, da fuga da miséria, um novo mundo, e essa tendência estimulou o crescimento urbano de uma forma acelerada. Della Cava (2014) assim comenta:

O crescimento urbano de Joaseiro foi ainda mais notável do que sua expansão agrícola. Em 1º de Janeiro de 1909, 15.050 habitantes achavam-se maciçamente estabelecidos em seu centro urbano, que compreendia 22 ruas e duas praças públicas iluminadas a querosene. Prestando serviços à cidade, havia duas padarias, três barbearias, quinze alfaiatarias, duas farmácias, vinte escolas primárias (das quais apenas duas eram públicas), uma tipografia, uma estação de telégrafo, uma agência de correios, um tabelião e uma repartição da coletoria de impostos do estado. (DELLA CAVA, 2014, p. 166).

É evidente o crescimento urbano motivado pelos intensos fluxos migratórios oriundos de diversas partes do Nordeste. As migrações encontravam nas estruturas opressoras das relações de produção, na miséria, nas secas periódicas um combustível também importante para suas ocorrências. As estruturas latifundiárias, a violência, a fome, eram elementos que caracterizavam o sertão nordestino no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. A fé no Padre Cícero e as crenças no milagre foram importantes, mas não os únicos. Ramos (2012) apresenta alguns elementos importantes ao dizer:

A grande maioria dos migrantes estava movida pela fé nos poderes do Padre Cícero. Afinal, a busca por uma melhor condição de vida estava, muitas vezes entrelaçada com vivências do sagrado. A experiência religiosa – vivenciada, também, como tática de sobrevivência – era o grande motor, mas o crescimento do comércio foi, paulatinamente, se transformando em grande atrativo. As atividades artesanais ou industriais e as transações de compra e venda, foram assumindo uma proporção mais significativa para quem desejava montar um negócio ou arranjar um emprego. Em outros termos: Juazeiro continuava a ser uma “cidade sagrada”, mas também se desenvolvia como uma “cidade profana”. (RAMOS, 2012, p. 95).

A força econômica adquirida em função do crescimento econômico e as pressões exercidas pelas elites locais vão desencadear uma transformação fundamental no âmbito político e administrativo, a autonomia municipal de Juazeiro, em 1911, rompendo com o domínio exercido pelas elites cratenses. E o Padre Cícero vai ser o seu primeiro prefeito. A partir desse momento vai se consolidando a ascensão do município como uma das grandes forças políticas e econômicas da Região do Cariri. Esse fortalecimento político vai avançar ainda mais com os acontecimentos de 1914, a sedição de Juazeiro, que se constituiu em um confronto entre as oligarquias cearenses e o governo federal, onde a participação do Padre Cícero e da população de Juazeiro foram importantes na deposição de Franco Rabelo. No contexto dessa ascensão de Juazeiro do Norte, Padre Cícero consolida seu projeto político, torna-se vice-presidente do estado do Ceará em 1912 e em 1926 foi eleito deputado federal, se envolvendo ainda no movimento de 1914 e estabelecendo uma forte influência nos coronéis da região.

Figura 09 - Juazeiro do Norte em 1911

Fonte: <www.juazeiro.ce.gov.br>.

Com essa ascensão política, Juazeiro do Norte vai se estruturando economicamente a partir do crescimento comercial e da atividade artesanal, e vai ao longo do século XX consolidar sua liderança regional. A força do seu crescimento vai sendo alimentado pela intensificação das romarias e consequente crescimento demográfico e urbano.

A disseminação dos fenômenos religiosos e a importância do Padre Cícero vão ser fundamentais para desencadear a ocorrência de novos processos responsáveis pela estruturação da nova dinâmica espacial, a saber, o intenso processo migratório responsável pelo crescimento demográfico e o crescimento urbano e urbanização de Juazeiro e consequentemente do Cariri. Na base desses novos processos está o desenvolvimento de romarias que trouxeram inúmeros devotos para o Juazeiro. Os fluxos migratórios serão intensos durante todo o século XX, estimulando o crescimento demográfico de Juazeiro como também o desenvolvimento de uma força de trabalho que contribuiu significativamente para a ascensão do Juazeiro no cenário regional. Quanto ao fluxo de romeiros anualmente, Ramos (2012, p. 75) afirma que, “durante a década de 1990, estimou-se que a cidade recebia quase um milhão de romeiros por ano”. É um contingente que impulsiona a economia regional sendo responsável pelo dinamismo do crescimento de Juazeiro do Norte.

O município de Juazeiro experimenta um significativo crescimento urbano, apresentando já em 1940 uma população urbana superior à população rural, evidenciando sua tendência a uma urbanização acelerada. Um fato que merece destaque a nível nacional, já que nesse período o Brasil ainda apresenta uma forte

concentração da população no campo. Segundo o IBGE, o Brasil em 1940 apresenta apenas 31% da população na cidade e 69% na zona rural.

Tabela 1 - Juazeiro do Norte, Ceará: crescimento das populações urbana e rural, de 1940 a 2010

Censos	Total	Urbana	Rural
1940	38.145	25.155	13.990
1950	56 146	42 821	13 325
1960	68 494	54 170	14 324
1970	96 047	80 643	15 404
1980	135 616	126 035	9 581
1991	173 566	164 922	8 644
1996	189 423	180 404	9 019
2000	212 133	202 227	9 906
2010	249. 296	240 128	9 811

Fonte: Censos Demográficos (IBGE, 2010).

O crescimento demográfico e urbano e a diversificação de sua capacidade produtiva com o crescimento da atividade industrial e ampliação do setor terciário da economia, sem dúvidas, colocam, durante a segunda metade do século XX, o município de Juazeiro do Norte, como principal centro econômico da região. Praticamente, o referido município passa a deter a economia mais dinâmica do sul do Ceará. Atualmente o município de Juazeiro do Norte apresenta uma população estimada para 2018, segundo o IBGE (2010), de 271.926 habitantes e uma taxa de urbanização de 95,3% (Instituto de pesquisas do Ceará). A expansão do município foi considerável e segundo dados do IBGE (2010) está constituído de dois distritos e 37 bairros.

Quanto à estrutura econômica o setor mais dinâmico da economia do município de Juazeiro do Norte é o terciário, que responde por 80% do PIB (IPECE, 2015). Os dados do IBGE (2010) mostram que o município de Juazeiro do Norte apresenta: 2.982 estabelecimentos comerciais (varejo), 222 empresas de serviços (18 ramos), com 30.937 empregos formais em todas as atividades e 5.612 empregos formais na administração pública.

A supremacia do setor terciário na economia de Juazeiro produziu a nível territorial uma concentração das suas principais atividades resultando em um processo de centralização que se materializou na parte central da cidade. Praticamente até o final do século XX, as principais atividades comerciais e de serviços estavam localizadas em três ruas: as avenidas Padre Cícero e São Pedro e a Rua São Paulo. As principais lojas ligadas a eletrodomésticos, vestuários, peças de automóveis, bens de consumos alimentícios, farmácias, estão localizadas nessa área. Outras atividades se localizam nos bairros e distritos. A produção dessa centralidade em Juazeiro corresponde à divisão territorial do trabalho estabelecida pelo modo de produção capitalista em sua fase industrial. O terciário neste período está intimamente ligado à estrutura industrial que estava concentrada prioritariamente na Região Sudeste do Brasil.

Figura 10 - Vista parcial da Rua São Pedro - antiga centralidade (rugosidade) de Juazeiro do Norte

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2015)

O importante observar é que essa forma como as atividades comerciais e de serviços vão se materializar espacialmente, produzindo uma centralidade, atendeu até certo ponto às necessidades de um período histórico e uma modalidade específica de capital e também de como se reproduziam as forças produtivas em sua expansão pelo território. No momento em que o capitalismo passa a se revestir de uma nova lógica, ou seja, o capital financeiro passa a estabelecer as formas de expansão e reprodução do capital, a tendência é que essa parcela do espaço passe a oferecer obstáculos à expansão e reprodução dessa nova forma do capital, ou

mesmo se torne inapropriada. Em outras palavras a antiga centralidade que se estabelece até o final do século XX, no município de Juazeiro, se torna inadequada ao novo período da globalização em que o capital financeiro se mostra o comandante. A respeito desse fenômeno, Santos (1986) esclarece:

O espaço, por outro lado, não é jamais um produto terminado, nem fixado, nem congelado para sempre. Mas um dos seus elementos - e não se trata de um elemento sem importância, - é fixo ao solo. As formas espaciais criadas por uma geração ou herdadas das precedentes têm como característica singular o fato de que, como forma material não dispõe de uma autonomia de comportamento, mas elas têm uma autonomia de existência. Isso lhe assegura uma maneira original, particular, de entrar em uma relação com os outros dados da vida social. A isso também se dá um outro nome: as propriedades de uma coisa. Para Hegel, em Ciências da lógica (tomo I, livro II) "toda coisa tem propriedades; estas são, antes do mais, suas relações com as outras coisas [...] mas seguramente a própria coisa [...] têm a propriedade de provocar esse ou aquele efeito em uma outra coisa e de se exteriorizar, nas suas relações, de uma maneira original. (SANTOS, 1986, p. 150).

A centralidade que se estabeleceu no município de Juazeiro do Norte, ao longo da segunda metade do século XX resultou de uma dinâmica específica do capitalismo e correspondeu também a uma modalidade de crescimento urbano e de urbanização. A cidade resultante da dinâmica industrial que se estabeleceu no Brasil, teve funções específicas na reprodução dos meios de produção capitalista e na reprodução das relações de produção. Como a atividade industrial mostrou-se concentrada principalmente na região sudeste, coube às demais partes do território, as cidades que não receberam atividades industriais, desenvolver outros tipos de atividades econômicas, principalmente o comércio e os serviços, e outras parcelas do território a atividade agrícola.

Essa manifestação da divisão territorial é muito mais complexa do que o que foi descrito, mesmo assim nos dá uma ideia de como o capitalismo industrial incorporou determinadas cidades nas relações econômicas, ou seja, restringindo alguns municípios e cidades ao desenvolvimento de uma economia centrada no terciário, onde o comércio, os serviços e principalmente o subemprego são atividades predominantes. Essas atividades, ligadas diretamente ao consumo, conduziram ao fenômeno da centralização, que se verificou principalmente na parte central das cidades. Uma centralização que atendia principalmente à lógica do capitalismo baseado na atividade industrial que foi se defasando em relação às mudanças verificadas no próprio modo de produção capitalista. É assim que é

possível perceber que a antiga centralidade que se desenvolveu no município de Juazeiro do Norte tornou-se incapaz de suportar as mudanças geradas por um capitalismo de caráter globalizado. Essa antiga centralidade do município de Juazeiro pode ser vista em relação às novas formas de produção do espaço, como uma rugosidade. Sobre as rugosidades, Santos (1986) aponta que:

As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão do trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados. (SANTOS, 1986, p. 138).

Percebe-se assim, para que estes novos processos, agora resultante do capitalismo globalizado, possam efetivamente se materializar, faz-se necessária uma fusão entre forma e conteúdo, e nem sempre as formas antigas são capazes de receberem uma nova função. No caso da Região do Cariri Cearense a parcela do espaço que apresenta uma funcionalidade marcadamente econômica, a centralidade antiga, não foi compatível com os novos processos que estavam se implantando na Região, obrigando esses novos processos a buscarem áreas novas passíveis de comportar objetos geográficos com funções e formas estruturalmente diferentes. As antigas áreas, como algumas ruas centrais dos municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, que representavam no âmbito da economia urbana, verdadeiros centros ligados ao setor terciário, não foram capazes de receber estes novos objetos geográficos. Surgindo assim uma nova área, o Triângulo CRAJUBAR, como uma opção para expansão de novos processos capitalistas. Esse processo acima descrito é evidenciado por Santos (2008) quando nos lembra que:

O espaço reproduz a totalidade social na medida em que essas transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. Assim, o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos. (SANTOS, 2008, p. 33).

Fica evidente assim, que a produção de um novo espaço urbano na Região do Cariri cearense, em função dos novos processos ligados à economia capitalista globalizada, foram totalmente incompatíveis com as antigas áreas que apresentavam funções econômicas tradicionais. Esses novos processos exigiam novas formas, pois demandavam novos padrões arquitetônicos, novos materiais de construção, novas estruturas técnicas e novas funcionalidades, conseqüentemente novas formas capazes de viabilizar estes novos processos. Assim uma nova área teve que ser escolhida pelos agentes no comando dessas demandas, o que conduziu à formação de uma nova centralidade do ponto de vista da economia urbana regional.

No final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI o capital em sua necessidade de expansão e tendo como finalidade estratégica se reproduzir utilizando a produção do espaço na Região do Cariri vai ter que escolher uma nova área passível de acolher seus novos objetivos e novos projetos. É assim que vai eclodir no Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha, uma nova centralidade, agora de atividades e capitais representantes de um novo momento que o modo de produção capitalista está criando.

Não podemos esquecer que para realização dessa nova dinâmica, onde a hegemonia é do capital financeiro, a antiga cidade teve que ser praticamente transformada, a partir de um amplo processo de fragmentação do seu tecido urbano, a cidade torna-se meramente funcional e voltada apenas para reprodução do capital, com um esvaziamento profundo dos conteúdos culturais e de lazer. As cidades da Região passaram por esse amplo processo de destruição de sua sociabilidade. Os cinemas fecharam, o Crato chegou a ter três cinemas. As festas regionais foram privatizadas, as ruas perderam seu significado enquanto espaço onde se produziam relações sociais, muita das vezes, a partir das relações de vizinhança, para se tornarem grandes vazios. É neste contexto que a quarta dinâmica do espaço regional vai emergir.

Quanto ao crescimento demográfico de Juazeiro é possível afirmar que esta localidade vai apresentar durante o século XX um dos mais significativos incrementos populacionais dos municípios da região, o crescimento é extraordinário e muito acelerado. Segundo Della Cava, (1985, p. 153) em 1890 registra-se no pequeno povoado por volta de 2.245 habitantes. Esse crescimento vai transformar

Juazeiro em um dos municípios com maior potencial de consumo e disponibilidade de força de trabalho dessa parcela do território cearense.

Estabelecendo uma analogia com o município do Crato, que comandou a Região do Cariri por um bom período do século XX, até aproximadamente a década de 1970, é possível verificar a força que o crescimento demográfico teve na ascensão de Juazeiro de Norte. Em 1920, o Crato tinha 29.774 habitantes e o Juazeiro já contava com 22.067 habitantes. Na década seguinte o Juazeiro do Norte chegava a 38.530 habitantes e o Crato, 38.968 habitantes. Praticamente o Juazeiro acompanhava a Cidade mais próspera da época que era o Crato. Importante observar que é no final da década de 40, precisamente em 1939 que o Padre Cícero morre e os fluxos migratórios apresentam uma intensificação.

Os dados estatísticos do senso de 1950 vão assinalar a superação do crescimento demográfico de Juazeiro do Norte (56.904 habitantes) em relação ao Crato (48.503 habitantes). O crescimento demográfico de Juazeiro passa então a ser uma variável fundamental do seu crescimento econômico e de sua estruturação como grande centro comercial do interior cearense. No senso de 1960 o Crato apresentou uma população absoluta de 59.464 habitantes e Juazeiro chegava a 68.494 habitantes. Esse crescimento demográfico estimulou o crescimento de inúmeras atividades produtivas que, segundo Ramos (2012, p. 131), uma reportagem do Jornal Correio do Juazeiro, em 1949, afirma que “a cidade era a São Paulo do Cariri”.

Alguns acontecimentos que vão se verificar na década de 1960 vão ser importantíssimos para o avanço das migrações e do crescimento demográfico, mas um deles apresenta uma relevância singular em termos de consolidação do espaço simbólico em que vai se tornar o Juazeiro, como também para fortalecer mais ainda a sua sacralidade e o caráter sagrado de seu território, ou seja, a construção em 1969 da estátua do Padre Cícero que vai se tornar um dos mais significativos lugares de peregrinação do Brasil. As romarias mais importantes durante o ano são: A romaria de nossa senhora das Candeias em 02 de fevereiro, o aniversário do Padre Cícero em 24 de março, o aniversário de morte em 20 de junho, a romaria de Nossa Senhora das Dores em 15 de setembro e a romaria de finados de 30 de outubro a 01 de novembro.

Figura 11 - Horto: Estátua do Padre Cícero

Fonte: <www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Estátua-de-Padre-Cícero/>.

Nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX, Juazeiro do Norte vai apresentar um crescimento demográfico bastante significativo, apresentando uma taxa de crescimento no período de 160,2%, contra 71% do Crato e 118,2% de Barbalha os dois outros municípios que compõem a área central do Região do Cariri (Tabela 2), revelando com isso que o Juazeiro do Norte apresenta um dinamismo superior a todos os demais municípios da Região. Este crescimento é responsável por mudanças fundamentais na estrutura urbana do município. Juazeiro do Norte vai expandir seu tecido urbano em direção aos municípios de Crato e Barbalha, desencadeando um dos mais importantes processos de conurbação do Estado do Ceará. A expansão do Juazeiro do Norte na direção dos municípios de Crato e de Barbalha se fará com novos investimentos em infraestruturas e novas atividades econômicas ligadas principalmente ao setor terciário.

A tabela a seguir demonstra que o crescimento de Juazeiro se torna ainda mais nítido.

Tabela 2 - Crescimento populacional dos municípios da Região Cariri (continua)

Censo	Juazeiro do Norte	Crato	Barbalha
População total em 1970	96.047	70.996	25.370
População total em 1980	135.620	80.675	30.955
População total em 1991	173.566	90.519	38.430
População total em 2000	212.133	104.646	47.031

Tabela 2 - Crescimento populacional dos municípios da Região Cariri (conclusão)

Censo	Juazeiro do Norte	Crato	Barbalha
População total em 2010	249.936	121.462	56.373
Taxa de crescimento no período	160,2 %	71%	118,2%

Fonte: Adaptada do IBGE (2010).

Ainda analisando o crescimento demográfico de Juazeiro do Norte em relação aos dois outros municípios de maior importância do sul do Ceará, é possível deduzir que não só do ponto de vista econômico, mas principalmente político, há um fortalecimento em termos de representação política, como também no que diz respeito ao poder de barganha que o referido município vai apresentar. Hoje o Juazeiro conta com o terceiro maior colégio eleitoral do Ceará, 168.958 eleitores e conta com o maior número de deputados estaduais e federais em relação aos municípios da Região do Cariri.

Embora a análise dos dados a respeito do crescimento demográfico, especificamente sobre a população absoluta tenha se concentrado sobre os municípios com maior expressividade, Crato e Juazeiro do Norte, é importante ressaltar que os outros municípios de menor porte também tiveram acréscimos em suas populações. Neste caso para a análise aqui desenvolvida o número total da população absoluta da área é bastante útil, pois oferece a possibilidade de refletir sobre o potencial demográfico desta área.

Analisando a população absoluta da Região do Cariri Cearense, o IPECE apontou, em 2017, 28 municípios que fazem parte desta área e classificou as populações desses municípios de acordo com algumas classes assim dispostas: municípios com mais de 200.000 habitantes, mais de 100.000, mais de 50.000, mais de 20.000, mais de 10.000 e por último menos de 10.000.

Na classificação que considera os municípios cearenses com mais de 200.000 habitantes apenas o Juazeiro do Norte, com aproximadamente 270.383 habitantes (IPECE, 2017) apresenta números relativos a essa classe que foi levada em consideração. A presença do Juazeiro nessa categoria resulta da dinâmica

demográfica motivada pelas migrações e pelo crescimento econômico verificado nas últimas décadas.

Entre os municípios com mais de 100.000 habitantes encontra-se o Crato com 130.604 habitantes (IPECE, 2017). O fato de ter sido um dos primeiros municípios a se estruturar no Estado do Ceará e apresentar uma considerável hegemonia na porção sul do Estado, consolidando-se ao longo do século XX como uma economia relativamente consistente para o contexto regional, estão na base explicativa para a evolução demográfica do referido município.

Com mais de 50.000 habitantes, apenas Barbalha 59.811 habitantes (IPECE, 2017) encontra-se nesta classe, revelando que o núcleo central da Região do Cariri constituído por Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, apresentaram e ainda apresentam um dinamismo populacional mais intenso do que os demais municípios.

É na classe de mais de 20.000 habitantes que se registrou o maior número de municípios. Brejo Santos (48.830 habitantes), Mauriti (46.548 habitantes), Várzea Alegre (40.440 habitantes), Missão Velha (35.409 habitantes), Milagres (28.231 habitantes), Campos Sales (27.209 habitantes) Jardim (27.076 habitantes), Caririáçu (28.892 habitantes) Aurora (24.496 habitantes) Assaré (23.254 habitantes), Barro (22.440 habitantes) e Araripe (21.398 habitantes), num total de 12 municípios.

Acima de 10.000 habitantes encontram-se Farias Brito (18.720 habitantes), Santana do Cariri (17.489 habitantes), Salitre (16.331 habitantes) Nova Olinda (15.433 habitantes) Porteiras (14.921 habitantes), Abaiara (11.605 habitantes) e Potengi (10.918 habitantes), são sete municípios apresentando esses números e ao mesmo tempo, revelando que a maioria dos municípios apresenta uma população pequena.

Finalizando a classificação sugerida pelo IPECE (2017), seis municípios aparecem com uma população abaixo de 10.000 habitantes, a saber, Pena Forte (8.956 habitantes), Tarrafas (8.852 habitantes) Jati (7.847 habitantes), Altaneira (7.479 habitantes), Antonina do Norte (7.278 habitantes) e Grangeiro (4.425 habitantes).

A população absoluta do conjunto dos 28 municípios classificados como pertencentes à Região do Cariri alcançou, segundo o IPECE, em 2017, o total de 985.775 habitantes. Não restam dúvidas então devido às distâncias bastante próximas entre esses municípios e a já existente divisão territorial do trabalho que estabelece relações funcionais e complementares entre os mesmos, criando uma

rede urbana comandada pelos três municípios centrais, que hoje o maior atrativo e potencial econômico dessa área é a sua população absoluta. Esse fenômeno, o crescimento demográfico e sua consequência imediata, a população absoluta, aparecem com uma das mais importantes variáveis na explicação de uma nova dinâmica, agora comandada pelo capitalismo globalizado, pelo consumo e pelo capital financeiro.

O desafio vai ser viabilizar, através do processo de produção do espaço, a integração desses municípios com o intuito de criar condições para que o capital, principalmente aquele externo à região, no caso, o capital internacional, como também o nacional, possam estabelecer os alicerces de sua reprodução ampliada. Torna-se assim compreensível a atuação crucial que o Estado em todos os seus níveis, federal, estadual e municipal, mas principalmente a esfera estadual, vai desempenhar na produção de uma nova espacialidade e uma nova centralidade. O Estado será o principal agente na estruturação de uma nova parcela do espaço que inaugurará um novo arranjo espacial na dinâmica regional do Cariri.

2.4.4 A produção de uma nova dinâmica espacial sob o comando de um capitalismo globalizado, o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha

As grandes transformações em curso no final do século XX e ao longo do século XXI que redefiniram a estrutura e funcionamento do Modo de produção capitalista e que conduziram ao fenômeno da globalização e da reestruturação produtiva, também produziram novos agentes, processos e mecanismos responsáveis pela produção do espaço, modificando paisagens e a própria organização e funcionamento do espaço, numa escala de amplitude global, atingindo diversas localidades, incluindo a Região do Cariri. Estas transformações desencadearam mudanças significativas na antiga organização espacial, assinalando o desenvolvimento de um quarto momento na dinâmica do espaço regional caririense, comandado agora por novas forças e processos de um capitalismo globalizado a partir de estratégias ligadas principalmente ao consumo.

Figura 12 - Área central do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha

Fonte: Site Miséria (2015).

Para concretização desse novo padrão de organização espacial uma nova área é produzida com a distribuição de novos “objetos geográficos” que representam a materialização de diversos processos que atendem a uma racionalidade de um capitalismo de amplitude global. Esse capitalismo globalizado modificou substancialmente a divisão internacional do trabalho e no seu processo de expansão redimensionou a própria funcionalidade dos lugares, atribuindo a cada parcela do espaço uma nova função e um novo papel no processo de reprodução das relações sociais de produção, Santos (2008) é bastante esclarecedor quando revela que:

A cada nova divisão do trabalho ou a cada um novo momento decisivo seu, a sociedade conhece um movimento importante, assinalado pela aparição de um novo elenco de funções. A sociedade se exprime através de processos que, por sua vez, desdobram-se através de funções, enquanto estas se realizam mediante formas. (SANTOS, 2008, p. 58).

A nova dinâmica espacial que está sendo gestada na Região do Cariri está sendo responsável por uma das mais significativas transformações no âmbito social, econômico, político, cultural, que esta parcela do espaço já experimentou ao longo da sua história. A expansão das forças capitalistas nutridas pela revolução técnico-científica-informacional, a fluidez do capital financeiro, o poder das empresas transnacionais e o papel desempenhado pelo Estado para viabilizar o processo de globalização, são os novos elementos responsáveis pela construção de uma nova

configuração territorial na Região do Cariri voltada para viabilizar a acumulação do capital e sua expansão.

A porção do território que corresponde à Região do Cariri está sendo incorporada ao circuito financeiro internacional e à produção de uma mais-valia mundial. Os elementos fundamentais que constituem o próprio território regional, como a terra, os demais recursos ambientais, a força de trabalho, a cidade e o próprio processo de produção do espaço, passam por um vigoroso processo de mercantilização. As consequências dessas mudanças vão se verificar na própria organização e dinâmica do espaço regional. Quanto a isso, Santos (1992) é enfático ao assinalar que:

É na medida em que a economia se complica que as relações entre variáveis se dão, não apenas localmente, mas a escalas espaciais cada vez mais amplas. O mais pequeno lugar, na mais distante fração do território, tem, hoje, relações diretas e indiretas com outros lugares de onde lhe vem matéria-prima, capital, mão-de-obra, recursos diversos e ordens. Desse modo, o papel regulador das funções locais tende a escapar, parcialmente ou no todo, menos ou mais, ao que ainda se poderia chamar de sociedade local, para cair nas mãos de centros de decisão longínquos e estranhos às finalidades próprias da sociedade local. (SANTOS, 1992, p. 13).

As estratégias desenvolvidas pelos novos agentes do capitalismo globalizado, representados pelas empresas, pelos bancos, pelo Estado e pelas elites econômicas vão priorizar o grande capital, muitas das atividades que já existiam na região vão ser profundamente abaladas. Os empreendimentos que serão desenvolvidos na região exigem grandes investimentos, possíveis principalmente através do capital financeiro. Além disso são investimentos voltados essencialmente para o consumo, daí a exigência de uma nova centralidade das atividades, como também a exigência de uma fluidez e uma integração maior das populações dos vários municípios que integram a Região do Cariri, principalmente aqueles municípios que integram a denominada Região Metropolitana do Cariri (RMC).

Os novos elementos que vão comandar o processo de produção do espaço na Região do Cariri, através da produção de uma nova configuração territorial que tem agora como núcleo o Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha, vão estabelecer novas bases para a estruturação das relações econômicas, políticas, sociais e culturais para a Região do Cariri. As dimensões, a funcionalidade, a organização, o dinamismo e as estruturas dos empreendimentos econômicos, das práticas políticas, dos eventos culturais e mesmo das atividades sociais apresentam uma nova lógica,

sem esquecer que o próprio espaço também se redefine. As configurações espaciais correspondentes às tradicionais cidades que compõem o núcleo da Região do Cariri, de certa forma se tornam obsoletas. Para absorver os novos empreendimentos a exigência é de uma área nova, uma área onde o espaço construído, se existir, não ofereça obstáculos às novas atividades. Na verdade, uma área onde predomine as disponibilidades de produzir novos objetos geográficos.

A análise da produção desse fragmento do espaço regional que vai dar origem a uma nova organização do espaço regional vai partir das razões de sua localização e da periodização inicial de sua produção para logo em seguida identificar os elementos fundamentais, que através de suas ações, estão produzindo esse espaço.

3 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO TRIÂNGULO CRATO-JUAZEIRO-BARBALHA

Neste capítulo, a análise da produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte- Barbalha vai contemplar inicialmente a contextualização dos principais processos responsáveis pela criação de uma nova configuração espacial e identificar os principais agentes e suas ações na produção do espaço. Desta forma, a reflexão sobre o processo de globalização e a forma como a área estudada está sendo inserida na atual divisão social e territorial do trabalho é imprescindível para compreensão da atual organização espacial.

3.1 O contexto histórico da produção do espaço da Região do Cariri no final dos séculos XX e XXI

Uma série de transformações surgidas no final do século XX e durante o século XXI, provocando o aparecimento de novos elementos e processos responsáveis pela produção do espaço vão atingir a Região do Cariri cearense, desencadeando o início do desenvolvimento e estruturação de uma nova configuração espacial e conseqüentemente a formulação de novas bases para o estabelecimento de uma redefinição da organização do espaço regional.

A compreensão dessas transformações e do surgimento dos novos elementos e processos responsáveis pela produção dessa nova dinâmica regional requer que se leve em consideração grandes mudanças estruturais que ocorreram na história da sociedade humana na segunda metade do século passado. Uma primeira mudança significativa se deu na própria dinâmica do modo de produção capitalista redefinindo as forças produtivas desse sistema a partir de uma revolução tecnológica centrada nas tecnologias da informação e no processo de globalização. A força dos novos processos gerados pela expansão do capitalismo, em sua nova fase de acumulação ampliada, desencadeará transformações em alguns elementos fundamentais da realidade, como a própria sociedade, o espaço, o tempo e a divisão social do trabalho, exigindo com isso novos conceitos e novas abordagens. Uma primeira reflexão a respeito da dinâmica do capitalismo se impõe para que o

fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha seja devidamente contextualizado.

3.1.2 A globalização: um novo momento histórico na dinâmica do capitalismo

A História humana é uma experiência que se constrói através da ação que os homens desenvolvem através da construção das técnicas, das modificações constantes em seu meio, inclusive na natureza, como também na produção do tempo que tem uma essência fundamentalmente social. Na elaboração da História, as sociedades dialeticamente e diferentemente buscam a formulação de um conjunto de ideias, de conceitos, de hábitos, símbolos e signos que viabilizam a construção de processos que tornam as relações dos homens entre si, com o seu tempo e o seu entorno, possíveis.

As representações que os homens fazem de si, do seu tempo e do seu espaço são fundamentais na estruturação de uma formação social. Talvez seja esse fato que autorize um filósofo como Ernest Cassirer (2005) a dizer que:

O homem não pode fugir à sua própria realização. Não pode senão adotar as condições de sua própria vida. Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. (CASSIRER, 2005, p. 48).

A mudança, como também a permanência, e a estruturação do novo, são elementos fundamentais do processo histórico que fazem com que cada momento seja uma articulação diferente de eventos, processos e funções que mesmo utilizando ingredientes de momentos já vivenciados em outros períodos não se dão como os mesmos. Assim, o entendimento de um determinado período da história requer o uso de alguns conceitos e categorias que procurem coerentemente tornar inteligíveis as estruturas, as relações, os processos e os eventos que se dão naquele momento. O fenômeno da globalização, o seu entendimento, deve levar em consideração alguns conceitos e categorias fundamentais, um deles é a ideia de

processo, como sugeriu Harvey (2004, p. 80): “a globalização pode ser vista como um processo”, evidenciando o caráter dinâmico desse fenômeno.

No entanto a globalização, sua compreensão como um processo não conduz a considerá-la como um processo antigo, como alguns autores que dizem que no período do denominado capitalismo mercantil, com as grandes navegações, já existia globalização. Na verdade, esse procedimento representa uma transposição equivocada de um conceito para um momento histórico inadequado. Transferir um conceito concernente a um processo que está se realizando na atualidade para um momento anterior que já passou, é desconhecer a dinâmica estrutural de cada período e não reconhecer que os elementos que compõem a estrutura de um momento histórico mantêm uma especificidade intrínseca.

O período do capitalismo comercial é marcado em suas múltiplas especificidades, que não se repetem jamais, por fatos que apresentam uma estrutura própria e que sua realização depende das condições em que suas relações se verificam. Sabemos hoje, com os historiadores e outros cientistas sociais, que o período marcado pela revolução comercial efetivamente se realizou a partir de um conjunto de relações sociais, políticas, culturais, e ideológicas, que mantêm entre si, inúmeras imbricações. Basta perceber que as relações sociais fundamentadas numa transição entre as estruturas feudais, em declínio, e as estruturas capitalistas, em ascensão, como também o mercantilismo, o absolutismo, o renascimento, a reforma protestante, e a política colonialista, são elementos de uma trama histórica que estão relacionados com a primeira expansão territorial do capitalismo, ou seja, a acumulação primitiva do capital, e não necessariamente com a globalização. É inegável que o que viria a ocorrer posteriormente consequentemente manteria relações com este processo, mas não são as mesmas coisas.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao momento posterior do capitalismo, denominado de industrial ou competitivo, aquele presidido pela Revolução Industrial em sua primeira e segunda etapa. Na primeira etapa da industrialização, a Revolução Francesa, consolidando uma ordem social burguesa; a consolidação dos Estados-nações estruturando uma normatização das relações políticas, com a criação de novas instituições de caráter político e a racionalização das relações de poder; como também uma nova doutrina econômica fundamentada no liberalismo; dentre outros, são elementos de uma estrutura específica que constrói uma

funcionalidade própria para este novo período. Neste momento, a expansão do capitalismo vai assistir a uma etapa denominada de imperialismo que tem como objetivo fundamental aprofundar a expansão do capital através de novos mecanismos de controles e exploração.

A experiência com o tempo e o “uso do território”, como também os processos de produção do espaço adquirem uma dinâmica que é peculiar a este momento do imperialismo. As técnicas deste período vão oferecer oportunidades de controle do tempo e do espaço de acordo com as condições objetivas vigentes. Mais uma vez, torna-se inadequado confundir a globalização com este período. É possível sim, percebê-lo como uma construção social e histórica associada à dinâmica de produção do espaço capitalista.

No que se refere ao capitalismo monopolista ou financeiro, vamos assistir a uma etapa nova, onde uma das suas características fundamentais vai ser a necessidade de controlar a expansão do capital para evitar as crises que costumam perseguir o capitalismo. O keynesianismo redefine o papel do Estado em sua relação com a economia, onde a intervenção e o planejamento tornam-se fundamentais. O padrão de acumulação fordista e o taylorismo, como técnica de racionalização do trabalho e de controle do tempo vão imperar e o poderio das grandes empresas aumenta. No entanto, as técnicas que comandam o uso do tempo e do território, como também as próprias relações sociais, políticas e culturais estão associadas à segunda fase da industrialização, quando o petróleo, a energia elétrica e a indústria automobilística tornam-se hegemônicos. Também aqui ainda não é possível falar de globalização propriamente dita. Autores diversos convergem para a conceituação desta etapa de internacionalização, pois os atores fundamentais da política e da economia são os Estados-nações. Para corroborar as ideias supracitadas, podemos recorrer as palavras de Harvey (2004) que diz:

O capitalismo tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica (tanto em termos de expansão como de intensificação) como solução parcial para as suas crises e seus impasses. Assim, ele constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infraestruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase de sua história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior. Se, portanto, a palavra “globalização” significa alguma coisa relativa à nossa geografia histórica recente, é bem provável que designe uma nova fase e exatamente esse processo intrínseco da produção capitalista do espaço. (HARVEY, 2004, p. 80).

A ideia da globalização como uma fase nova da história, um novo momento do processo histórico, não é aceita por muitos autores, no entanto alguns grandes autores comprovam que há evidências mais que concretas que nos conduz a aceitação da globalização como algo novo e revolucionário na história. Dentre esses autores podemos destacar o renomado geógrafo Santos que nos seus últimos escritos apresentou fatos e processos concretos a respeito da globalização como um fenômeno novo na história da sociedade humana.

A fase atual do modo de produção capitalista aponta para novos processos, nova funcionalidade, consequentemente para uma dinâmica nova entre as forças produtivas e as relações de produção. Um exemplo é a redefinição dos mecanismos de reprodução do capital com o surgimento de um novo padrão de acumulação denominado por Harvey (1989) de “acumulação flexível ou toyotismo”, assinalando a introdução de novas técnicas de gerenciamento da produção fundamentadas na flexibilidade. Também é possível notar a eclosão de uma nova revolução tecnológica, denominada de Revolução Técnico-científico-informacional, que apresenta marcantes diferenças em relação à revolução industrial, não só no que diz respeito ao seu poder de mudança, mas principalmente no âmbito geográfico de sua atuação, ampliando-se agora para uma escala verdadeiramente global, além de que o essencial dessa nova revolução tecnológica se realiza através das tecnologias da informação. No tocante à dimensão temporal, é possível observar um novo uso do tempo, que conduziu Santos (2008), a falar de uma “aceleração contemporânea” e a Harvey (1989) a falar de “uma compressão tempo-espço”.

Os fatos relacionados acima são elementos que alicerçam uma interpretação da globalização como um fenômeno novo na dinâmica do modo de produção capitalista, inviabilizando a possibilidade de confundi-la com algo que ocorreu em outro período. Para consolidar e tornar mais sólidos esses argumentos, é imprescindível atentar para as considerações que Santos (2000), realiza ao dizer que:

Como período e como crise, a época atual mostra-se, aliás, como coisa nova. Como período, as suas variáveis características instalam-se em toda parte e a tudo influenciam, direta ou indiretamente. Daí a denominação de globalização. Como crise, as mesmas variáveis construtoras do sistema estão continuamente chocando-se e exigindo novas definições e novos arranjos. (SANTOS, 2000, p. 34).

Uma nova fase do capitalismo se impõe marcado por uma nova expansão do capital e por novos processos de acumulação com destaque para a importância assumida pelo capital financeiro, uma nova divisão social do trabalho, a hegemonia das empresas transnacionais, o novo papel assumido pelo Estado, movido agora por políticas neoliberais e uma nova organização do espaço a partir da produção de configurações espaciais que asseguram a existência do capitalismo como um modo de produção em constante expansão e crise. Nessa nova fase, o modo de produção capitalista desenvolve mecanismos de reprodução das relações sociais de produção em que o espaço adquire uma importância estratégica para essa reprodução, daí a necessidade de incorporar ao circuito da reprodução do capital as diversas parcelas do espaço mundial. Santos (2000) é preciso ao falar que:

Este período e esta crise são diferentes daqueles do passado, porque os dados motores e os respectivos suportes, que constituem fatores de mudança, não se instalam gradativamente como antes, nem tampouco são privilégio de alguns continentes e países, como outrora. Tais fatores dão-se concomitantemente e se realizam com muita força em toda parte. (SANTOS, 2000, p. 34).

É nesse contexto de um capitalismo globalizado que a Região do Cariri cearense vai experimentar as atuais grandes transformações de sua estrutura espacial. E esse processo se dá precisamente com a chegada de novos elementos que se introduziram na antiga configuração espacial da Região do Cariri. O fato marcante inicial se dá com a instalação do *Cariri Shopping*. Inaugurado em 28 de outubro de 1997 e que passou a se chamar de *Cariri Garden Shopping* em junho de 2012. Para estabelecer uma periodicidade no que se refere a produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha, esse fato foi fundamental pois aponta para as formas de uso dessa parcela do espaço regional. É através de empreendimentos ligados prioritariamente ao consumo que essa parcela do espaço vai participar da atual divisão territorial do trabalho.

Figura 13 - Cariri Garden Shopping

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2016)

A chegada do *Cariri Garden Shopping* se constitui num evento fundamental para estabelecer os novos alicerces do processo de produção do espaço. Uma primeira transformação ocorre no processo de valorização do espaço, com redefinição dos preços dos imóveis como também revitalizando a área de sua instalação que correspondia na época a uma área desvalorizada em função de sua localização periférica ao centro da cidade.

O *Cariri Garden Shopping* representa também para a região a introdução de novas modalidades de consumo. Não é mais o consumo de objetos ligados especificamente à economia regional. As novas formas de consumo apontam para bens sofisticados ligados às empresas nacionais e internacionais. A própria forma espacial do *Cariri Garden Shopping* representa para a estrutura espacial e para a paisagem da Região do Cariri, um elemento completamente novo. São 144 lojas, com 4 lojas âncoras (uma delas supermercado), 3 grandes lojas e 83 lojas satélites. Em sua dimensão ligada ao lazer, o *Cariri Garden Shopping* oferece 6 salas modernas de cinema com uma capacidade para algo em torno de 1300 lugares. Na trilha dos novos consumos, agora no setor de alimentação, a introdução dos novos costumes baseados no *fast food*, a comida tipicamente dos grandes centros urbanos, para essa modalidade o *Cariri Garden Shopping* dispõe de 22 lojas de alimentação. Devido a sua instalação pioneira e por se constituir no único *shopping*

do sul do Ceará a atuação do empreendimento atinge um raio de 200 km, atingindo uma população superior a 700 mil habitantes.

O *Cariri Garden Shopping* ocupa uma área de 51.137 m² com uma área total construída de 23.849 m², estabelecendo uma nova forma de uso do espaço em que as dimensões do empreendimento provocam uma mudança na paisagem local. A Região do Cariri até então não apresentava nenhum empreendimento com as dimensões do referido shopping, o que revela uma tendência que vai se verificar a partir deste momento, ou seja, a grande meta dos empreendimentos que vão se instalar na área do Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha é atingir um público regional e não necessariamente a área em que está localizado. Anteriormente à instalação dos novos empreendimentos a economia regional, o setor terciário especificamente, contava com mercantis, mercearias e outros pontos comerciais menores, voltados para a população local e no máximo para as populações de municípios próximos.

É possível constatar que os novos elementos, objetos geográficos, desse fragmento do espaço regional vão apresentar formas espaciais completamente diferentes e conseqüentemente uma paisagem diferente dos padrões locais e regionais. Os novos empreendimentos vão apresentar estruturas com capacidade de comportar um público consumidor não só quantitativamente diferente como também com um maior poder aquisitivo. São empreendimentos estruturados com estacionamentos próprios e com áreas de acesso para grandes fluxos. As formas apresentadas por estes empreendimentos vão requerer também novos processos de construção civil, o que vai atrair grandes construtoras. O novo espaço que vai surgindo além de ser resultado de processos e estruturas novas, ligadas ao capitalismo globalizado, vai esboçando funções e formas diferentes.

O final do século XX, a partir de 1997, com a criação do *Cariri Garden Shopping* vai ser fundamental para o entendimento da produção do fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha. É neste período que os processos mais gerais resultantes da dinâmica do modo de produção capitalista e da globalização vão incorporar essa área à sua dinâmica. Fundamental agora entender as razões da escolha dessa área a partir da análise de sua localização no âmbito da Região do Cariri e também a partir das possibilidades de relações com outras parcelas do território. O entendimento das razões da escolha dessa área e o desvendamento dos mecanismos da produção desse espaço só serão possíveis se

forem analisadas as mudanças que a dinâmica do capitalismo provocou em relação ao processo de produção do espaço.

3.2 A produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha no período da globalização

As grandes mudanças ocorridas na dinâmica do modo de produção capitalista, o processo de globalização e as transformações tecnológicas em curso modificaram substancialmente vários elementos que constituem a própria realidade. A sociedade humana estabelece relações sociais que agora se dá em um âmbito global, o processo de reprodução das relações sociais de produção cria mecanismos que envolvem o espaço como elemento fundamental para a sua realização, como também uma nova noção de tempo e espaço surgem. As novas tecnologias surgidas concomitantemente à reestruturação do capitalismo, tendo como base a informação, nos impõe uma nova concepção a respeito das principais categorias que envolvem o pensamento geográfico. Com a globalização não é possível pensar o espaço, o tempo, as técnicas, a divisão do trabalho e a própria sociedade, da mesma forma que se pensava antes, mudanças fundamentais se verificam.

Uma das grandes mudanças que ocorrem se dá na concepção, funcionamento, estruturação e organização do espaço. O espaço na nova dinâmica do capitalismo e com a globalização adquire um novo conteúdo social, técnico, político e cultural. As possibilidades empíricas de um espaço total são estabelecidas, pois as técnicas novas apontam para a conexão, a integração e a articulação de diferentes parcelas do espaço em um tempo marcado pela velocidade, instantaneidade, e pela simultaneidade, realidade completamente nova na história. As novas relações entre o mundo e o lugar são completamente novas em relação ao período anterior às grandes mudanças.

Com relação ao espaço, as reflexões elaboradas por Lefebvre (2008), baseado na dialética, apontam para um espaço que se apresenta ao mesmo tempo abstrato e concreto. Um espaço global, fragmentado, conjunto/disjunto, deslocado/unificado, recortado, no entanto, organizado e unificado pelas relações de

poder, destacando com isso o autor, a importância da variável política no entendimento do espaço. Ao ser incluído como elemento fundamental da reprodução da própria sociedade capitalista, o espaço passa a ser manipulado estrategicamente pelas elites políticas, viabilizando assim a própria existência do modo de produção capitalista. Importante observar ainda, a respeito do espaço o que Lefebvre (2008) diz:

As contradições do espaço advêm de sua forma racional, tal como ela se revela nas matemáticas. Elas advêm do conteúdo prático e social e, especificamente, do conteúdo capitalista. Com efeito, o espaço da sociedade capitalista pretendesse racional quando, na prática, é comercializado, despedaçado, vendido em parcelas. Assim ele é simultaneamente global e pulverizado. Ele parece lógico e é absurdamente recortado. Essas contradições explodem no plano institucional. Nesse plano, percebe-se que a burguesia, classe dominante, dispõe de um duplo poder sobre o espaço, primeiro pela propriedade privada do solo, que se generaliza por todo o espaço, com exceção dos direitos da coletividade e do Estado. Em segundo lugar, pela globalidade, a saber, o conhecimento, a estratégia, a ação do próprio Estado. Existem conflitos inevitáveis entre esses dois aspectos, e notadamente entre o espaço abstrato (concebido ou conceitual, global estratégico) e o espaço imediato, percebido, vivido despedaçado e vendido. No Plano institucional, essas contradições aparecem entre os planos gerais de ordenamento e os projetos parciais dos mercadores de espaço. (LEFEBVRE, 2008, p. 57).

A nova dinâmica do modo de produção capitalista, segundo as reflexões de Lefebvre (2008), produziu um espaço essencialmente contraditório e deliberadamente estilhaçado para que em meio à fragmentação, os processos econômicos dirigidos pelas elites econômicas e políticas possam efetivamente legitimar seus poderes. Esta concepção também revela que o espaço assume um caráter global, uma dimensão de totalidade, sendo necessário utilizar essa categoria da dialética para uma interpretação mais rigorosa.

Para a interpretação do fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, as ideias do autor supracitado adquirem uma relevância muito grande, haja vista que, os principais agentes responsáveis pela produção deste lugar são de origem externa a região. As principais atividades responsáveis pela estruturação do local estão vinculadas à dinâmica global, por conseguinte, em função dos interesses em jogo, vinculadas às relações políticas, principalmente às ações do Estado.

Ainda no que diz respeito ao espaço, resultante da dinâmica atual do modo de produção capitalista, outro autor apresenta uma contribuição inovadora, o geógrafo

Santos. Para este autor, o espaço que resulta das transformações do modo de produção capitalista e do processo de globalização, resulta também da denominada revolução técnico-científico-informacional. O espaço então seria definido em função da técnica, da informação e do conhecimento, o que levou o autor a denominá-lo de “meio-técnico-científico-informacional”. Sobre esta nova ideia a respeito do espaço, Santos (1996, p. 190), esclarece que “a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a construir os seus substratos”. Esse novo olhar sobre o espaço fará com que o autor proponha um sistema de conceitos e ideias voltado para a compreensão do espaço.

No sistema de ideias proposto por Santos (1996), o espaço deve ser visto como uma totalidade, como um sistema complexo, constituído de elementos que se apresentam como subsistemas e que em suas relações dialéticas nos revelam o funcionamento e a dinâmica do espaço. O espaço enquanto totalidade vai conter os elementos fundamentais de uma dada sociedade e explicitar assim seu conteúdo essencialmente social. É o que nos diz Santos (1992):

Consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica. Isso significa que, como instância, ele contém e é contido pelas demais instâncias, assim como cada uma delas o contém e é por ela contida. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. O mesmo se dá com o político institucional e com o cultural-ideológico. Isso quer dizer que a essência do espaço é social. Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado das coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. Assim temos, paralelamente, de um lado, um conjunto de objetos geográficos distribuídos sobre um território, sua configuração geográfica ou configuração espacial e a maneira como esses objetos se dão aos nossos olhos, na sua continuidade visível, isto é, a paisagem; de outro lado, o que dá vida a esses objetos, seu princípio ativo, isto é, todos os processos sociais representativos de uma sociedade em um dado momento. Esses processos, resolvidos em funções, se realizam através de formas. Estas podem não ser originalmente geográficas, mas terminam por adquirir uma expressão territorial. Na verdade, sem as formas, a sociedade, através de funções e processos, não se realizaria. Daí porque o espaço contém as demais instâncias. Ele é, também, contido nelas, na medida em que os processos específicos incluem o espaço, seja o processo econômico, seja o processo institucional, seja o processo ideológico. (SANTOS, 1992, p. 1).

É nesta concepção de espaço enquanto totalidade que se encontra a possibilidade de refletir sobre o fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, desde que se faça a devida localização do

mesmo como um elemento constitutivo dessa totalidade. Nesse momento é que a noção de lugar se faz central. A análise da totalidade exige que se reconheçam seus elementos ou suas partes para que esta seja devidamente apreendida, então são os lugares que podem ser pensados como elementos desse espaço. A complexa compreensão do espaço enquanto uma totalidade e o papel desempenhado pelo lugar neste processo é de fundamental importância para a reflexão que seja possível estabelecer uma análise concreta da realidade. O lugar tem um papel central na compreensão do fenômeno espacial

A adoção da concepção de lugar para desenvolver a análise da produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha favorece uma interpretação que prioriza as relações, o movimento, as transformações e as contradições. O lugar sendo uma parcela do espaço enquanto totalidade participa de sua constituição. Ainda sobre a concepção de lugar, Santos (1992) nos diz:

Um primeiro dado a levar em conta é que a evolução técnica e a do capital não se fazem paralelamente para todas as variáveis. Também, ela não se faz igualmente nos diversos lugares, cada lugar sendo uma combinação de variáveis diferentes: cada lugar é marcado por uma combinação técnica diferente e por uma combinação diferente dos componentes do capital, o que atribui a cada qual uma estrutura técnica própria, específica, e uma estrutura de capital própria, específica, às quais corresponde uma estrutura própria, específica do trabalho. (SANTOS, 1992, p. 12).

O Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha está inserido na Região do Cariri cearense, como uma parcela do espaço que participa da dinâmica do espaço mundial e que estar sendo produzido a partir de processos, estruturas e agentes ligados diretamente ao novo momento vivido pelo modo de produção capitalista e pelo processo de globalização. Sendo assim, participa de uma nova divisão territorial do trabalho que determina suas funções no complexo sistema econômico mundial.

Estabelecida a concepção de espaço adotada para a análise do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, importante agora, diria mesmo, fundamental, analisar outra transformação decisiva empreendida pela nova dinâmica do capitalismo, pela globalização e pela revolução técnico-científica informacional, ou seja, o desenvolvimento de uma nova divisão social do trabalho e a redefinição das funções dos lugares.

3.3 A divisão social e territorial do trabalho e a definição da região e dos lugares no período da globalização

O processo de globalização em curso e a nova dinâmica assumida pelo capitalismo trouxeram alguns elementos novos que modificaram substancialmente a organização do espaço mundial, provocando substanciais alterações em seu funcionamento. Em um primeiro momento, a Revolução Técnico-científico-informacional propiciou uma ampliação a nível mundial das forças produtivas a partir das tecnologias da informação, colocando a informação como um dos elementos centrais do atual sistema produtivo. Ampliou a possibilidade de busca de lucro em diferentes parcelas do espaço mundial, antes quase impossível em função da falta de integração e articulação, como também, criou as condições para que a força de trabalho pudesse ser explorada em diferentes lugares, o que levou alguns teóricos a apontar para a criação de uma mais-valia global. As transformações geradas pelo processo de globalização também foram capazes de redimensionar o papel das empresas transnacionais, viabilizar e consolidar o capital financeiro com um dos agentes fundamentais na atual economia global, além da disseminação de doutrinas econômicas que apontam o mercado como o centro do sistema econômico.

Os novos fenômenos gerados pela atual dinâmica do capitalismo e pelo processo de globalização vão redimensionar um dos mais importantes elementos responsáveis pela diversificação e diferenciação dos lugares, a divisão social e territorial do trabalho. Ampliada para uma dimensão global e não apenas internacional, a divisão social do trabalho, em sua modalidade enquanto divisão internacional do trabalho vai incorporar parcelas do espaço a um sistema econômico global. Em sua nova estrutura e funcionamento, tende a se dilatar em uma escala global e estabelecer novas relações entre os lugares. Refletindo sobre as novas tendências da divisão social e territorial do trabalho Santos (1986) revela que:

Com o desenvolvimento e a extensão geográfica da divisão do trabalho que hoje cobre a Terra inteira, dois fenômenos se impuseram progressivamente e paralelamente: 1. Os instrumentos de trabalho que, outrora, eram transportáveis, tornam-se cada vez mais fixos ao solo, cada vez mais duráveis. Eles nascem para manter-se de pé durante séculos e, mesmo, milênios; 2. Como a divisão do trabalho se ampliou a escala mundial, mas

sem eliminar os outros níveis de comparação, as transformações encontram sua força motora em níveis diferentes. Agora, a escala das variáveis a analisar em conjunto não é mais exclusivamente a escala do lugar, ou a escala do espaço que concerne diretamente ao grupo social, mas a escala do lugar é igualmente a escala do mundo, a escala do país e a escala das regiões onde o lugar se insere. (SANTOS, 1986, p. 174).

As mudanças que se verificam na divisão internacional do trabalho não se restringem a ampliação de suas bases para uma escala global. Uma significativa alteração ocorre também nos agentes responsáveis pela organização, administração e realização da mesma. O período anterior da divisão internacional do trabalho, antes da globalização se consolidar, fundamentava-se numa economia internacional em que o papel dos Estados-nacionais era decisivo nas questões econômicas, como também nas escolhas das localizações em que os processos econômicos se implantavam. Muitos países desenvolveram políticas econômicas voltadas para unificação de seus mercados e integração de seus territórios, como é caso do Brasil, a partir da Segunda Guerra Mundial, visando uma participação mais efetivamente na economia mundial. Com a globalização, novos atores tendem a substituir o Estado nas decisões econômicas, modificando as formas como as relações entre os lugares ocorrem. No tocante às mudanças nos agentes que organizam e comandam a divisão social e territorial do trabalho, Santos e Silveira (2001) assim sintetizam:

A produção realizada em cada país ou, em outras palavras, a participação deste na divisão internacional do trabalho respondia, pois, a uma equação na qual o processo de internacionalização era limitado em função de relações privilegiadas entre Estados. Desse modo a instância política obtinha certa ascendência sobre a instância econômica. Esta, em última razão, era regulada pela política, tanto a política interna de cada país como a respectiva política internacional. Com a globalização, a divisão internacional do trabalho ganha novos dinamismos, sobretudo nos países subdesenvolvidos. A lógica das grandes empresas, internacionais ou nacionais, constitui um dado da produção da política interna e da política internacional de cada país. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 255).

Favorecidas pelos grandes avanços tecnológicos, principalmente a partir da importância assumida pela informação na realização da divisão internacional do trabalho, as grandes empresas passam a controlar os mecanismos e insumos básicos para exercer o controle sobre o sistema produtivo. O poder das grandes empresas de mobilizar recursos econômicos, tecnológicos, como também, conhecimento e pesquisa, as transformam nos principais elementos que vão controlar as diversas redes que compõem a atual divisão internacional do trabalho. Essas

grandes empresas passam inclusive a exercer o exercício da política, concorrendo com os antigos agentes que desempenhavam esse papel. Essa atual função das empresas na divisão internacional do trabalho é assim destacada por Santos e Silveira (2001):

Como em cada país é diversa a lista de empresas que ali se desenvolvem ou vêm se instalar, os resultados obtidos são igualmente diversos. Cada uma dessas empresas é levada a ter uma lógica internacional fundada nas regras de competitividade derivadas do respectivo produto. É também a partir de tais regras que essas empresas buscam, em cada território nacional, a localização que melhor lhes convêm. Essa localização pode já estar “pronta”, se todas as condições requeridas ali se encontram presentes, ou pode ser preparada, acrescentando-se a lugares escolhidos os requisitos exigidos para que a operação empresarial seja rentável. É assim que se devem ler as atuais localizações de empresas, tanto no plano nacional quanto no plano global, pois tais firmas não hesitam em trocar de sítio quando aquele em que se encontram deixa de oferecer vantagens para o exercício de sua própria competitividade. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 256).

As reflexões teóricas e os fatos concretos analisados apontam para uma manifestação dessa tendência no atual processo de produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. As grandes empresas internacionais e nacionais ligadas aos setores de bens de consumo, financeiro, construção civil, entretenimento, alimentação, são as grandes responsáveis pela elaboração de uma nova configuração espacial para a referida área. Esses agentes prioritariamente econômicos, vinculados essencialmente ao consumo, estabeleceram seus empreendimentos nesta parcela do espaço regional, produzindo vínculos relacionais com outras parcelas do território mundial. Este fato assinala a inserção do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha em uma dinâmica que nem é mais apenas local, regional, ou mesmo nacional, mas global. Inevitavelmente uma reorganização do espaço regional se impõe, contrapondo as novas atividades implantadas com aquelas existentes, já que as primeiras atendem a um mercado e a uma ordem globais. Santos e Silveira (2001) assim nos dizem:

Na medida em que, com o mercado chamado global, cada empresa busca satisfazer-se nos lugares onde as respostas aos seus reclamos são mais adequadas, tal demanda é errática e o território passa a ter, nas áreas atingidas por esse tipo de relações, uma dinâmica praticamente imprevisível no próprio lugar em que se exerce e que é também alienada, já que não precisa ter correspondência com os interesses da sociedade local ou nacional. Novas formas de compartimentação do território ganham relevo e são capazes de impor distorções ao seu comportamento: são as novas caras da fragmentação. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 254).

Uma importante reflexão neste momento se torna essencial, pois com a inserção da Região do Cariri cearense, a partir do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, nessa atual divisão internacional do trabalho é possível constatar uma fragmentação do espaço regional de acordo com os interesses dos novos atores que atualmente comandam as relações econômicas. Uma parcela do espaço regional, no caso o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, passa a sediar as novas empresas e suas atividades, se consolidado como um espaço de consumo, e com relações diretas com os centros globais. Outras localidades, a grande maioria dos municípios que constituem a Região do Cariri, passam a compor o mercado consumidor e de mão-de-obra, para essa nova centralidade que é o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha.

Como a economia da Região do Cariri cearense é baseada no setor de terciário, comércio e serviços, essa nova estrutura que se estabelece busca uma unificação do mercado regional através do consumo e uma integração dos municípios a partir de uma política territorial dirigida pelo Estado. A tendência é que os lucros gerados pelas novas atividades, utilizando um mercado consumidor, hoje muito mais amplo, sejam canalizados para as matrizes dessas grandes empresas que estão localizadas na Região do Cariri. Uma fragmentação que é unificada pelo consumo para atender os interesses das grandes empresas. E é no contexto dessa desarticulação e ao mesmo tempo unificação elaborada pelas empresas e pelo Estado que uma nova divisão territorial interna à Região do Cariri está se estabelecendo, tendo como núcleo o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha que preside as relações comerciais, com um setor terciário mais sofisticado do que o anterior ainda presente no centro dos principais municípios, e os diversos fragmentos do espaço regional, desenvolvendo atividades diferentes, até mesmo agrícolas, mas agora, articulados pelo consumo e pela necessidade de mão-de-obra. As novas unidades que compõem esse novo terciário, as grandes empresas de bens de consumo, atrelaram até mesmo os antigos espaços dedicados agricultura para seu abastecimento, embora estes não sejam suficientes.

A fragmentação do território regional se constitui numa estratégia desenvolvida pelos principais agentes do atual modo de produção capitalista para viabilizar a acumulação e reprodução do capital em uma escala global. O uso de uma parcela do espaço regional, no caso o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha e a articulação dos outros municípios enquanto mercado consumidor e

local de mão-de-obra favorece diretamente o aumento dos lucros obtidos pelas empresas e conta com o papel do Estado na regulamentação e viabilização desse processo. Os interesses nos quais se fundamentam as grandes empresas e as instituições financeiras para decidir a respeito da localização de seus empreendimentos hoje, pouco ou quase nada tem a ver com interesses locais e regionais, gerando muitas vezes um desequilíbrio e uma desestruturação das antigas atividades econômicas existentes no lugar. No caso do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, estabelecimentos pertencentes ao mesmo ramo daqueles que foram implantados, localizados nos principais municípios da Região do Cariri, foram desestabilizados e muitos fecharam. Analisando as condições exigidas pelas atividades econômicas globais e seus efeitos nas economias das nações e dos lugares, Santos e Silveira (2001) afirmam:

Com efeito, a economia globalizada reclama condições territoriais indispensáveis para a sua produção e regulação. Esses espaços globalizados tanto são agrícolas como industriais e de serviços, e caracterizam-se pela sua inserção numa cadeia produtiva global, pelas relações distantes e, frequentemente, estrangeiras que criam e também pela sua lógica extrovertida. Mas o território não é “global”, ele não é completamente globalizado. No entanto, e seja como for, o comportamento dos agentes e dos lugares que não são globalizados é, direta ou indiretamente, influenciado, e em muitos casos subordinado, acarretando com isso efeitos não desejados e não previsíveis. Produz-se um efeito de entropia das empresas globais e das grandes empresas sobre as nações e os lugares, na medida em que, para melhor funcionarem, tais empresas criam ordem para si mesmas e desordem para o resto. De modo geral, e como resultado da globalização da economia, o espaço nacional é organizado para servir às grandes empresas hegemônicas e paga por isso um preço, tornando-se fragmentado, incoerente, anárquico para todos os demais atores. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 257-258).

A fragmentação atual do espaço, desenvolvida pela divisão social e territorial do trabalho que tem como meta garantir o funcionamento das estruturas capitalistas, só se realiza plenamente devido às formas de uso que foram impostas atualmente ao território brasileiro. As prioridades dadas ao mercado externo em detrimento do mercado, as novas configurações espaciais elaboradas para facilitar os fluxos econômicos, as políticas desenvolvidas pelo Estado para neutralizar os obstáculos à acumulação do capital, como a reforma trabalhista e as facilidades oferecidas ao capital estrangeiro, apontam para a produção do espaço brasileiro em uma lógica coerente com interesses da economia global. O que fazem Santos e Silveira (2001) afirmarem:

O caso brasileiro ilustra perfeitamente a ideia segundo a qual, com a presente globalização, o território de um país pode tornar-se um espaço nacional da economia internacional. Michel Chossudovsky (1977, p77), a respeito do que chamam desterritorialização, nos fala de espaços econômicos abertos. Apesar das sugestões pós-modernas, a que tantos especialistas se rendem, o território continua sendo uma realidade atuante, ainda que o Estado nacional, igualmente sobrevivente, tenha mudado de figura e de definição segundo os países. A economia de todos os países conhece um processo mais vasto e profundo de internacionalização, mas este tem como base um espaço que é nacional e cuja regulação sendo nacional, ainda que guiada em função dos interesses de empresas globais. Essa razão pela qual se pode falar legitimamente de espaço nacional da economia global. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 256-257).

Reconhecida a necessidade de redefinição do uso do território brasileiro para que ocorra sua incorporação numa economia global, resta destacar outro elemento fundamental na elaboração da nova divisão internacional do trabalho, o papel da ideologia. Um discurso ideológico não como uma distorção, uma ideia falsa da realidade. A ideologia como um componente das relações concretas e materiais da sociedade, por conseguinte, fundamental para entender o desenvolvimento das práticas espaciais realizadas em um determinado momento histórico. Averiguando a importância do discurso ideológico e sua aplicabilidade nas práticas econômicas globais, Santos (2001) assinalam que:

O discurso do mercado global faz pensar que essa entidade dita universal atua quase automaticamente sobre o mundo, isto é, sobre todos os países. Na prática quase automaticamente sobre o mundo, isto é, sobre todos os países. Na prática, a ação efetiva dá-se por intermédio de empresas, diferentes segundo os países, cada qual trabalhando exclusivamente em função dos seus próprios interesses individuais e buscando adaptar a esses interesses as práticas correntes em cada nação. No entanto, o que se chama de lógica global na verdade não existe empiricamente senão por um conjunto de ideias aplicadas a todos os países, independentemente do que cada um deles na verdade é. Isso tem como ponto de partida certa ideologia do crescimento. O fundamento intelectual das relações de ordem prática é, por conseguinte, ideológico, ainda que apresentado resultados práticos. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 255-256).

Reveladas as transformações ocorridas na divisão social e territorial do trabalho, principalmente em sua modalidade mais ampla, a divisão internacional do trabalho, como também a inserção da Região do Cariri, através do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, na dinâmica da economia global, faz-se necessário agora apontar as principais mudanças nas relações de produção capitalista, já que a

nova dinâmica do modo de produção capitalista inseriu a produção do espaço como um elemento fundamental para sua reprodução.

Quanto ao novo papel assumido pelo espaço na nova dinâmica do sistema capitalista, no que concerne à reprodução das relações sociais de produção, um aspecto fundamental se impõe, ou seja, a transformação do espaço em mercadoria, seus diversos elementos e uma organização espacial voltada para o mercado e direcionada para viabilizar a acumulação do capital e sua reprodução. Inserida nessa lógica, a parcela do espaço analisada, o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, apresenta sua nova configuração espacial, desde as suas formas, incluindo as paisagens, até os elementos constitutivos de sua estrutura espacial, marcada pelo valor de troca e por uma dinâmica mercantil. O solo urbano, a terra, os empreendimentos ligados aos entretenimentos, alimentação, educação, moradia, são em última instância resultantes das atuais necessidades do mercado. Sobre a tendência do espaço se transformar em mercadoria, Lefebvre (2008) aponta que:

O uso e o valor de uso quase desapareceram inteiramente, não persistindo senão como exigência do consumo de mercadorias, desaparecendo quase inteiramente o lado qualitativo do uso. Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constituiu a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização do produto. (LEFEBVRE, 2008, p. 83).

A discussão sobre o valor de uso e o valor de troca no processo de produção do espaço e a natureza urbana dos processos responsáveis pela nova dinâmica da Região do Cariri tornam importante uma reflexão a respeito das noções de cidade e de urbano. A proposta fundamental é interpretar o novo fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, como uma manifestação do urbano como fenômeno, e não meramente como um crescimento da cidade de um dos municípios centrais da Região do Cariri, o Juazeiro do Norte. A ideia de conceber a nova configuração espacial que está surgindo como urbano e não como crescimento da cidade oferece a possibilidade de repensar a produção do espaço da Região do Cariri em bases completamente novas e revela as inúmeras estratégias produzidas no período da globalização inserindo o espaço na reprodução das relações sociais de produção.

A diferença entre a cidade e o urbano se torna central para o entendimento do processo de produção do fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-

Juazeiro do Norte-Barbalha, principalmente pelo fato de que existem diferenças nas concepções sobre o que é a cidade e o que é o urbano. A cidade é um fenômeno presente em diferentes momentos da história da sociedade humana apresentando especificidades de acordo com o contexto e o modo de produção que estão inseridas. A cidade também é resultado de um processo de produção do espaço que estabelece uma das mais importantes divisões territoriais do trabalho, ou seja, a cidade e o campo. A cidade também nos remete a uma parcela do espaço que apresenta atividades específicas dentro de um sistema produtivo. O urbano, já apresenta uma realidade completamente diferente, resulta de um momento específico do processo histórico com o advento do processo de industrialização, mas não seria resultado direto da atividade industrial. O urbano resultaria de um processo complexo em que a indústria para implantar sua ordem, sua racionalidade, praticamente destrói através de uma fragmentação implacável a antiga cidade resultante do comércio e isso de uma forma contraditória estimulando o seu crescimento intenso. Sobre a dinâmica do processo industrial e sua relação com a cidade Lefebvre (2008) diz:

O estilhaçamento da cidade tradicional é um fenômeno evidente, ao contrário do seu sentido. É preciso procura-lo. As interpretações desse fato foram e ainda são múltiplas. Uns pensam que é preciso dar razão à “anticidade” contra a cidade, e que a modernidade se define pela “não cidade” (nomadismo, ou então proliferação indefinida do habitat). Esse fenômeno não pode ser elucidado senão com uma análise dialética e através do método dialético. A indústria surgiu efetivamente como a “não cidade” e a “anticidade”. Ela se implantou ao sabor dos recursos que empregava em seu favor, a saber, as fontes de energia, de matéria-prima, de mão-de-obra, mas ela atacou as cidades no sentido mais forte do termo, destruindo-as, dissolvendo-as. Ela as fez crescer desmesuradamente e provocou uma explosão de suas características antigas (fenômeno explosão-implosão). Com a indústria, tem-se a generalização da troca e do mundo da mercadoria, que são seus produtos. (LEFEBVRE, 2008, p. 83).

O urbano então vai surgir desse ponto de desagregação da cidade tradicional e do seu crescimento que ocasionou uma ruptura com a lógica industrial. O urbano já é um fenômeno resultante de um período em que a urbanização se consolida como um fenômeno que suplantou o processo de industrialização, estimulando Lefebvre (1972, p. 810) falar de uma “racionalidade urbana”. O urbano enquanto fenômeno emerge no momento em que adquire uma posição central no processo de produção do espaço, quando a reprodução das relações sociais de produção tende

a se realizar através dele. Analisando a complexidade do conceito de urbano Lefebvre (2008) esclarece:

O urbano é um conceito teórico formulado e liberado por um processo tal como ele se apresenta a nós e como o analisamos. Não se trata de uma essência na acepção tradicional do termo entre os filósofos; não se trata de uma substância como tenderia a fazê-lo acreditar este ou aquele termo ainda utilizado de forma laudatória, como por exemplo a urbanidade; trata-se, antes, de uma forma, a do encontro e da reunião de todos os elementos da vida social, desde os frutos da terra (trivialmente: os produtos agrícolas) até os símbolos e as obras ditas culturais. No próprio seio do processo negativo da dispersão, da segregação, o urbano se manifesta como exigência do encontro, da reunião, de informação. (LEFEBVRE, 2008, p. 85).

Uma das principais argumentações teóricas a favor de se conceber a área de estudo como o “urbano” e não como uma área que resultou do “crescimento de uma cidade”, está no fato de que a atual configuração espacial que vem sendo produzida no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha se revela como um fenômeno que apresenta uma complexidade muito grande e um conjunto de relações que se explica através de uma racionalidade urbana e não de uma racionalidade industrial. O uso do tempo nesta nova forma de organização espacial é também bastante distinto daquelas que predominavam em outros períodos na Região do Cariri. No que concerne a essa especificidade do urbano em relação ao uso tempo e sua complexidade, Lefebvre (2008) apresenta alguns aspectos desse fenômeno:

Essa leitura do espaço urbano permite chegar a uma definição geral dele através das contradições e das negações imbricadas: o que se constitui é um tempo-espaço diferencial. O tempo e o espaço do período agrário são acompanhados de particularidades justapostas: as do sítio, dos climas, da flora e da fauna, das etnias humanas etc. O tempo e o espaço da era industrial tenderam e ainda tendem para a homogeneidade, para a uniformidade, para a continuidade constrangedora. O tempo e o espaço da era urbana tornam-se diferenciais e esse caráter é posto em evidência pela análise. Redes e fluxos extremamente diferentes superpõem-se e se imbricam, desde as redes viárias até os fluxos de informações, desde o mercado de produtos até as trocas de símbolos. A dialética da centralidade introduz um movimento diferencial de uma potência extraordinária. (LEFEBVRE, 2008, p. 86-87).

Cabe aqui salientar e insistir que a produção da nova configuração espacial da Região do Cariri não resulta da dinâmica industrial que foi responsável pela anterior divisão territorial do trabalho que se estabeleceu no Brasil e que começou a mudar entre as décadas de 1960 e 1970, nem também resulta especificamente dos

processos gerados pela dinâmica do crescimento das cidades de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha e nem tão pouco dos agentes locais e regionais. Esta configuração espacial nova resulta de processos globais e das ações das grandes empresas nacionais e internacionais de diferentes ramos e em última instância pela ação do capital financeiro. No entanto para a produção dessa nova área, os novos processos globais não prescindiram da antiga organização fragmentada do espaço urbano que já estava estabelecida, na verdade, a partir da redefinição das estruturas já existentes vai reorganizar o espaço regional em bases completamente diferentes.

As principais cidades da Região do Cariri, que resultaram da dinâmica anterior do capitalismo em sua perspectiva industrial e que ocuparam uma posição no antigo sistema produtivo estabelecido pela divisão territorial do trabalho anterior, apresentavam um dinamismo que foi coerente com uma organização do espaço correspondente ao período em que a região sudeste polarizava o espaço nacional. Este modelo resultou em um crescimento urbano marcado pela fragmentação da cidade em bairros e favelas, não sendo essas cidades capazes de conduzir os novos processos. Nesse período e nas cidades da Região do Cariri, o capital não conseguiu ainda estabelecer seu amplo processo de transformação do espaço em mercadoria e os interesses pela incorporação da região à economia global ainda não havia sido revelado. As economias dos principais centros urbanos, Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha estavam alicerçadas no setor terciário tradicional, comércio e serviços, não oferecendo possibilidades nem físicas, nem técnicas de comportar as novas atividades da economia global. A maior parte dos empreendimentos econômicos estava voltada para o mercado consumidor local ou de alguns municípios mais próximos. A necessidade de uma nova área que se configurasse como uma nova centralidade surgiu, mas uma centralidade que atendesse novas demandas e que fosse resultado de novos processos. Outra característica do urbano enquanto fenômeno que se manifesta é a centralidade, e Lefebvre (2008) assim comenta:

A centralidade tem seu movimento dialético específico. Ela se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), do centro de informação e de decisão etc. Mas todo centro destrói-se a si próprio. Ele se destrói por saturação; ele se destrói porque remete a uma outra centralidade; ele se destrói na medida em que suscita a ação daqueles que exclui e expulsa para as periferias. (LEFEBVRE, 2008, p. 85).

O urbano se constitui, assim, num fenômeno de grande complexidade resultante da nova dinâmica do modo de produção capitalista como também do processo de globalização, não podendo ser confundido com as configurações espaciais geradas no período industrial, nem pela divisão do trabalho correspondente a este período. O urbano traz como elementos fundamentais a simultaneidade, o encontro, o adensamento, o ajuntamento, a reunião, o conjunto, embora isso não represente união, pois os mecanismos que produzem essa simultaneidade são resultados de relações de poder. Seria o urbano um resultado da produção do espaço no período em que Lefebvre (1972) denominou da era do urbano. Nesse período que corresponde ao contexto atual, a interpretação da produção do espaço e consequentemente do urbano, deve levar em consideração a totalidade, e esta, para sua interpretação, exige do ponto de vista teórico e metodológico, a utilização dos conceitos de forma, função, estrutura e processo.

O urbano manifesta sua complexidade quando as formas, funções, processos e estruturas, já não se apresentam localizados em uma mesma área. As formas, nas configurações espaciais mais complexas atuais, encontram-se separadas dos processos e estruturas que a geraram, mantendo uma correspondência apenas com a função. Muitas formas, paisagens de determinados lugares, a exemplo do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, estão muito mais relacionadas às grandes metrópoles do que ao espaço regional. Em outras palavras, os processos responsáveis pelas formas que se materializam na referida área se encontram em outros lugares que são a sede dos agentes e processos responsáveis pela produção das formas que os lugares apresentam. É esta modalidade de produção do espaço que possibilita a reprodução de objetos que representam parcelas da paisagem dos grandes centros metropolitanos, evidenciando a importância das representações do espaço na produção das novas configurações espaciais. No Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha estão sendo reproduzidas paisagens urbanas metropolitanas com os mesmos modelos de prédios, as mesmas técnicas utilizadas, os mesmos materiais utilizados, os mesmos projetos arquitetônicos, que conduz o senso comum a relacionar equivocadamente esse fenômeno da produção do urbano com o crescimento da cidade de Juazeiro do Norte e também com a ideia de metrópole. Um processo extremamente complexo sendo interpretado a partir de uma

continuidade de um processo que já entrou em crise, a saber, a cidade da era industrial.

Figura 14 - Novas paisagens urbanas

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2015).

Enfim, a partir da produção do urbano, a Região do Cariri vai sendo incorporada à dinâmica do capital, ao circuito das mercadorias. Vai se consolidando uma configuração espacial que não mantém mais coerência com as estruturas locais e regionais e uma organização espacial voltada para reproduzir as relações de produção capitalista vai se impondo. Sobre essa ação do capital na produção do espaço, Harvey (2013) descreve que:

O capital produz e reproduz, embora através de todos os tipos de mediações e transformações sutis, o seu ambiente social e também o seu ambiente físico. No fim, até mesmo os elementos pré-capitalistas que persistem devem ser reproduzidos pela produção de mais-valor. Contudo a geografia-social que se desenvolve não é um simples reflexo no espelho das necessidades do capital, mas o local de contradições poderosas e potencialmente destrutivas. A geografia social moldada às necessidades do capital em um momento da história não é necessariamente consistente com exigências posteriores. Como essa geografia é difícil de mudar e com frequência o foco de pesado investimento de longo prazo, ela então se torna a barreira a ser transposta. Novas geografias sociais têm de ser produzidas, com frequência a um alto custo para o capital e em geral acompanhadas por um sofrimento humano considerável. Por essa razão, a reestruturação periódica da geografia das infraestruturas sociais, sem falar na destruição dos modos de vida tradicionais e de todas as formas de localismo construído em torno das instituições sociais e humanas, torna-se assim um dos elementos centrais da formação e resolução da crise do capitalismo. (HARVEY, 2013, p. 512).

A Região do Cariri, nesse contexto de mudanças do modo de produção capitalista, e inserida no processo de globalização mergulha em uma reestruturação social e espacial jamais ocorrida ao longo de sua história. As bases econômicas que mantinham sua participação na totalidade da economia nacional e mundial vão mudar e uma nova configuração territorial está sendo produzida, agora para favorecer as grandes empresas; novas relações sociais estão se verificando a partir de um aprofundamento das desigualdades e injustiças sociais, como também, novas relações políticas estão sendo elaboradas tornando o Estado, ainda mais um aliado das grandes empresas e das elites que comandam o capital, tudo isso conduzindo a uma crise da antiga organização espacial da Região do Cariri. E isso tudo tendo como centro a produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha que será analisada em seguida.

3.4 O Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, suas bases locacionais

Efetuada a reflexão sobre a contextualização e a inserção na atual divisão territorial do trabalho do fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha revela-se pertinente desenvolver uma análise sobre a localização desta área na Região do Cariri cearense. Novamente se faz necessário esclarecer que se trata de uma área que resulta de processos sociais e históricos, por conseguinte dotada de uma grande complexidade. Processos sociais, políticos, econômicos, culturais e ideológicos não são perceptíveis a partir de uma cartografia que leva em consideração o espaço apenas como uma superfície mensurável e quantificável. Daí a necessidade de uma nova concepção de localização que resulte de práticas espaciais e não apenas da posição dos objetos no espaço. É por isso que se deve buscar uma concepção renovada do conceito de localização, e a esse respeito, Santos (1992) adverte:

O movimento dialético entre forma e conteúdo, a que o espaço, soma ados dois, preside, é, igualmente, o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica. Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas. (SANTOS, 1992, p. 2).

Mapa 1 - Mapa da Localização do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte - Barbalha

Dessa forma, a localização de um espaço social não é simples, pelo contrário, apresenta uma complexidade muito grande em função do dinamismo dos agentes responsáveis por sua produção. É esse caráter complexo da localização que autoriza Santos (1992, p. 2) a afirmar que “a localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”, e não apenas uma área ou um objeto que apresenta uma posição ou está situado em relação a outros objetos ou áreas. A localização é sempre dinâmica, não envolve apenas o espaço, mas também, o tempo e os processos. É com base nessa ideia de localização que o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha será analisado.

Resultado da ação de empresas, instituições, classes sociais, e principalmente do capital, como também de processos oriundos da atual fase do capitalismo, o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha está se configurando como área estratégica para a reprodução das relações de produção capitalista. A constituição de sua configuração espacial está sendo elaborada ao longo de duas grandes vias que interligam os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, sendo respectivamente a Avenida Padre Cícero e a Avenida Leão Sampaio, envolvendo também alguns bairros e antigas áreas rurais.

O primeiro eixo liga o município de Juazeiro do Norte ao município de Crato. Uma primeira parte dela tem o seu início no Centro da Cidade de Juazeiro do Norte em direção ao município de Crato. E é justamente a partir da localização do *Cariri Garden Shopping* (1997) que se tem o início da área estratégica para implantação dos grandes empreendimentos. As primeiras atividades que marcaram esse primeiro eixo foram os postos de gasolina, pois durante muito tempo, até as décadas de 1970 e 1980, esta avenida tinha uma função de interligar os municípios. Logo em seguida passaram a absorver atividades ligadas ao comércio de automóveis através de concessionárias e revendedoras. A Avenida Padre Cícero no seu primeiro trecho estratégico está encravada entre os bairros Santo Antônio, Salesianos, Santa Tereza e Romeirão. A instalação de dois grandes empreendimentos, um em 2011, o *Hiper Bompreço* da rede *Walmart*, e outro em 2018, o *McDonald's Drive Thru*, redimensionam os investimentos na área estabelecendo um novo uso do espaço.

Figura 15 - Primeiro Eixo – Avenida Padre Cícero

Fonte: <<https://earth.google.com/web/@-7.2272004,-39.3466955,409.81911259a,4059.94999079d,35y,6.8244205h,2.50614927t,-0r>>.

O segundo trecho da Avenida Padre Cícero consiste na parte que já se desloca para o município de Crato, situada entre os bairros Triângulo, Frei Damião, São José, e parte da antiga área rural de Juazeiro do Norte e Crato. Apresentava inicialmente empreendimentos ligados ao comércio de automóveis, duas empresas uma ligada a indústria de máquinas, a *Singer*, e a outra ligada à produção de refrigerantes, a Cajuína São Geraldo. Alguns grandes empreendimentos orientados pelo capital internacional ocorridos no século XXI vão redefinir a lógica organizacional dessa área. Carajás *Home Center*, inaugurado em maio de 2018, Assaí, inaugurado em julho de 2013, *Maxxi*, inaugurado em dezembro de 2011, Atacadão, inaugurado em março de 2009, a afiliada da Globo, a TV Verdes Mares, inaugurada em outubro de 2009, a Jacaúnas, inaugurada em maio de 2009, o Anel Viário que teve o início das obras em maio de 2013.

Figura 16 - Segundo Eixo - Avenida Leão Sampaio

Fonte: <<https://earth.google.com/web/@-7.24077582,-39.32095512,423.0052073a,4872.17614087d,35y,-0h,0t,0r>>.

O segundo grande eixo, a Avenida Leão Sampaio, liga Juazeiro do Norte ao município de Barbalha. Essa parcela do território envolve os bairros do Triângulo, Frei Damião, Jardim Gonzaga, João Cabral, Lagoa Seca e Cidade Universitária. É uma das parcelas do território que apresenta maiores transformações. Importante saber que dos seis bairros, apenas dois fazem parte efetivamente da área que os agentes responsáveis pela produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha consideram como relevante para a ação do capital em sua modalidade global, são eles, a Lagoa Seca e o Cidade Universitária. Os bairros Triângulo, Frei Damião, Jardim Gonzaga e João Cabral são populares e abrigam populações de baixa renda, não apresentando potencial consumidor e sendo excluídos das grandes obras de infraestrutura.

A área representada pelo eixo da Avenida Leão Sampaio e os bairros Lagoa Seca e Cidade universitária surgiu como uma área de expansão urbana do município de Juazeiro do Norte, e do outro lado, como uma área de expansão do município de Barbalha. A partir do final do século XX e século XXI as ações de

grandes Construtoras, imobiliárias e empresas ligadas a bens de consumo modificaram a organização espacial ao produzirem uma nova configuração espacial. No período anterior à ação desses novos agentes esta área estava restrita a alguns empreendimentos isolados e a formação de alguns bairros, não apresentando uma função econômica específica.

Nessa parcela do território a ação do capital imobiliário e do capital financeiro está sendo muito intensa reforçando o sentido da terra urbana enquanto mercadoria e favorecendo as grandes construtoras. Os padrões de construção na Região do Cariri eram tradicionais transformando-se rapidamente no final do século XX. Em 1986 a WR Engenharia, empresa ligada a construção e incorporação de empreendimentos é criada em Juazeiro do Norte e desenvolve uma atuação marcante na construção de prédios na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. Também em 1986 é criada a CRC, Construtora Raimundo Coelho (pertencente a empresários locais), atuando no setor de edificações e construção civil em geral. A ação dos Bancos, principalmente o Bradesco, é também marcante na área.

Importante observar que a área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha apresenta um dos mais importantes processos de conurbação do Ceará, ficando atrás somente da região metropolitana de Fortaleza, o que contribuiu para a valorização da área. A localização dessa área em um ponto central entre os municípios de maior dinamismo econômico da Região do Cariri é outro ponto de destaque. No entanto, mesmo apresentando essa posição central, a integração entre os municípios apresenta problemas, criando obstáculos à instalação dos grandes empreendimentos empresariais, daí a importância de outros agentes no processo de produção do espaço, principalmente o Estado que está fundamental na estruturação do espaço para a chegada de grandes empreendimentos. Sobre a estruturação dos espaços para receber investimentos, Santos e Silveira (2001) esclarecem que:

Fala-se hoje muito em guerra fiscal, na medida em que a disputa de Estados e municípios pela presença de empresas e a busca pelas empresas de lugares para se instalar lucrativamente é vista, sobretudo, nos seus aspectos fiscais. A realidade é que, do ponto de vista das empresas, o mais importante mesmo é a guerra que elas empreendem para fazer com que os lugares, isto é, os pontos onde desejam instalar-se ou permanecer, apresentem um conjunto de circunstâncias vantajosas do seu ponto de

vista. Trata-se, na verdade, de uma busca de lugares “produtivos”. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 296).

É possível assim concluir que a determinação da localização do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha como uma área estratégica é originária da ação das empresas, mas a criação das condições para que tais atividades tenham êxito, a partir da produção de uma configuração espacial que apresente condições atrativas para as referidas empresas, vai ser realizada principalmente através dos investimentos públicos provenientes do Estado. As empresas vão realizar pesquisas sobre o mercado consumidor, sobre as condições sociais e econômicas da Região do Cariri, mas é o Estado que vai potencializar o espaço tornando-o produtivo, através de obras de infraestruturas, criação de novos equipamentos e também de novas regras de uso do território.

3.5 Os novos agentes da produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha

A produção do espaço na Região do Cariri cearense, no final do século XX e século XXI, não é demais ressaltar, é resultado da nova dinâmica do modo de produção capitalista e do processo de globalização, a partir de novas práticas espaciais e das ações de novos agentes. Estes agentes podem ser vistos como elementos do espaço e são responsáveis pela produção de uma estrutura e de uma organização espacial. Então, a análise do espaço necessita da identificação desses elementos e de uma análise dos mesmos. Sobre a importância e o valor dos elementos do espaço, Santos (1992) revela:

Dessa forma, cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular. Em um mesmo lugar, cada elemento está sempre variando de valor, porque, de uma forma ou de outra, cada elemento do espaço – homens, firmas, instituições, meio – entra em relação com os demais, e essas relações são em grande parte ditadas pelas condições do lugar. Sua evolução conjunta num lugar ganha, destarte, características próprias, ainda que subordinada ao movimento do todo, isto é, do conjunto dos lugares. (SANTOS, 1992, p. 10).

No caso da produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, os elementos fundamentais são o Estado, os bancos, os homens, enquanto classes sociais e as empresas. Inicialmente a análise será desenvolvida a partir dos elementos que estão apresentando uma atuação mais marcante, dessa forma, o Estado. O Estado ora aparece como um agente voltado para o planejamento, ora como um agente que desempenha um papel econômico, ora atua como agente responsável pela normatização do território, o que, por vezes, ocorre de forma simultânea. É assim que no processo de produção do espaço da referida área, o Estado desempenha um papel fundamental na reprodução das relações capitalistas de produção, favorecendo a expansão do capital e sua reprodução.

3.5.1 O Estado como agente na produção do espaço, as representações do espaço e as estratégias a favor do capital

A análise desenvolvida sobre a produção do espaço na Região do Cariri cearense, especificamente o fragmento denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha mostrou que um dos elementos de maior atuação no processo de produção do espaço na área analisada é a instituição Estado, principalmente em sua perspectiva estadual, embora os governos federais e municipais venham atuando ao longo do tempo. As ações do Estado envolvem desde as concepções ideológicas ligadas ao planejamento do espaço até a produção de parcelas da configuração do espaço, a partir da construção de prédios públicos e infraestrutura.

Importante observar que o Estado enquanto agente que participa do processo de produção do espaço, está inserido no Modo de Produção capitalista e, por conseguinte, é um instrumento fundamental para estabelecer relações políticas e de poder entre as classes sociais, daí porque no capitalismo o Estado é apropriado e comandado pela classe social que detém os meios de produção, ou seja, os recursos ambientais, as tecnologias e a força de trabalho. Assim as ações do Estado estão diretamente ligadas ao processo de reprodução das relações sociais de produção, como também se constitui em um importante elemento voltado para

regularizar o funcionamento do capitalismo como sistema social e econômico. Refletindo sobre o Estado, Harvey (2006) propõe que:

[...] o Estado é diferente de outros agentes em diversos aspectos. Em primeiro lugar, o território e a integridade do território são os objetivos do seu conjunto de funcionários, em um grau incomum em relação a outros agentes. Em segundo lugar, em virtude de sua autoridade, o Estado pode dar forma e coesão mais firmes as alianças regionais de classes por meio de instituições legais, executivas, de participação e negociação política, de repressão e força militar. Em terceiro lugar, pode impor fronteiras relativamente seguras sobre limites geográficos porosos e instáveis. Finalmente devido ao seu poder de tributar e controlar a política fiscal e monetária, pode estimular e sustentar a coerência estruturada relativa à produção e ao consumo, à qual o capitalismo tende de qualquer maneira, e pode empreender investimentos infraestruturais que os capitalistas individuais não são capazes de assumir. (HARVEY, 2006, p. 152).

Embora ocupando uma posição de destaque enquanto agente no processo de produção do espaço por dispor de normas que regularizam o uso do território, por sua capacidade de mobilização de recursos e pelo poder de criar políticas territoriais, o Estado desenvolve suas ações a partir de procedimentos que envolvem concepções teóricas, no entanto, concretas, ligadas a questão das representações do espaço até as de ordem material, ligadas às práticas espaciais. No que concerne à questão das concepções do espaço, o Estado utiliza uma noção de espaço como um meio, um instrumento, uma superfície passível de uso mediante um planejamento. É o espaço concebido nos termos colocados por Lefebvre (2008). Um espaço em que seja possível projetar os interesses políticos e econômicos das classes que comandam o capital. Sendo assim, o Estado vai desenvolver suas ações com base em concepções e representações do espaço onde o planejamento, os projetos, as estratégias, o controle, a organização, são elementos fundamentais para a produção do espaço, revelando com isso que as ações do Estado estão inseridas em um projeto político que tem como objetivo fundamental atender principalmente aos interesses das elites dominantes e de uma forma mais ampla, aos interesses do capital. A forma como os representantes do Estado concebe o espaço é de fundamental importância na determinação de suas práticas espaciais como também na produção dos espaços da representação que podem apresentar um conteúdo político e de poder. É assim que se impõe a necessidade de pensar o espaço numa perspectiva política e também como resultado de relações de poder, como faz Lefebvre (2008) ao dizer que:

O espaço é político. O espaço não é um objeto científico descartado pela ideologia ou pela política; ele sempre foi político e estratégico. Se esse espaço tem um aspecto neutro, indiferente em relação ao conteúdo, portanto, “puramente formal”, abstrato de uma abstração racional, é precisamente porque ele já está ocupado, ordenado, já foi objeto de estratégias antigas, das quais nem sempre se encontram vestígios. O espaço foi formado, modelado a partir de elementos históricos ou naturais, mas politicamente. O espaço é político e ideológico. É uma representação literalmente povoada de ideologia. Existe uma ideologia do espaço. (LEFEBVRE, 2008, p. 60).

Não há então uma posição neutra do Estado no processo de produção do espaço. A análise desenvolvida através das pesquisas realizadas no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, demonstra que as ações do Estado do Ceará, em sua política de reestruturação espacial da Região do Cariri está sendo direcionada para a produção de uma configuração espacial voltada principalmente para os interesses das grandes empresas, dos Bancos, das imobiliárias e das construtoras. Nenhuma outra parcela do espaço da Região do Cariri recebeu tantos investimentos como a referida área. O Triângulo Crato-Juazeiro do Norte- Barbalha teve toda a sua malha viária pavimentada, construção de novas vias para facilidade e mobilidade de mercadorias, força de trabalho e consumidores. Novos equipamentos urbanos nos setores de saúde, educação, segurança, lazer e infraestruturas de saneamento foram criados. No entanto, as obras construídas beneficiaram diretamente a classe de maior poder aquisitivo.

As formas de atuação do Estado do Ceará na Região do Cariri evidenciam que a política econômica dos governos estaduais é nitidamente de caráter neoliberal. Projetos econômicos que priorizam a atuação de grandes empresas privadas, nacionais e internacionais, política fiscal de isenção de impostos que visam atrair grandes investimentos, programa de criação de infraestrutura espacial com objetivos de criação de condições favoráveis aos grandes empreendimentos, incentivos a programas que visam o crescimento do setor privado, implantação nos setores públicos de uma administração empresarial baseada em uma racionalidade econômica e técnica. Refletindo sobre o neoliberalismo Dardot e Laval (2016), esclarecem que:

O neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a

própria conduta dos governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação. O termo racionalidade não é empregado aqui como eufemismo que nos permite evitar a palavra “capitalismo”. O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Um marco histórico importante nas transformações das relações políticas e nas formas assumidas pelo Estado do Ceará é a ascensão das elites empresariais ao poder político com a eleição de Tasso Jereissati em 1986, assinalando também o rompimento com o coronelismo no Ceará. Com formação em Administração de empresas pela Fundação Getúlio Vargas e pertencente ao ramo empresarial, Tasso Jereissati, através de seus mandatos (1987-1990, 1995-1998 e 1999-2002), vai promover uma redefinição do Estado estabelecendo uma administração baseada em uma racionalidade técnica e econômica onde o planejamento se constitui em um poderoso instrumento de governo, haja vista, por exemplo, a criação, em 2003, do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). O referido Instituto tem como meta realizar estudos e pesquisas voltadas para geração e coleta de informações socioeconômicas e geográficas que servem de base para a criação de programas e projetos estratégicos para o governo.

É nesse contexto que ocorre a criação pela Lei Complementar Estadual nº 78, sancionada em 29 de julho de 2009, da RMC que vai se constituir em uma das mais importantes ações de um dos agentes, o Estado, no processo de produção do espaço na Região do Cariri. Importante observar que esta ação do Estado do Ceará pode ser vista como uma manifestação, na perspectiva da produção do espaço, de mecanismos ligados à representação do espaço, pois o projeto da criação da RMC se constitui inicialmente em uma estratégia que visa estruturar uma determinada área da Região do Cariri, qual seja, o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, para que esta possa apresentar os elementos que justificam a condição de região metropolitana.

A RMC é composta por nove municípios e possui uma área de 5.456,01 km² (IBGE, 2010). Nenhum dos três municípios que apresentam os maiores índices de crescimento econômico e demográfico, Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, se enquadra na categoria de metrópole. O município com maior dinamismo econômico

é o Juazeiro do Norte, no entanto ainda não revela uma estrutura espacial metropolitana. Em função disso, o projeto de criação da RMC, leva em consideração, para justificação da criação dessa área o processo de conurbação ainda em andamento entre os municípios de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. E é justamente nessa escolha da área do Triângulo Crato-Juazeiro do norte-Barbalha, resultante de decisões políticas, que se revelam os interesses das elites regionais, empresas privadas capitalistas, bancos e o Estado.

Figura 17 - Região Metropolitana do Cariri (RMC)

Fonte: <http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/perfil_regional_r9.pdf>.

Tabela 3 - Região Metropolitana do Cariri (RMC) (continua)

Município	Área (km ²) ³	IDH	População 01.07.2014	PIB 2011(R\$) ⁴	PIB per capita 2011(R\$)
Barbalha	569,508	0,683	58.347	499.981.000	8.934,61
Cariri	623,564	0,578	26.840	107.559.000	4.069,12
Crato	1.176,467	0,713	127.657	1.022.157.000	8.329,39
Farias Brito	503,622	0,633	18.937	83.741.000	4.423,24
Jardim	552,424	0,614	27.069	107.518.000	4.025,39

³ “Área territorial oficial”. Resolução da Presidência do IBGE de n° 5 (R.PR-5/02). IBGE (2014).

⁴ Produto Interno Bruto dos Municípios em 2011 (IBGE, 2014).

Juazeiro do Norte	248,832	0,694	263.704	2.249.645.000	8.897,47
----------------------	---------	-------	---------	---------------	----------

Tabela 3 - Região Metropolitana do Cariri (RMC) (conclusão)

Município	Área (km²)⁵	IDH	População 01.07.2014	PIB 2011(R\$)⁶	PIB per capita 2011(R\$)
Missão Velha	645,703	0,622	35.150	171.811.000	4.993,93
Nova Olinda	284,401	0,625	15.048	74.981.000	5.198,33
Santana	855,563	0,612	17.457	87.217.000	5.072,22
Total	5.460,084	0,642	590.209	R\$ 4.404.610.000	R\$ 7.732,59

Fonte: IBGE (2014).

A área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha muito antes da criação da RMC, tinha suas terras apropriadas pelas elites locais, inclusive de políticos locais que administraram os municípios da Região do Cariri. Muitas empresas também já tinham elaborado pesquisas e instalaram filias nesta área, como é o caso do *Cariri Garden Shopping* (1997) e várias concessionárias de automóveis. Outras importantes empresas vão chegar à área após a criação de infraestruturas produzidas pelo Estado. E um dos elementos importantíssimos na escolha e valorização dessa parcela da Região do Cariri pelo capital e pelo Estado é o fato do bairro em que reside a população de maior poder aquisitivo, denominado de Lagoa Seca, encontrar-se localizado nesta área.

A criação da RMC é, acima de tudo, um resultado de um plano estratégico do Estado, em consonância com as elites regionais, as empresas e os bancos, no intuito de valorizar e capacitar a área denominada de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, criando uma nova configuração espacial que seja capaz de viabilizar a reprodução das relações capitalistas de produção, a partir de novos agentes. Esse fato é perceptível a partir das pesquisas realizadas que demonstraram que as obras de infraestruturas realizadas pelo Estado favorecem

⁵ “Área territorial oficial”. Resolução da Presidência do IBGE de n° 5 (R.PR-5/02). IBGE (2014).

⁶ Produto Interno Bruto dos Municípios em 2011 (IBGE, 2014).

diretamente as empresas e as classes com alto poder aquisitivo. Outros bairros se encontram nesta área, como o João Cabral, Triângulo, Jardim Gonzaga, Frei Damião, e nenhuma grande obra de infraestrutura foi realizada, pelo contrário, estes bairros estão localizados na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha mas não são contemplados com nenhuma ação efetiva do Estado, sendo suas condições precárias.

A Inclusão dos seis municípios (Jardim, Missão Velha, Caririaçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri) na RMC, revela outra estratégia criada pelo Estado e voltada para favorecer as grandes empresas internacionais e nacionais que estão se instalando na área. A meta é estabelecer um amplo processo de integração dos municípios periféricos com a área central do Triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha. As pesquisas mostraram que as novas empresas que comandam a comercialização de bens de consumo, Assaí, *Hiper* Bompreço, *Maxxi*, Atacadão, Macavi, Zenir, Jacaúnas e o Cariri *Garden Shopping*, dentre outras, necessitam de um mercado consumidor muito mais amplo do que o oferecido pelos três municípios centrais, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, daí a necessidade de criação de novas infraestruturas que proporcione uma maior fluidez e mobilidade de mercadorias, mercados consumidores e mão-de-obra barata. Essa fluidez entre os mercados consumidores dos diferentes municípios está sendo produzida pelo Estado.

A ação do Estado do Ceará na produção do espaço na Região do Cariri Cearense, a partir da criação da Região Metropolitana, vai ao encontro dos interesses das grandes empresas, dos proprietários fundiários e dos promotores imobiliários. Estas práticas espaciais podem ser classificadas a partir de três modalidades concretamente encontradas na área. Uma ligada à construção de infraestrutura voltada para a mobilização de fluxos, rodovias, viadutos, anel viário, ciclovias. A segunda ligada à construção de equipamentos urbanos devidamente localizados em pontos estratégicos. A terceira ligada à normatização do uso do território.

O primeiro grande conjunto de práticas espaciais realizada pelo Estado na Região do Cariri diz respeito à construção de vias voltadas para a mobilização de fluxos. Para realização de tais práticas a Secretária de infraestrutura do Ceará criou o Programa Ceará de Ponta a Ponta (Programa de logística e estradas do Ceará). As metas do programa são a restauração, pavimentação, ampliação e duplicação

das estradas cearenses visando o desenvolvimento do turismo e o crescimento da atividade industrial e do comércio, ou seja, tornar o território viável à mobilização do capital. Em 2015, 2016 e 2017, o Governo do Ceará restaurou 1.599,78 de malha rodoviária, com investimento de R\$ 1.280.178.981,14. Até 2018, o governo do Estado do Ceará, deve investir cerca de R\$ 2,8 bilhões na melhoria de mais de 3 mil km de rodovias, em todas as regiões do Estado, segundo a secretaria de infraestrutura.

Na Região do Cariri Cearense estas obras estão se concentrando em pontos estratégicos do território, sendo um desses pontos o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha em função das exigências das empresas privadas, dos Bancos e das elites regionais. Entre as justificativas apresentadas pelo Estado, encontram-se o fato de o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha ocupar uma posição central em relação ao sul do Ceará e manter uma distância média de Recife, Fortaleza e Natal de 600 km, apresentando ainda, o sul do Ceará, fronteiras com os Estados da Paraíba, Pernambuco e Piauí. É o discurso da localização tentando mascarar as relações do Estado com as elites econômicas.

Um primeiro grupo de intervenções do Estado do Ceará está ligado à restauração e ampliação de rodovias e estradas ligando os municípios que foram enquadrados na RMC e alguns que estabelecem fronteiras com outros Estados, como o caso da via Crato-Exu. A finalidade fundamental é estabelecer uma integração entre os municípios e facilitar os fluxos de mão-de-obra e mercado consumidor. O interessante é que são obras que não apresentam uma contiguidade espacial com a área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, mas estão diretamente ligadas aos projetos das grandes empresas e dos empreendedores imobiliários.

A restauração da via de acesso entre o município de Crato no Ceará e o município de Exu em Pernambuco é uma primeira manifestação das estratégias espaciais desenvolvidas pelo Estado do Ceará para viabilizar os fluxos para a área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. O acesso a Pernambuco é um dos pontos fundamentais para aumentar o número de consumidores e de mão de obra para os principais empreendimentos que estão sendo implantados, principalmente nos setores ligados à educação e a bens de consumo. A área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, concentra hoje o maior número de estabelecimentos de ensino superior público e privado.

Outra via restaurada é a que liga o município de Crato a Nova Olinda. São 58 quilômetros pavimentados com revestimentos asfálticos e concreto, com serviços de sinalizações e proteção ambiental. Segundo a Secretaria de Infraestrutura o investimento é de R\$ 75.436.162,95, provenientes do Estado do Ceará e do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). O município de Nova Olinda faz parte da RMC e é uma das principais fontes de mercado consumidor para as empresas implantadas no Crato e no Juazeiro do Norte. Outro município que obteve vantagens com a restauração da CE 292 é Santana do Cariri que tem sua importância ligada à Paleontologia, abrigando o Museu de Paleontologia da Universidade Regional do Cariri (URCA) e se constituindo em uma importante área da bacia Sedimentar do Araripe. A relação do município de Santana do Cariri com os municípios de Crato e Juazeiro do Norte é muito intensa economicamente e culturalmente.

Figura 18 - Restauração da CE-292

Fonte: Mapa do Departamento Estadual de Rodovias. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ceara/noticia/der-bloqueia-no-ceara-rodovia-que-liga-os-municipios-do-crato-e-nova-olinda.ghtml>>.

Ainda no que diz respeito às ações do Estado em relação aos municípios limítrofes aos municípios centrais da Região Metropolitana, outra grande intervenção na criação de infraestrutura ligada às vias de acesso é a pavimentação da estrada que liga o município de Juazeiro do Norte diretamente ao município de Missão Velha. Atualmente, a principal rodovia que liga Juazeiro do Norte à Missão Velha tem que passar por Barbalha, perfazendo um percurso de 36 km. Com a nova

estrada o percurso será de 11,5 km. Foram investidos R\$ 8 milhões em serviços de pavimentação, revestimento asfáltico, drenagem, sinalização e proteção ambiental. Essa nova via vai interligar diretamente a aeroporto Orlando Bezerra de Menezes no Juazeiro do Norte com os municípios situados a leste. A ligação direta de Juazeiro do Norte com Missão Velha também propiciará um maior intercâmbio com dois projetos, a Ferrovia Transnordestina e a transposição do Rio São Francisco, ambos relacionados ao território de Missão Velha.

A ação do Estado ainda no aspecto da criação de infraestrutura foi responsável pela criação de obras diretamente ligadas ao Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, agora obedecendo a uma contiguidade espacial com a área. Na verdade, obras que estão alicerçando a nova configuração espacial. Um dos destaques destas obras é o “Anel Viário”, que possui vários trechos, no total de quatro e duas etapas. Um primeiro que compreende 3,4 quilômetros em pista dupla, ligando o município de Caririaçu até a ponte do Rio Salgadinho, constituindo a primeira etapa, logo em seguida dois outros trechos de 2,8 e 2,3 quilômetros, correspondendo à segunda etapa e ligando a ponte do Rio Salgadinho até a intersecção com a Rua Beatriz Gondim Santana e seguindo até a Avenida Padre Cícero (CE-292), que liga o município de Juazeiro do Norte ao Crato. O segundo e terceiro trechos necessitaram da construção de dois viadutos. O quarto trecho iniciado no segundo semestre de 2018, tem uma extensão de 6,84 quilômetros na divisa do Juazeiro do Norte com o município de Crato em direção ao município de Barbalha.

O Anel Viário é uma das obras realizadas pelo Estado com um maior potencial estratégico para os principais agentes produtores do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, tanto para as grandes empresas de capital internacional, como para os proprietários de terra e os promotores imobiliários. O valor total do investimento do Governo do Ceará, em parceria com o Banco Mundial, é estimado em R\$ 55,7 milhões. Nenhum outro agente presente na área poderia executar essa obra, não só pelos vultosos investimentos, mas principalmente pela exigência de um agente com capacidade de normatizar o uso do território, já que a obra envolve quatro importantes municípios, Juazeiro do Norte, Crato, Caririaçu e Barbalha.

Figura 19 - Anel Viário

Fonte: <<https://www.facebook.com/metropolitanocariri/posts/nova-etapa-do-anel-vi%C3%A1rio-em-juazeiro-custar%C3%A1-r-347-milh%C3%B5es-e-deve-ficar-pronta-/2109423489292406/>>

As estratégias, envolvidas na produção do Anel Viário, são fundamentais para o fortalecimento econômico do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha e priorizam as grandes empresas e a valorização das terras, inflacionando o mercado imobiliário.

Uma primeira manifestação dos efeitos produzidos pela criação do Anel viário diz respeito à interligação do município de Caririaçu diretamente com as áreas em que foram implantadas as grandes empresas ligadas ao comércio de bens de consumo. Na antiga ligação que o município de Caririaçu mantinha com Juazeiro do Norte ocorria um intercâmbio com a antiga centralidade representada pelo centro da cidade de Juazeiro do Norte. A partir da construção do Anel Viário (trechos 2 e 3), os novos fluxos oriundos do município de Caririaçu passam nos limites do perímetro urbano de Juazeiro do Norte e interligam-se agora com o município de Crato, via que não existia anteriormente.

Figura 20 - Trecho 2 e 3 do Anel Viário

Fonte: <<https://earth.google.com/web/@-7.20124152,-9.32381986,379.71976048a,713.40729633d,35y,72.83518171h,0t,0r>>.

As vias produzidas a partir da construção do Anel Viário (Trechos 2 e 3) também ligam diretamente o município do Crato à antiga centralização da cidade de Juazeiro do Norte e tornou mais fácil e mais rápido o acesso ao aeroporto. Os fluxos oriundos dos municípios de Nova Olinda, Exu, Santana do Cariri, Crato e Barbalha terão acesso direto à área central do triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. Os fluxos de consumidores, mão-de-obra, matérias-primas, capitais e equipamentos se intensificaram dinamizando as atividades econômicas dessas áreas e esse fato se fez notar quando as pesquisas mostraram que as empresas que se instalaram nesta área apresentam uma estrutura voltada para um mercado regional e não municipal, embora o discurso das populações locais seja de que as empresas pertencem a este ou aquele município.

Uma segunda manifestação dos efeitos produzidos pela criação do anel viário, ocorre a partir da construção do Trecho 4. Essa etapa, ainda não finalizada, ligará os municípios de Crato, Nova Olinda, Farias Brito e Exu diretamente com a área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, contornando os bairros Triângulo, Frei Damião e Jardim Gonzaga. A estratégia é aumentar o fluxo de mercadorias, mercado consumidor e mão-de-obra para a nova centralidade.

Figura 21 - Anel Viário - Trecho 4

Fonte: <<https://caririrevista.com.br/novo-trecho-do-anel-viario-vai-ligar-crato-a-barbalha/>>.

Por outro lado, o Anel Viário e sua funcionalidade desempenham uma função de exclusão das populações de baixa renda que moram nos bairros que estão localizados no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. As vias construídas no complexo do Anel Viário propiciam o acesso direto à área central produzida pela nova dinâmica do capitalismo sem que seja necessário percorrer o interior dos bairros Triângulo, Frei Damião e Jardim Gonzaga, todos eles de populações de baixa renda. Estes bairros estão materialmente ligados a esta nova centralidade, mas, são excluídos de seus serviços e de suas infraestruturas. Todas as ruas dos bairros nobres que estão localizados no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha são pavimentadas e dispõem de infraestrutura de saneamento básico, como os casos dos Bairros da Lagoa Seca e Cidade Universitária, já as condições de urbanização dos bairros João Cabral Triângulo, Jardim Gonzaga e Frei Damião são precárias.

Figura 22 - Bairro Jardim Gonzaga: Condições de urbanização precárias

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

A área interna do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, seus principais eixos, a Avenida Padre Cicero e a Avenida Leão Sampaio como também os bairros nobres de populações de alta renda tiveram suas ruas todas restauradas, recebendo uma nova pavimentação asfáltica no primeiro semestre de 2018 e também foi ampliada sua malha viária. Os governos municipais e o governo estadual desenvolveram um amplo programa de reforma de iluminação pública. Completando suas ações na área interna, o governo estadual criou em 2009 o metrô de superfície entre o município do Crato e o município de Juazeiro do Norte. O metrô de superfície tem como objetivo fundamental ampliar as opções para facilitar os fluxos migratórios diários, a migração pendular de mão-de-obra e de estudantes entre os dois municípios. Anteriormente os fluxos eram realizados por ônibus e carros particulares.

Figura 23 - Metrô de Superfície

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2015)

As práticas espaciais desenvolvidas pelo governo estadual nesse primeiro momento no que diz respeito à criação de novas vias, restauração e pavimentação das já existentes, utilizando recursos públicos e de grandes bancos internacionais como o BID e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), foram fundamentais para a estruturação da nova configuração espacial do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. As ações foram produzidas em uma primeira dimensão relacionada às vias que ligam as cidades dos Estados vizinhos, como o caso dos limites com o Estado do Pernambuco, em uma segunda dimensão a restauração das vias dos municípios da Região Metropolitana e uma terceira intervenção nas vias contíguas e internas a área central. Estes procedimentos estão produzindo um amplo processo de integração entre os municípios, antes precariamente interligados, uma ampliação do mercado consumidor para os novos produtos oferecidos pelas novas atividades implantadas, criando um mercado regional, estimulou o fluxo de migrantes dos municípios de menores portes para a área central da Região do Cariri.

As transformações resultantes das práticas espaciais realizadas pelo governo estadual estimularam também novas modalidades de consumo principalmente para as elites locais dos municípios da Região do Cariri. Uma das principais inovações na área do consumo foi o estímulo ao mercado imobiliário. Com as novas vias de acesso que ligam os municípios vizinhos ao Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, as populações destes municípios, principalmente as parcelas com maior poder aquisitivo, passaram a dispor de novos produtos pertencentes a uma

modalidade nova de consumo como: parcelas do solo urbano, condomínios fechados, prédios sofisticados e habitações luxuosas. O Estado assim, a partir de suas ações na produção do espaço e consequente produção de uma nova configuração espacial, contribui diretamente para a reprodução das relações capitalistas de produção e viabilizou a acumulação de capital contribuindo decisivamente com os novos agentes do capitalismo globalizado, as empresas, as agências imobiliárias, as grandes construtoras e os bancos. Sem a integração do espaço, formação de um mercado regional, disponibilidade de um mercado consumidor mais amplo e mão-de-obra barata, realizados pelo Estado, a produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha não seria viável.

Saindo do âmbito da criação de infraestruturas territoriais, principalmente aquelas ligadas à construção de vias responsáveis por uma maior fluidez do território, o Estado desenvolveu uma atuação marcante como produtor de equipamentos urbanos, agindo como um elemento ligado à construção civil e como um promotor imobiliário. Nessa nova ação, o Estado implementou nos três principais municípios da região metropolitana, três grandes obras que exerceram uma espécie de demarcação da área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. Na CE-292 que liga o município do Crato ao município de Juazeiro do Norte construiu o Centro de Convenções do Cariri, no bairro Triângulo na Cidade de Juazeiro do Norte, já na área da nova centralidade criou o Hospital Regional do Cariri e na Avenida Leão Sampaio que liga Juazeiro ao município de Barbalha criou a Central de Abastecimento do Ceará (CEASA). Esses novos objetos geográficos, criados pelo Estado, representam para a nova configuração espacial do Triângulo Crato-Juazeiro-do-Norte-Barbalha um marco fundamental em função da localização estratégica em que se encontram estes novos equipamentos.

A primeira grande intervenção do Estado como empreendedor nessa região foi o Hospital Regional do Cariri, localizado no bairro Triângulo, inaugurado em 08 de abril de 2011, com uma área de 27.126,47 m² de área construída e projetado para atender a população de 41 municípios num total de 1.335.000 habitantes (CEARÁ, 2011). Sua localização na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha foi fundamental para impulsionar os projetos ligados à construção civil. Sua proximidade com o Cariri *Garden Shopping* intensificou o processo de valorização da área de sua localização, provocando uma redefinição do valor do solo urbano.

Figura 24 - Hospital Regional (a direita da foto) e os novos prédios que surgiram após sua instalação

Fonte: <<http://deborahcorretora.com.br/2014/05/21/crescimento-economico-de-juazeiro-do-norte>>.

Sete grandes projetos associados a grandes construtoras e imobiliárias surgem na área, após a construção do Hospital Regional do Cariri pela ação do Estado, com destaque para o *Unique Condominium* produzido pela Base Incorporação e Construção. Esse empreendimento vai resultar em um dos prédios mais modernos do sul do Ceará. Outros edifícios construídos são o Edifício *Office Cariri*, *Central Park Residencial*, *Medical Center*, *Residencial Timbaúba*, *Pátio Cariri Residence* e o *S&A Empreendimentos*. A implantação do Hospital Regional é um marco importante no estímulo à verticalização desta área e à produção de uma paisagem metropolitana em função das dimensões apresentadas pelos prédios. Importante observar que os terrenos em torno do Hospital Regional eram de propriedades de políticos e das elites de Juazeiro do Norte.

Figura 25 - *Unique Condominium*

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

A segunda intervenção estratégica representada pela ação do Estado no processo de produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha ocorre com a construção da Central de Abastecimento do Ceará, a CEASA Cariri, localizado em Barbalha e inaugurado em 23 de fevereiro de 2012. A localização, à margem da rodovia que liga o município de Barbalha à Juazeiro do Norte, é estratégica, tanto para receber as produções agrícolas dos outros municípios cearenses como dos Estados de Pernambuco, Bahia, Piauí e a Paraíba. A construção da CEASA está voltada para estimular o crescimento urbano do município de Barbalha e acelerar o processo de conurbação.

A CEASA se constitui em um entreposto atacadista voltado para escoamento de produtos agrícolas, os hortifrutigranjeiros, do Ceará e facilitar a comercialização de produtos agrícolas de outros Estados. Os recursos financeiros utilizados na construção da CEASA são, segundo o governo do Estado, de R\$ 11 milhões, sendo 47% do Governo do Estado, 45,7% do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e 11,6% do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Esse novo equipamento também obedece à nova lógica dos objetos geográficos produzidos para um mercado regional e não local. A CEASA ocupa uma área de 8.815m² e em uma primeira etapa atenderá a aproximadamente 33 municípios, sendo ampliado para 100 municípios em uma segunda etapa.

Figura 26 - Central de Abastecimento do Ceará (CEASA-CARIRI)

Fonte: <www.miseria.com.br>.

Consolidando as práticas espaciais estratégicas do Estado na produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, uma terceira intervenção se dá com a construção do Centro de Convenções do Cariri, inaugurado em maio de 2014, localizado às margens da CE 292, no bairro muriti, antiga área rural do município do Crato e hoje área pertencente à zona urbana. O novo equipamento possui 4.950,68 m² de área construída e um terreno de 27.803,35 m², sendo, um auditório para 600 pessoas e outros três com capacidade para 160 pessoas, recepções, subsolo para depósito e casa de máquinas, quatro salas multiuso e estacionamento para 208 vagas (Fonte: Governo do Estado do Ceará). Este empreendimento enquadra-se também na nova modalidade de equipamentos que apresentam grandes dimensões e que estão voltados para exercer uma polarização regional. Além dos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, o novo equipamento urbano construído pelo governo do Estado do Ceará atenderá a outros 25 municípios da região.

Figura 27 - Centro de Convenções do Cariri em Crato - Ceará

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2015)

A localização do Centro de Convenções do Cariri entre os bairros Muriti, Barro Branco e São José, na Avenida Padre Cícero, CE-292, faz parte de uma estratégia do Governo do Estado do Ceará para acelerar o processo de conurbação que se verifica entre os municípios de Juazeiro do Norte e Crato. O trecho da CE-292, no Bairro São José, embora apresente alguns equipamentos urbanos, até 2018 recebeu poucos empreendimentos de grande porte, destacando o Serviço Social do Transporte e Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte (SEST/SENAT), inaugurado em 2012 e com uma área de 39.678 m². Uma grande parte da localidade do São José permanece sem investimentos em espaços construídos, permanecendo como área de especulação. A intervenção do Estado com a construção do Centro de Convenções do Cariri representa desta forma um estímulo a novos investimentos, é tanto que, no segundo semestre de 2018, a Concessionária de Caminhões *Ford* instala sua unidade, revigorando o processo de conurbação.

Os três equipamentos, o Hospital Regional do Cariri, a CEASA Cariri e o Centro de Convenções, apresentam uma localização deliberadamente produzida pelo Estado estabelecendo assim a área central dos investimentos em infraestrutura e equipamentos urbanos a ser realizados e também favorece uma ampla transformação da valorização das terras nessa área. Parcelas do solo desta área

que se apresentavam como propriedades rurais e tinham um uso ligado à produção agrícola são transformados em solos urbanos valorizados agora em função do processo de crescimento urbano e não como solos utilizados para agricultura. Crescem os loteamentos nas áreas onde os investimentos do Estado criam infraestruturas e equipamentos. Uma transformação acelerada da terra em mercadoria ocorre. Antigas áreas rurais, como os bairros Muriti e São José, no município do Crato, são reconhecidos pela administração municipal como área urbana.

Ainda na produção de equipamentos urbanos a ação o Estado por meio de suas práticas espaciais promove a instalação de vários equipamentos ligados à justiça, como o Fórum Desembargador Joaquim Santana, o prédio da Justiça Federal de Primeira Instância, o Juizado de violência doméstica e familiar e o Ministério Público Federal, todos estão localizados na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, desencadeando uma valorização e criação de infraestrutura por parte do governo municipal, estadual e federal.

Outras práticas espaciais desenvolvidas pelo Estado ocorrem no setor educacional e com localização direta na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, no município de Juazeiro do Norte. Em 1994, é criado o Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (CEFET) que, pela Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, é integrado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica do Ceará (IFCE). Em 2008, ocorre a implantação de uma unidade da Universidade Federal do Ceará (UFC), denominada *Campus* Cariri e em 05 de julho de 2013, no Governo de Dilma Rousseff, é criada pela Lei nº 12.826 a Universidade Federal do Cariri (UFCA), a partir do desmembramento da Universidade Federal do Ceará.

A Universidade Federal do Cariri (UFCA) possui 25.182m² de área construída e dispõe de cinco unidades (*campus*) distribuídas por diversos municípios. No *Campus* de Juazeiro do Norte funcionam nove cursos de graduação (Administração, Biblioteconomia, Engenharia Civil, Engenharia de Materiais, *Design* de Produto, Filosofia, Administração Pública, Música, Comunicação Social e Jornalismo), no *campus* de Barbalha funciona o curso de graduação em Medicina, no *Campus* do Crato, o curso de Graduação em Agronomia. No município de Brejo Santo, funciona

o curso de Licenciatura em Ciências Naturais e no Campus de Icó o curso de bacharelado em História⁷.

A localização da Universidade Federal do Cariri (UFCA) resulta de uma nova estratégia criada para acelerar o crescimento urbano da parte leste do município de Juazeiro do Norte e acelerar o processo de conurbação com o município de Barbalha. Na área em que o Estado desenvolveu essa prática espacial já se encontrava um dos maiores empreendimentos privados no setor de educação superior, a Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte, criada em 1998 e mantida pela IREP (Sociedade de Ensino Superior, Médio e Fundamental LTDA), sendo uma sociedade empresarial do tipo sociedade limitada com sede e foro na Cidade de Santo Amaro, Estado de São Paulo e foi criada em 2000. A área do empreendimento é de 50.800m² com uma área construída de 6.598 km².

Figura 28 - Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Fonte: <<https://vestibular.mundoeducacao.bol.uol.com.br/universidades/universidade-federal-cariri-ufca.htm>>.

A implantação da Faculdade de Medicina impõe modificações em uma área com carência de infraestruturas, redimensiona o valor do uso do solo urbano e atrai novos investimentos, inclusive redefinindo a organização espacial da área com a posterior implantação de outras instituições de ensino superior, privadas e públicas do Bairro cidade universitária. As infraestruturas necessárias vão ser criadas pelo Estado através dos governos municipal e estadual. Novamente ocorre um

⁷ <https://www.ufca.edu.br/portal/>

crescimento da ação das imobiliárias e dos loteamentos nessa área, prédios e condomínios residenciais vão surgindo após as ações do Estado e da iniciativa privada, dois dos maiores condomínios da Região do Cariri vão escolher também localizar-se nesta área.

Outro grande investimento na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte Barbalha, no setor da educação superior privada corresponde ao Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, fundado em 2001. É o primeiro Centro Universitário do interior do Ceará e possui três campi e 15 cursos. Em 2009, com investimentos de R\$ 15 milhões constrói o campus da Lagoa Seca, com uma área de 43.000 m², na mesma localidade em que se encontram a Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro e a Universidade Federal do Cariri.

Figura 29 - Centro Universitário Leão Sampaio - Campus da Lagoa Seca

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

Mapa 2 - Localização dos equipamentos do Estado

3.5.2 A ação das construtoras, imobiliárias e agências bancárias na produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha

A ascensão do capital imobiliário e do capital financeiro no processo de produção do espaço urbano como uma estratégia do modo de produção capitalista para expandir suas relações sociais de produção e também como elementos utilizados na tentativa de resolução de suas crises resulta das transformações verificadas na própria dinâmica das relações capitalistas que ocorrem com a reestruturação produtiva, o processo de globalização com suas novas tecnologias e o surgimento de um novo padrão de acumulação. As bases do modo de produção capitalista que se assentaram durante muito tempo na atividade industrial e numa divisão social do trabalho que se desenvolveu a partir da indústria, vão se modificar profundamente, passando a ter como base a circulação, o consumo e um novo padrão de acumulação flexível. Não mais a produção industrial aparece como o elemento essencial do sistema produtivo, nem mesmo o capital industrial é o agente mais dinâmico, o comando passa a ser do capital financeiro, dos bancos e das grandes empresas transnacionais. Estas transformações vão se verificar nas escalas mundial, nacional, regional e local, embora em tempos diferentes. Refletindo sobre essas mudanças, Santos (2015) nos diz que:

A década de 1990 se inicia no contexto de uma reorientação das políticas econômicas e das formas de organização do capital. A análise do fenômeno nos revela que diante da centralização capitalista, fortemente intensificada nesse período, ganha importância uma dinâmica de centralização geográfica do capital. Fato que se acrescenta à concentração espacial do capital, que pôde ocorrer e efetivamente ocorreu a partir de um padrão extensivo – seja na escala do território ou na escala metropolitana –, a centralização geográfica torna os espaços centrais, eles mesmos, objetos da valorização, diminuindo a importância dos novos mercados, da expansão produtiva horizontal e da incorporação de espaços periféricos no conjunto das estratégias de reprodução econômica do centro. A esse processo está associada a transformação das dinâmicas geográficas pelas quais passamos desde o fim da década de 1980 e o surgimento de novos parâmetros de acumulação. O mercado imobiliário aparece diante desse processo como um importante segmento capaz de absorver com lucro os excedentes que antes se espalhavam em busca de oportunidades lucrativas de investimentos. Este é também o momento em que espaços anteriormente capitalistas são mais diretamente atingidos por profundas modificações no curso da reprodução do capital. (SANTOS, 2015, p. 177).

No Brasil, essas grandes mudanças estruturais começam a se manifestar a partir de 1970 a partir de modificações verificadas na estrutura do processo de Industrialização. A concentração industrial na Região Sudeste, no Estado de São Paulo e no município de São Paulo, vai passar por uma redefinição ocorrendo inicialmente uma desconcentração da atividade industrial na Metrópole paulista para o interior da Região Metropolitana, em seguida para o Estado de São Paulo e em outro momento para outros Estados brasileiros e outras regiões, apontando para um processo de desindustrialização relativa e mudança no papel desenvolvido por essa parcela do espaço, o sudeste, na organização do território brasileiro, como também vai se estabelecendo uma nova divisão territorial do trabalho no Brasil. Sobre o processo de desconcentração indústria, Santos e Silveira (2001) revelam que:

A desconcentração industrial deve ser analisada com especial atenção no Estado de São Paulo (Sandra Lencioni, 1991). Entre 1970 e 1990, o número de estabelecimentos e o valor da transformação industrial crescem significativamente no interior do Estado. Enquanto em 1970 a Região Metropolitana reunia 36,09%, o município de São Paulo 28,94% e o interior apenas 6,95% do total nacional de estabelecimentos industriais, duas décadas mais tarde as participações respectivas eram de 21,95%, 9,23% e 15,26%. Situação semelhante é a do valor da transformação industrial. Nesse mesmo intervalo, a participação da Região Metropolitana de São Paulo caiu de 45,29% para 31,13%, e a do município passou de 28,39% para 16,01%, ao tempo em que a do interior aumentou de 13,13% para 27,01%. Todavia, quanto às pessoas ocupadas na indústria, diminui substancialmente a participação relativa do Estado de São Paulo no total nacional, como também a da Região Metropolitana, do município e do interior do Estado. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 108).

No contexto da reestruturação e desconcentração industrial que ocorre no território brasileiro, as indústrias buscam novas vantagens econômicas e fiscais para sua implantação fazendo com que ocorra uma competição entre os Estados e municípios, desencadeando o que se denominou de “guerra fiscal”. O Estado do Ceará participou ativamente desse processo e atraiu grandes empresas para diversas parcelas do seu território. A Região do Cariri cearense foi contemplada com a implantação de várias indústrias, com destaque para a instalação em 1996 no município de Crato, da Grendene (indústria de calçados), fundada em Farroupilha no Rio Grande Sul em 1971. Ainda neste contexto ocorre a implantação da *Singer* (indústria de máquinas de costura norte-americana) no município de Juazeiro do Norte em 1997, com a transferência, em 2005, de toda a fábrica. Consolidando os empreendimentos no setor industrial, a partir de incentivos fiscais oriundos do

Estado do Ceará, Juazeiro do Norte desponta como um dos maiores polos calçadistas do Brasil, ocupando a terceira posição, sendo que as duas primeiras posições são ocupadas por Franca em São Paulo e Novo Hamburgo no Rio Grande Sul.

Mesmo com todos os incentivos fiscais proporcionados pelo Estado do Ceará ao setor industrial da Região do Cariri, as indústrias implantadas não foram capazes de estabelecer mudanças significativas no sistema produtivo regional. As atividades ligadas ao setor terciário continuaram sendo a base da economia. As produções realizadas pelas atividades industriais implantadas na Região do Cariri a partir dos anos de 1990 são voltadas essencialmente para os mercados externos à região não provocando mudanças significativas na organização espacial pouco nas formas de consumo da população regional. Como assumem um caráter de uma plataforma de produção voltada para os interesses de outros lugares, estas atividades industriais apresentam localizações dispersas e com relações mais íntimas com a necessidade de mão-de-obra barata, como é o caso da Grendene que escolhe como localização o bairro do Seminário, com uma população de baixo poder aquisitivo, no município de Crato.

Somente a partir do momento em que a produção do espaço urbano passa a ser fundamental para a reprodução das relações de produção capitalistas e emerge a necessidade de elaboração de formas mais sofisticadas de acumulação de capital, com a consolidação do espaço enquanto mercadoria, é que se pode entender a nova dinâmica do modo de produção capitalista e a o fenômeno da globalização. A produção do espaço urbano desponta como um elemento fundamental para a estruturação do capitalismo e esse momento é verificado quando a principal metrópole do território brasileiro, São Paulo, deixa de apresentar como principal setor da economia a indústria passando a ter um crescimento superior das atividades do setor terciário. As atividades financeiras tornam-se fundamentais e a produção do espaço, através da produção de uma nova centralidade, revela a importância assumida pelo capital imobiliário. Analisando a metrópole paulista, Carlos (2011) é enfática ao dizer que:

O momento atual da acumulação sinaliza uma transformação no modo como o capital financeiro se realiza na metrópole, com a passagem da aplicação do dinheiro acumulado do setor produtivo industrial ao setor imobiliário. O processo sinaliza que a mercadoria-espaço mudou de sentido

para a acumulação, evidenciado pela mudança de orientação das aplicações financeiras, que produz o espaço como produto imobiliário. No caso da metrópole paulistana, o processo de reprodução do espaço, no contexto mais amplo do processo de urbanização, marca não somente a desconcentração do setor produtivo e a acentuação da centralização do capital, mas também dá um novo conteúdo para o setor de serviços (basicamente os que desenvolvem são o financeiro e o de serviços sofisticados e com eles uma série de outras atividades de apoio como a de informática e a de serviços de telecomunicações), fazendo com que o movimento de transformação do dinheiro em capital percorra agora, preferencialmente outros caminhos. É o caso da criação de fundos de investimentos imobiliários que atestam que o ciclo de realização do capital desloca-se para novos setores da economia, produzindo um novo espaço dentro da metrópole como condição de sua realização – eis o lugar ocupado pelos novos negócios. (CARLOS, 2011, p. 112-113).

As transformações ocorridas na dinâmica do capitalismo e que conduziram São Paulo a se transformar em uma metrópole financeira e com suas atividades econômicas mais dinâmicas ligadas ao setor de serviços, revelou a importância assumida pela produção do espaço urbano no processo de acumulação do capital, o que fez com que muitos autores apontassem a importância do espaço da Metrópole, sua transformação em mercadoria, como opção para as crises apresentadas pelo capital em seu processo de reprodução. Os estudos realizados pela geógrafa Carlos (2011) apontam nesta direção de reconhecimento da metrópole como um espaço fundamental para o capital. No entanto, não apenas o mundo como aponta Harvey (2006), e também não só a urbanização como negócio e a instauração do cotidiano como sugerido por Carlos (2011) se tornaram importantes para a reprodução das relações sociais de produção capitalista, mas também, a produção do “lugar”. Parcelas do espaço que não são necessariamente metrópoles, como o caso do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, como a análise adiante demonstrará, se insere na nova dinâmica do capitalismo globalizado, onde o capital financeiro e o capital imobiliário se destacam.

É justamente a partir do final do século XX que a produção do espaço na Região do Cariri cearense vai se dar a partir de novos agentes e novos processos ligados ao capital imobiliário e ao capital financeiro. No que diz respeito aos novos agentes, as construtoras e as imobiliárias, suas ações representam o surgimento de um novo padrão industrial de construção, com materiais sofisticados, técnicas científicas ligadas à engenharia e à arquitetura que raramente se manifestavam nas construções locais. Os padrões de construção na Região do Cariri até a chegada desses novos agentes eram tradicionais e estavam ligados a uma força de trabalho

local, mestres de obras e pedreiros. Com esses novos padrões, as novas paisagens vão revelar a imposição de uma estética metropolitana e de um espaço funcional, homogêneo e uniforme. As representações do espaço se fazem hegemônicas, são as concepções e os planos dos arquitetos que se impõem.

As construtoras e imobiliárias através de suas ações vão imprimir mudanças nas relações de trabalho do setor de construção e mudanças no mercado consumidor. Novos bens imobiliários vão ser colocados à disposição da população, a maioria, imóveis de luxo. O papel dos bancos no financiamento dessas obras e no processo de compra vai ser essencial. Boa parte das obras, principalmente os grandes prédios, é financiada pelos bancos e a compra de apartamentos e casas em condomínio de luxo também.

Figura 30 - Os novos padrões de construção

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

Em 1986 é fundada em Juazeiro do Norte, a WR, uma das empresas ligadas ao ramo da construção e incorporação de empreendimentos diversos, com mais de 1.000.000 m² de área construída e ultrapassando as 2.700 unidades. A WR é a construtora com maior atuação na produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. São resultados de suas práticas espaciais, os seguintes edifícios: Pátio Cariri *Open Mall*, Pátio Cariri *Residence*, *Office Cariri*, *Mansão Cariri*, *Juazeiro Gran Residence*, Pátio Cariri *Corporate* e *Jardins da Praça*. Todos edifícios de luxo com imóveis apresentando valores voltados para os segmentos sociais de

maior poder aquisitivo. Um exemplo dos altos preços dos imóveis encontra-se no empreendimento denominado de Mansão Cariri⁸, que apresenta apartamentos no valor de R\$ 3.031.320,00 e uma área de 337,80 m².

Outro exemplo de valor dos novos bens imobiliários que surgem na Região do Cariri é o que apresenta o empreendimento denominado de Jardim da Praça⁹, uma torre com 26 pavimentos, sendo uma delas a cobertura. Os apartamentos apresentam uma classificação de acordo com as áreas, o tipo A 217,11m², tipo B 214,36m² e o tipo C 216,21 m², a cobertura apresentando 444,16m². Segundos os dados da WR (Construção e Incorporação), os apartamentos tipo B, com área de 214,36m² estão no valor de R\$ 1.540.031,66, uma entrada de 7% no valor de R\$ 107.802,22, mensais de 5% no valor de R\$ 77.001,58, única de 123.202,53 e financiamento de 80% no valor de 1.232.025,33.

Figura 31 - Edifício Jardins da Praça

Fonte: <<https://wrengenharia.com.br/>>.

O edifício Pátio Cariri Residência¹⁰ apresenta apartamentos com uma área com mais de 80 m² e preços acima de R\$ 500.000, o financiamento chega a mais de 75% do valor. A parcela exigida na entrada é acima de R\$ 55.000 reais o que revela

⁸ Cf. Disponível em: <<https://wrengenharia.com.br/empreendimento/mansão-cariri/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

⁹ Cf. Disponível em: <<https://wrengenharia.com.br/empreendimento/jardins-da-praca/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

¹⁰ Cf. Disponível em: <<https://wrengenharia.com.br/empreendimento/pátio-cariri-residence/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

a necessidade de um poder aquisitivo alto para efetivação de sua compra. As ofertas desses novos bens revelam que o mercado imobiliário na Região do Cariri vem passando por uma transformação significativa e demonstram também que um novo padrão de moradia se estabelece se contrapondo ao antigo modelo representado pelas tradicionais casas. A tabela a seguir mostra os valores destes novos bens, tendo como exemplo o Pátio Cariri *Residence*.

Tabela 4 - Edifício Pátio Cariri Residence - oferta de apartamentos

Unidade	Área	Valor da Unidade	Sinal 10%	Única 13%	Financiamento 77%	Situação
			1	1	1	
2604	87,15	611.255,64	61.125,56	79.463,23	470.666,84	Disponível
2603	87,15	611.255,64	61.125,56	79.463,23	470.666,84	Disponível
2602	87,15	611.255,64	61.125,56	79.463,23	470.666,84	Disponível
2405	90,08	627.136,29	62.713,63	81.527,72	482.894,94	Disponível
2404	87,15	607.423,27	60.742,33	78.965,03	467.715,92	Disponível
2403	87,15	607.423,27	60.742,33	78.965,03	467.715,92	Disponível
2402	87,15	607.423,27	60.742,33	78.965,03	467.715,92	Disponível
2305	90,08	625.220,04	62.522,00	81.278,61	481.419,43	Disponível
2303	87,15	605.507,03	60.550,70	78.715,91	466.240,41	Disponível
2105	90,08	621.387,67	62.138,77	80.780,40	478.468,51	Disponível
2103	87,15	601.674,61	60.167,46	78.217,70	463.289,45	Disponível
2002	87,15	599.758,48	59.975,85	77.968,60	461.814,03	Disponível
1905	90,08	617.555,27	61.755,53	80.282,19	475.517,56	Disponível
1903	87,15	597.842,21	59.784,22	77.719,49	460.338,50	Disponível
1604	87,15	592.093,68	59.209,37	76.972,18	455.912,13	Disponível
1505	90,08	609.890,45	60.989,04	79.285,76	469.615,65	Disponível
1404	87,15	588.261,19	58.826,12	76.473,95	452.961,12	Disponível
1305	90,08	606.058,06	60.605,81	78.787,55	466.664,71	Disponível
1101	90,08	602.225,65	60.222,56	78.289,33	463.713,75	Disponível
903	87,15	578.680,18	57.868,02	75.228,42	445.583,74	Disponível
901	90,08	598.393,23	59.839,32	77.791,12	460.762,79	Disponível
803	87,15	576.764,01	57.676,40	74.979,32	444.108,29	Reservado
801	90,08	596.477,04	59.647,70	77.542,02	459.287,32	Reservado
405	90,08	588.812,24	58.881,22	76.545,59	453.385,42	Disponível
404	87,15	569.099,18	56.909,92	73.982,89	438.206,37	Disponível
104	87,15	563.350,56	56.335,06	73.235,57	433.779,93	Disponível
103	87,15	563.350,56	56.335,06	73.235,57	433.779,93	Disponível
102	87,15	563.350,56	56.335,06	73.235,57	433.779,93	Reservado

Fonte: <<https://wrengenharia.com.br/>>

A ação das imobiliárias e construtoras é marcante na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. As pesquisas revelaram que atualmente temos 21 edifícios (torres), sendo 18 já finalizadas e 3 em construção, sendo sua distribuição espacial ainda muito dispersa. Esses edifícios têm um padrão similar aos edifícios das grandes metrópoles brasileiras e sua construção está associada ao capital financeiro, mostrando que os bancos também são agentes fundamentais na produção desse espaço, o que mostrou também as pesquisas ao presenciar várias

obras financiadas pelo Bradesco e também a implantação nessa área do Banco Santander.

Figura 32 - Torres com localização dispersa

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

Outra tendência verificada é a produção de condomínios fechados e de luxo. São grandes espaços fechados que apresentam uma função ligada à habitação, cercados por muros, com segurança particular e acesso controlado por sistemas eletrônicos voltados para a vigilância e para um rígido controle. Os dois que apresentam uma maior dimensão, o Cidade Kariris Residencial Club e o ainda em construção denominado de Barão de Araruna, estão localizados em áreas distantes da parte central e que apresentam uma maior disponibilidade de terra sem construção. Os outros de menor dimensão, mas não menos luxuosos encontram mais próximos dos núcleos urbanos. Refletindo sobre a localização desses espaços residenciais fechados, Sposito e Goés (2013) assinala que:

Observando-se o processo de implantação de espaços residenciais fechados nas cidades brasileiras, um dos fatores que se destaca é a tendência à localização mais periférica do que central desses empreendimentos, o que é explicável do ponto de vista dos proprietários fundiários e incorporadores, porque esses tipos de iniciativas exigem glebas

de tamanho médio ou grande. Tais áreas, quando se trata de incorporações que visam à criação de espaços residenciais fechados, devem estar disponíveis e, de preferência não edificadas, para que as taxas de apreensão da renda diferencial sejam mais altas. (SPOSITO;GOÊS, 2013, p. 70)

Figura 33 - Cidade Kariris *Residencial Club*

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

As duas tendências apresentadas no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha no setor de habitação, os prédios residenciais e os condomínios fechados predominam principalmente no Bairro Lagoa Seca. A princípio esse bairro apresentava uma tendência à construção de grandes mansões sendo esses imóveis pertencentes às elites do município de Juazeiro do Norte. As novas formas de habitação passam a abranger uma população mais ampla e de diferentes lugares, muitos atraídos pelos novos equipamentos implantados nesta área como a Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro, o Centro Universitário Leão Sampaio, e também as elites dos municípios vizinhos.

Com a implantação desses novos objetos geográficos na área do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, resultantes das práticas espaciais das construtoras, imobiliárias e também dos bancos (capital imobiliário, industrial e o capital financeiro), estão chegando novos empreendimentos associados a esses novos equipamentos, como é o caso das lojas de móveis projetados. Durante muito tempo, os bens de consumo pertencentes ao setor de móveis eram comercializados

por lojas que apresentavam um produto já pronto de fábrica. A partir da ação das grandes imobiliárias e das construtoras, o padrão mudou, tornou-se mais sofisticado e associado a uma estética ligada a *designs* oriundos de projetos e planos arquitetônicos.

É neste momento que vão chegar à Região do Cariri, lojas voltadas para o setor de móveis. Jacaúnas, C. Móveis Planejados, *Criare* Móveis Planejados, Oca, Casa *Prime*, Kless Kariri Móveis Planejados, *Todeschine*, *Geoplant*, Belas Artes, são algumas das lojas que se instalaram na Região do Cariri, e o que é mais importante, se instalam na área da nova centralidade. São empresas atraídas, naturalmente, por uma perspectiva de lucro e com objetivos de expansão de suas atividades. Seus interesses não são necessariamente na Região do Cariri onde estão se instalando. As razões de sua localização estão nas atividades desenvolvidas pelas empresas de construção civil e imobiliárias com as quais mantêm uma relativa dependência. Essa relação entre empresas de setores econômicos afins é analisada por Santos e Silveira (2001), que esclarecem:

Cada atividade constitui, no conjunto, um processo para as demais, um elo importante no sistema produtivo criado em determinado lugar ou área, constituindo a base socioespacial sobre a qual assenta uma determinada equação de emprego, uma determinada massa salarial, um determinado ritmo das atividades, um determinado movimento de agentes, dos produtos, das mercadorias, do dinheiro e da informação, uma determinada estrutura de ordens e um determinado sistema de poder fundado na economia e na política, Trata-se de um verdadeiro sistema coerente, cuja base é espacial. Assim, numa pequena área pode haver acúmulo de relações que se sustentam mutuamente e tendem à criação de um produto econômico importante se comparado com outras áreas do país, levando-se em conta a superfície ocupada e a população concernida. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 300).

A cooperação entre as empresas tem como finalidade o controle do mercado consumidor e a obtenção de vantagens econômicas. Santos e Silveira (2001) são contundentes quando abordam a questão e revelam que:

Todas as vantagens comparativas que exaltam os índices econômicos obtidos devem, pois, ser contrastadas com o fato de a coerência e, às vezes, o brilho das atividades locais constituírem uma coerência subordinada, dependente de entidades estranhas à área e cujo processo obedece a mandamentos que não têm nem inspiração local nem preocupação com os destinos locais (exceto naquilo que corresponde ao seu interesse privatista e imediato), de modo que o processo de crescimento realizado no lugar pode ser definido como especulações não apenas alienígenas, por sua origem, mas alienadas, pelo seu desenvolvimento e destino. Nesse caso, não se trata apenas de uma

exteriorização ou abertura – como parece da moda atualmente --, mas de verdadeira alienação. Na realidade, é de um conjunto de alienações que se trata, cada qual atraindo e alimentando a outra. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 300-301).

É justamente o que foi descrito por Santos que está ocorrendo na Região do Cariri. Os principais agentes responsáveis pelo processo de produção de uma nova configuração espacial não desenvolvem nenhuma ação que se volte efetivamente para o desenvolvimento local ou regional. As ações realizadas por esses novos agentes estão voltadas para um crescimento de suas atividades e não para a produção de um espaço coerente com as necessidades das populações locais. O que de fato estão produzindo é uma profunda fragmentação do território regional e sua subordinação aos interesses do capital. Paralelamente ao crescimento econômico ocorre intensificação da desigualdade social e a redução da qualidade de vida das populações com baixo poder aquisitivo. Desta forma, as alianças e estratégias verificadas entre as empresas contribuem para a criação de relações cada vez mais hostis à cooperação entre as pessoas, porque estão fundamentadas no consumo. Analisando as novas formas de relações, Santos (1996) estabelece uma distinção entre uma solidariedade orgânica e uma solidariedade organizacional:

Poderíamos parafrasear Baudrillard, em seu Sistema dos Objetos, quando ele disse que “a funcionalidade não é mais o que se adapta a um fim, mas uma ordem de sistema”. De uma estruturação dita “natural”, existindo pela troca de energia entre os seus elementos (tal como eles são e como estão dispostos), passamos a uma valorização das coisas, por intermédio da organização, que comanda sua vida funcional. Na caracterização atual das regiões, longe estamos daquela solidariedade orgânica que era o próprio cerne da definição do fenômeno regional. O que temos hoje são solidariedades organizacionais. As regiões existem porque sobre ela se impõem arranjos organizacionais, criadores de uma coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam um dos fundamentos de sua existência e definições. (SANTOS, 1996, p. 226).

São as empresas, dentre outros agentes, as responsáveis pelo estabelecimento dessa nova forma de solidariedade, denominada de organizacional, imposta aos lugares e que produzem relações que se dão como normas e na maioria das vezes como ordens impostas pelo poder político e econômico das empresas. As regiões e os lugares passam a se submeter ao poder das grandes empresas e assumem funções que conduzem a uma dependência. Essa relação das empresas com o território é analisada por Santos e Silveira (2001), que dizem:

Na medida em que essas grandes empresas arrastam, na sua lógica, outras empresas, industriais, agrícolas e de serviços, e também influenciam fortemente o comportamento do poder público, na União, nos Estados e nos municípios, indicando-lhes formas de ação subordinadas, não será exagero dizer que estamos diante de um verdadeiro comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial por um número limitado de empresas. Assim, o território pode ser adjetivado como um território corporativo, do mesmo modo que as cidades também podem ser chamadas de cidades corporativas, já que dentro delas idênticos processos se verificam. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 291).

O Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, a partir do final do século XX e durante o século XXI, vai se destacar na Região do Cariri como uma área onde as grandes empresas, ligadas ao setor de bens de consumo, vão escolher para localização de suas atividades. Apresentando uma localização central e com disponibilidade de terrenos para construção, essa área se torna fundamental para essas grandes empresas desenvolverem suas atividades em instalações que apresentam grandes dimensões, revelando seus objetivos de atender ao mercado regional.

3.5.3 Para além do setor produtivo: grandes empresas de varejo e a produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha

Atuando de uma forma planejada e com objetivos de estabelecer um controle do mercado local e regional, as novas empresas que se instalaram na Região do Cariri cearense imprimiram novas formas de uso do território através do controle das principais localizações e do uso privilegiado das infraestruturas criadas pelo Estado. Esse uso seletivo do território, tanto em termos de localização como de utilização de suas infraestruturas transformam-se em vantagens para as grandes empresas que resultaram em um controle e comando do território. Atualmente um grupo privilegiado de grandes empresas internacionais e nacionais está atuando decisivamente na produção do espaço na Região do Cariri provocando mudanças substanciais na economia, como também nas relações sociais, políticas e culturais, a partir da imposição de novos padrões de consumo e de comportamentos. A ação das grandes empresas é assim destacada por Santos e Silveira (2011), quando dizem que:

A presença numa localidade de uma grande empresa global incide sobre a equação do emprego, a estrutura do consumo consumptivo e do consumo produtivo, o uso das infraestruturas materiais e sociais, a composição dos orçamentos públicos, a estrutura do gasto público e o comportamento das outras empresas, sem falar na própria imagem do lugar e no impacto sobre os comportamentos individuais e coletivos, isto é, sobre a ética. Acrescentem-se a tudo isso as inflexões exigidas da política nos planos federal, estadual e municipal para atender às necessidades de instalação, permanência e desenvolvimento das empresas. Estas estão interessadas sobretudo na produção material, isto é, são empresas dedicadas à indústria e à agricultura, mas incluem também empresas ligadas ao comércio, aos serviços, aos transportes, às finanças, à informação etc. (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 293).

Na Região do Cariri cearense a partir do final do século XX, uma série de empresas ligadas principalmente à comercialização de bens de consumo vão se instalar e imprimir um novo ritmo e uma nova estrutura à economia local e regional. São grandes empresas globais e nacionais ligadas aos setores de bens de consumo não-duráveis, materiais de construção e eletrodomésticos. Dentre as empresas que se instalaram destacam-se: as empresas do Grupo São Luiz (rede de supermercados), as Lojas Americanas, o *Carrefour* (Atacadão), o Assaí (Rede atacadista nacional pertencente ao grupo Pão de Açúcar), o *Hiper Bompreço* (Rede de supermercado de origem regional, adquirida pelo grupo *Walmart* em 2004), o *Maxxi* (Divisão de autosserviços do grupo norte americano *Walmart*) e o Carajás (loja de material de construção).

Em um primeiro momento, a implantação de novos estabelecimentos comerciais ligados a grupos internacionais e nacionais vai ocorrer no interior dos municípios, nas principais cidades, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, provocando mudanças econômicas e redefinindo o funcionamento do setor terciário. Esse momento vai se dar a partir da chegada de duas grandes empresas: as Lojas Americanas e o Mercadinho São Luiz.

O Mercadinho São Luiz foi fundado em 1926 em Fortaleza, atualmente se constitui em uma das maiores cadeias de supermercados do Ceará com 17 lojas, sendo 14, em Fortaleza, um no Crato, um em Eusébio e um em Juazeiro do Norte. Sua expansão para a Região do Cariri ocorre em 1997, com uma área de 1.000 m² e depois ampliada em julho de 2012 para 2.000 m². Em 2006 é instalada no município do Crato uma unidade, localizada na Avenida Padre Cícero. A instalação das unidades do Mercadinho São Luiz nos municípios do Crato e Juazeiro do Norte

representa uma mudança na estrutura dos estabelecimentos que comercializam produtos de bens de consumo. No período anterior à chegada dos grandes estabelecimentos predominavam mercantis de empresários locais ou regionais voltados para os mercados locais de cada município. A grande maioria dos empreendimentos era de pequenas dimensões, raramente existiam mercantis. A chegada do Mercadinho São Luiz amplia a diversidade de produtos e estimula novos consumos, afetando diretamente os pequenos comerciantes. Em alguns municípios da região muitos estabelecimentos fecham em função da concorrência.

Outra grande mudança ocorreu com a instalação das Lojas Americanas. Inaugurada em 1929 no Rio de Janeiro por empresários americanos, pertence ao grupo *Wal-Mart* Brasil S.A e se constitui em uma das maiores cadeias mundiais de varejo. Na Região do Cariri, sua primeira unidade foi instalada no *Cariri Garden Shopping* em novembro de 2006, a segunda unidade localizada no centro da cidade de Juazeiro do Norte, em dezembro de 2007 e a terceira unidade no município de Crato em 2008. Com a chegada das lojas americanas um novo padrão para as lojas varejistas é estabelecido, com o uso do próprio cartão de crédito da loja e uma diversificação de produtos até então desconhecida na região e marca também a presença de grupos estrangeiros no setor terciário dos municípios da região.

Em um segundo momento, a ação das empresas vai se dar diretamente na produção de uma nova configuração espacial, o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, sendo que desta vez os efeitos gerados por estas novas empresas resultam na produção de empreendimentos comerciais de grande porte estruturando um setor terciário mais sofisticado. Um dos grandes destaques desse momento é a escolha da localização estratégica desses grandes supermercados. A localidade escolhida é Avenida Padre Cícero, a CE-292, que liga o município de Juazeiro do Norte ao município do Crato, uma via fundamental para os fluxos provenientes de diversos municípios. Importante destacar também a contribuição do Estado para a instalação desses novos equipamentos.

O primeiro grande empreendimento é inaugurado em 2009 no município de Juazeiro do Norte. Trata-se da implantação do hipermercado Atacadão, pertencente ao Grupo *Carrefour* (rede de hipermercados fundada na França em 1960). Foi a primeira unidade implantada no Estado do Ceará e ocupa uma área de 30.000 m² com uma área construída de 16.000m². As dimensões do empreendimento revelam os objetivos da empresa de abranger um mercado regional e não local. A

implantação do hipermercado Atacadão desencadeia mudanças nas áreas próximas. Rapidamente ocorre uma valorização das terras, com o surgimento de vários loteamentos e a instalação de novos equipamentos urbanos e também de novos empreendimentos econômicos. Uma área que antes representava praticamente os limites entre os dois municípios mais dinâmicos da Região do Cariri, com poucas atividades econômicas, vai se constituir em um espaço estratégico para atrair os grandes fluxos de mercadoria, mercado consumidor e também de mão-de-obra. A magnitude do empreendimento vai exigir muitas transformações em infraestrutura e novas formas de uso do território o que conduz a necessidade de nova normatização do território exigindo práticas espaciais em que o Estado aparece como um agente fundamental. Mas o hipermercado Atacadão não vai ser o único a escolher esta área, outras grandes empresas farão dessa parcela do território seu lugar estratégico.

Figura 34 - Hipermercado Atacadão - *Carrefour*

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

Ainda no contexto da produção do espaço pelas grandes empresas ligadas ao ramo de bens de consumo, em julho de 2011 é inaugurado em Juazeiro do Norte o *Hiper Bompreço*, uma empresa do grupo *Walmart* Brasil. É a primeira do interior do Ceará, fora da região metropolitana de Fortaleza com uma área de venda de 3,6 mil m² e localizada também na Avenida Padre Cícero. O *Hiper Bompreço* vai manter

uma proximidade maior com o Cariri Garden Shopping e sua localização mantém uma proximidade maior com o centro tradicional da cidade de Juazeiro do Norte. A implantação do *Hiper Bompreço* revela uma estratégia dos investimentos da *Walmart* que a partir de empresas com nomes diferentes e, por vezes atendendo a diferentes perfis de público vai expandindo seus negócios. A referida empresa é uma transnacional sediada nos Estados Unidos, em *Bentonville*, Arkansas e se constitui na maior loja de varejo dos Estados Unidos, possuindo 11.000 lojas em 27 países diferentes com 55 nomes diferentes. A *Walmart* já havia chegado na Região do Cariri através das Lojas Americanas e agora volta a investir com o nome de *Hiper Bom Preço*, desta vez a ação é diretamente ligada à produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte Barbalha.

Figura 35 - *Hiper Bompreço*

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2015)

Em 22 de dezembro de 2011, com um investimento de 30 milhões de reais, novamente o grupo *Walmart* investe na Região do Cariri. Agora com o nome de *Maxxi Atacadão*, localizado na Avenida Padre Cícero. O empreendimento apresenta um salão de vendas de 4,9 mil m², com estacionamento para 228 veículos e desenvolvendo modalidades de venda no atacado e no varejo. O *Maxxi Atacadão* estabelece diretamente uma concorrência com o hipermercado Atacadão do grupo francês *Carrefour*.

Figura 36 - Maxxi Atacadão

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2015)

Mas as mudanças não pararam, em 09 de julho de 2013, outro hipermercado, o Assaí, pertencente ao Grupo Pão de Açúcar, que é uma empresa varejista brasileira controlada pelo grupo francês Casino, inaugura uma unidade em Juazeiro do Norte, também na Avenida Padre Cícero, em frente ao Atacadão *Carrefour*. O Assaí tem uma área total de 27.000 m², com uma área coberta de 13.700 m² e oferece 350 vagas para estacionamento de veículos. Neste empreendimento foram investidos R\$ 35.000.000. Com a chegada do Assaí, amplia-se a disponibilidade dos produtos ligados aos bens de consumo na Região do Cariri. O território da Região do Cariri vai se transformando numa grande arena de disputa por mercado consumidor por grandes empresas globais que vão instituindo aquilo que Santos (2011) chamou de “espaço corporativo”. Os usos, as regras, as normas, os ritmos, as dimensões, os valores e os significados impostos ao espaço, resultam dos interesses, das vontades das empresas. Deliberadamente, através de alianças políticas com agentes como o Estado, os grupos empresariais vão criando uma estrutura espacial voltada para a realização de seus interesses. Santos e Silveira (2001), a respeito do espaço corporativo, dizem:

A noção de espaço corporativo deriva de tal mecanismo, que inclui uma utilização privilegiada dos bens públicos e uma utilização hierárquica dos

bens privados. É dessa forma que maiores lucros são obtidos por alguns agentes, ainda que trabalhem sobre os mesmos bens e embora estes sejam nominalmente públicos. Quando as corporações encorajam, segundo várias formas de convicção, a construção de sistemas de engenharia de que necessitam, e quando os governos decidem realizar tais obras, o processo do espaço corporativo se fortalece. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 295).

Figura 37 - Assaí Atacadista

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

É o que vai ocorrer na produção do espaço do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha. Os quatro hipermercados pertencentes a grandes grupos empresarias globais vão exigir uma redefinição do uso do território, a partir de mudanças funcionais e mudanças estruturais. No âmbito das mudanças funcionais rapidamente o Estado, através do DETRAN (Departamento de Trânsito do Ceará), redefine os ritmos, através do controle do tempo, da Avenida Padre Cícero, a CE-292. Especificamente o trecho onde estão localizados os grandes hipermercados vai receber uma nova sinalização e a produção de desvios, com objetivos de reduzir a velocidade e facilitar o acesso a esses estabelecimentos mercantis. À antiga função de ligação entre os municípios de Crato e Juazeiro do Norte, soma-se a de uma via onde se localizam importantes estabelecimentos comerciais. O tempo gasto para o deslocamento do município de Crato para o município de Juazeiro do Norte que antes da sinalização era de 15 minutos, passou a ser de 40 minutos. O tempo lento, resultado da normatização do território pelo Estado, com a sinalização, vai favorecer ao grande capital representado pelas empresas globais. No entanto o próprio Estado, sabedor da importância que o tempo acelerado tem para as atividades econômicas entre os municípios de Juazeiro do Norte e Crato, amplia a malha viária

com a construção da CE-060, denominada de Leandro Bezerra, e cria uma nova ligação entre os dois municípios sem passar pelo trecho dos grandes hipermercados. Fica claro assim o poder das grandes empresas na produção do espaço, ditando seus ritmos e seus significados.

Quanto às mudanças estruturais, as modalidades de venda no atacado e no varejo, realizadas pelos hipermercados que se instalaram no século XX como agentes produtores do Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, desencadeiam uma série de transformações no setor comercial. A primeira delas é em relação ao abastecimento dos estabelecimentos comerciais de menor porte, localizados nos municípios da Região do Cariri. Anteriormente estes abastecimentos eram realizados por promotores de vendas que representavam estabelecimentos industriais e comerciais de outras parcelas do território brasileiro. Com a chegada dessas grandes empresas haverá alterações, pois, uma parcela significativa dos estabelecimentos dos municípios será abastecida por estas grandes empresas. A antiga figura do promotor de vendas vê reduzida sua participação na atividade comercial.

Ainda no diz respeito às mudanças estruturais, a grande disponibilidade de mercadorias e as novas possibilidades de crédito, oferecidas pelos hipermercados globais vão estabelecer uma concorrência desigual com os estabelecimentos locais e regionais. As novas vantagens oferecidas pelas grandes empresas globais vão atrair os antigos clientes dos principais mercantis locais e regionais, provocando o desaparecimento de muitos desses mercantis. As tradicionais centralidades urbanas de Juazeiro do Norte e do município do Crato que contavam com muitos estabelecimentos comerciais ligados aos bens de consumo, atualmente já não dispõem mais da mesma quantidade e nem qualidade desses serviços. A mudança é muito importante para a economia regional, pois, os antigos estabelecimentos eram de empresários locais e regionais e hoje o que ocorre é um controle dessas atividades pelos grandes grupos empresariais globais, e estas grandes empresas operam segundo uma racionalidade perversa, sem nenhum respeito às populações locais e regionais. Refletindo sobre o papel das empresas, Santos e Silveira (2011) advertem:

Não é o mercado como um todo que opera sobre lugares, regiões, países.
De resto haveria tal coisa, o mercado como um todo? Cada firma tem o seu

próprio escopo, o seu próprio timing, operando assim segundo metas específicas e motivações privatistas, egoístas, sendo tais motivações, elas próprias, motivadas pelo “instinto animal” das empresas, por uma busca incessante de aperfeiçoamento e adaptação ao chamado mercado global, segundo as regras fluidas e caprichosas da competitividade. Os objetivos de tais empresas não são propriamente finalidades, porque não tem teleologia. A busca fundamental e desesperada (e cega para tudo o mais) é a procura de um lucro, uma mais-valia, que deve ser sempre maior do que no minuto anterior. (SANTOS;SILVEIRA, 2001, p. 296).

Em 2018, intensifica-se o processo de produção do espaço no Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha com a inauguração no dia 11 de maio do Carajás Home Center, loja de um grupo alagoano que atua no ramo de material de construção, piso, revestimentos, artigos de decoração, eletrônicos, e material para o lar. Foram investidos cerca de R\$ 40.000.000 e a empresa para o seu estabelecimento desenvolveu acordo com a Prefeitura Municipal de Juazeiro para investir em uma creche, uma praça e um Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) para um dos bairros de Juazeiro do Norte, o Campo Alegre, revelando as alianças políticas entre o grupo empresarial e o Estado, através do governo municipal. O Juazeiro do Norte é o primeiro município do Ceará a receber investimentos do grupo que controla o *Home Center* Carajás.

Figura 38 - Carajás Home Center

Fonte: <<https://www.caririceara.com/carajas-inaugura-loja-no-juazeiro-do-norte-no-dia-11-de-maio/>>.

Consolidando as bases econômicas ligadas ao setor comercial e de serviços, com ênfase em empresas ligadas a bens de consumo, a *McDonald's* inaugura em 2018, o maior restaurante *drive thru* do interior do Estado do Ceará. Esta unidade do *McDonald's* consiste em um serviço de vendas de alimentos *fast food*, permitindo ao cliente comprar o produto de dentro do automóvel. Novamente, é a Avenida Padre Cícero que é escolhida como a localização estratégica.

Figura 39 - *Mc Donald's Drive Thru*

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

E ainda em 2018 é iniciada a construção de um segundo Shopping, o La Plaza, na área do Triângulo Crato- Juazeiro do Norte-Barbalha. O Grupo Prol-lar é o responsável pelo empreendimento e a construtora que está realizando a obra é a WR Construções, à qual nos referimos anteriormente. A localização é estratégica, no centro do bairro Lagoa Seca, onde reside a parcela da população de maior poder aquisitivo do município de Juazeiro do Norte.

Figura 40 - Shopping La Plaza

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

A ação inescrupulosa das empresas e sua busca desenfreada pelo lucro já são uma marca visível nas práticas espaciais desenvolvidas na Região do Cariri. Símbolos regionais pertencentes à cultura regional, como o Padre Cícero e a Chapada do Araripe, são utilizados nos discursos e nas representações utilizados para motivar o consumo. As representações do Padre Cícero são usadas para atrair consumidores para diversos estabelecimentos comerciais, uma prática já tradicional, mas sempre atualizada por novos agentes. Agora são os hipermercados, os novos restaurantes, os promotores imobiliários, na venda de lotes e apartamentos, que utilizam a tradição em nome do novo.

Figura 41 - O uso da imagem do Padre Cícero

Autor: Francisco Marcelo Bezerra Almeida (2018)

Mapa 3 - Localização dos hipermercados e lojas varejistas

As pesquisas revelam que o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, o seu processo de produção do espaço, é o resultado de uma grande estratégia do capital, que através de seus principais agentes, as classes sociais, o Estado, as construtoras, imobiliárias e as empresas, está produzindo uma nova configuração espacial que está redefinindo a Região do Cariri. Um novo arranjo espacial está se estabelecendo como também novas relações sociais e culturais. Um espaço regional com um caráter essencialmente mercantil vai se configurando, voltado muito mais para a reprodução das relações sociais de produção capitalista do que para o bem-estar das populações locais e regionais, demonstrando que o crescimento econômico que se vem verificando é uma farsa e uma tragédia para o desenvolvimento da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sobre a Região do Cariri e o fragmento do espaço denominado de Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha foi desenvolvida a partir uma perspectiva científica que envolveu a Ciência geográfica e com base em um sistema de ideias em que alguns conceitos foram fundamentais. No que concerne à Geografia, a análise priorizou os autores ligados a uma abordagem crítica em que as interpretações e as reflexões priorizam a sociedade como elemento fundamental da produção do espaço e não os processos naturais. A abordagem crítica também prioriza o método dialético, entendendo dessa forma que o movimento, a transformação, as contradições e a totalidade são elementos fundamentais para compreensão da realidade. A adoção da dialética como método vai influenciar diretamente nas concepções a respeito do objeto de estudo, ou seja, a respeito do Espaço. A concepção adotada é a de que o espaço é essencialmente social.

Um primeiro procedimento teórico e metodológico se impôs para realização da análise da produção do espaço na Região do Cariri cearense, a reflexão sobre a inserção da área analisada no processo histórico. Através da história regional, foram analisados os diferentes momentos em que os agentes responsáveis pela produção do espaço, desenvolveram suas práticas, procurando mostrar como ocorreu a produção do espaço em cada período. Assim, o conhecimento da história local e regional se constituiu em um recurso fundamental para o entendimento da dinâmica espacial da região.

A análise do processo de produção do espaço na Região do Cariri revelou que ao longo da História, esta parcela do território brasileiro vivenciou diversas práticas espaciais desenvolvidas por diferentes sociedades, desde as ações da tribo indígena dos Cariris até a ação atual dos agentes pertencente ao modo de produção capitalista. Diferentes foram as formas de uso do território ao longo da história, como diferentes foram as funções desempenhadas por esta parcela do território nas diversas divisões territoriais do trabalho que se estabeleceram em diferentes momentos históricos.

A busca da compreensão do atual processo de produção do espaço na Região do Cariri cearense, através do fragmento do espaço denominado de

Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha, exigiu que se estabelecesse uma reflexão sobre os diferentes usos que o território da Região do Cariri foi submetido ao longo de sua história, por isso a necessidade de considerar o tempo como um elemento fundamental para entender a atual configuração espacial. Uma reflexão sobre o tempo não para resgatar o passado e sim para, a partir do presente, entender como os processos gerados em momentos diferentes participam da produção do espaço atualmente. É na reflexão sobre o presente que é possível entender como os diversos processos, gerados em contextos diferentes, vão atuar na produção do espaço. Nesse aspecto, a Região do Cariri tem dois exemplos fundamentais que é a força desempenhada pelo fenômeno religioso que envolve o Padre Cícero, como também a questão ambiental que envolve a Chapada do Araripe e a Bacia Sedimentar do Araripe. Tanto a força cultural do fenômeno religioso como a importância da estrutura ambiental ainda exercem uma influência marcante na produção atual do espaço.

A análise em uma perspectiva histórica, que evidenciasse o movimento, a mudança, a transformação foi então um dos primeiros recursos utilizados para a compreensão da produção do espaço na Região do Cariri. Neste movimento que se desloca desde as primeiras ações das práticas espaciais indígenas até a ação do capital, foi possível perceber as formas como a produção do espaço regional se realizava através da produção econômica e a importância da divisão social e territorial do trabalho. Um uso inicial do território para a satisfação interna dos grupos indígenas, através de uma economia de subsistência vai se transformar em uma economia baseada na produção agrícola atrelada aos interesses do capitalismo comercial, tendo a cana-de-açúcar como atividade fundamental, até chegar ao período do desenvolvimento de uma economia centrada no comércio e nos serviços, sob a égide inicial do capital industrial, e o período atual onde o capitalismo globalizado e organizado, a partir de empresas transnacionais, se torna hegemônico. Assim, a Região do Cariri passou por diferentes usos do território em função dos interesses dos diversos agentes que ao longo da história foram responsáveis pelas práticas espaciais estruturantes do território regional.

Os processos econômicos, ao longo da história regional, foram imprimindo suas marcas e resultaram em configurações espaciais coerentes com cada contexto histórico em que estavam inseridas, o que propiciou a formulação de uma proposta de periodização da dinâmica da produção do espaço da Região do Cariri. São

quatro os momentos fundamentais, um primeiro resultante das ações indígenas, um segundo marcado por estruturas coloniais e pelo comando do município de Crato, um terceiro pela ascensão e comando do município de Juazeiro do Norte e um quarto em que o capital através das empresas e da globalização passa a ser determinante. A produção do espaço da Região do Cariri resulta assim da ação de diversos agentes ao longo da história, grupos sociais, classes sociais, instituições (destaque para a Igreja e o Estado), empresas, todos atuaram de forma significativa variando os ritmos e a intensidade de acordo com o momento histórico.

É esta complexidade que vai se revelar na paisagem regional, com a manifestação de vestígios materiais das ações indígenas, plantações de cana-de-açúcar, casarões antigos, museus, modernos prédios, mostrando que as formas presentes na atual configuração espacial resultam de processos produzidos em diferentes temporalidades, embora comandados pelos processos atuais. Contudo, são as formas urbanas que hoje predominam nas paisagens da Região do Cariri.

Como visto, foram marcantes as ações dos diferentes agentes, ao longo da história, na produção do espaço da Região do Cariri. No entanto, são as ações do presente as responsáveis pela produção de uma nova organização espacial. Os novos agentes representados pelas classes sociais, pelo Estado, pelas empresas, pelos bancos e pelo próprio capital, aparecem agora como principais responsáveis pela a produção do espaço. Um espaço que passa a ser produzido por agentes externos e internos à região e que atendem a propósitos estranhos aos interesses locais. Um espaço que já esteve ligado às necessidades internas, passa a ser produzido para reproduzir um sistema capitalista em contínua expansão.

Outro elemento fundamental da análise é a concepção de espaço utilizada para interpretação da dinâmica espacial da Região do Cariri. A partir da ideia de “produção do espaço” a ação da sociedade é priorizada. O espaço é visto como uma produção histórica, resultante do trabalho e das ações humanas e concebido como uma categoria fundamental para a interpretação da realidade. Por conseguinte, a análise da produção do espaço na Região do Cariri priorizou uma concepção de espaço social, um espaço resultante de práticas e ações que envolvem relações ideológicas e relações de poder. É nesta lógica que o Triângulo Crato-Juazeiro do Norte-Barbalha vai ser produzido, apresentando como processo fundamental a

globalização e como agentes produtores do espaço, o Estado, as empresas, os bancos e as classes sociais.

Uma organização espacial inserida no novo circuito da reprodução do capital, na busca do lucro e na transformação do espaço em mercadoria vai se estabelecendo na Região do Cariri. E a partir de novos processos submetem as antigas estruturas, impondo um ritmo de funcionamento segundo a lógica do capital. Os elementos fundamentais que compõe a estrutura espacial da Região do Cariri, como o meio ambiente, a chapada, a bacia sedimentar do Araripe e a própria tradição religiosa, o fenômeno Padre Cícero, são envolvidos pela lógica do mercado e com isso passam a fazer parte das estratégias das grandes empresas. Os novos negócios utilizam o discurso religioso e ambiental para realização de seus empreendimentos. A antiga organização espacial regional vai sendo substituída por uma nova configuração espacial onde a fluidez e a funcionalidade são suas marcas essenciais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Atlas, 1986.

_____. **Modernização e pobreza**: a agricultura canavieira e seu impacto ecológico e social, São Paulo: Unesp, 1994.

ARAÚJO, Maria de Lourdes. **A cidade do Padre Cícero**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A terra da mão de Deus**: Francisco Alves. Brasília: INL, 1988.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. IBGE. **Panorama das cidades**: Barbalha. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barbalha/panorama>>. Acesso em 10 set. 2018.

_____. IBGE. **Panorama das cidades**: Crato. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/crato/panorama>>. Acesso em 10 set. 2018.

_____. IBGE. **Panorama das cidades**: Juazeiro do Norte. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. **Censo demográfico 2010**: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. IBGE. **Produção agrícola municipal**, Rio de Janeiro, v. 42, p.1-57, 2015. Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/66/pam_2015_v42_br.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

BRITO, Maria Socorro. **Mudanças na organização do espaço**: o novo e o velho no Cariri Canavieiro. Fortaleza: IOCE, 1985.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. **O espaço Urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. São Paulo: do capital industrial ao capital financeiro. *In*: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Ubelino de (Org.). **Geografia de São Paulo**: a metrópole do século XXI. São Paulo: Contexto, 2004.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CEARÁ. Secretaria de Imprensa. **Hospital Regional será inaugurado em abril**. 25 fevereiro 2011. Disponível em: <<https://www.ceara.gov.br/2011/02/25/hospital-regional-do-cariri-sera-inaugurado-em-abril/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CHESNAIS, François (Org.). **A Mundialização Financeira**. São Paulo: Xamã, 1999.

D'ALVAREZ, Martins; NEVES, Joaquim Cruz. **Hino de Crato - CE**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/hinos-de-cidades/945319/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

FARIAS FILHO, Waldemar Arraes de Farias. **Crato: evolução urbana e arquitetura 1740 – 1960**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007.

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **História do Cariri I**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

HARVEY, David. **A produção Capitalista do Espaço**. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1989.

_____. **O Enigma do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

_____. **Espaços da Esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Os limites do Capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

IANNI, Octávio. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

_____. **A Sociedade Global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

_____. **Teoria da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IPECE. **Perfil das Regiões de Planejamento: Cariri 2017**. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/estatistica/perfil_regional/2017/PR_Cariri_2017.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

JAMACARU, Abidorau. Para ninar o Cariri. In: _____. **Avalon**. São Paulo: Studios Vice-Versa, 1986. 1 LP.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do Capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Edição on-line. 2006. Disponível em:

<https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991a.

_____. **Espaço e Política**. Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

_____. **Lógica Formal e Lógica Dialética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991b.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LÓSSIO, Moacyr Gondim. **A iniciação à história do Cariri**. Crato: Prefeitura Municipal do Crato, SEC, DC, 1986.

MOREIRA, Ruy. **A Formação Espacial Brasileira**: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

_____. **O Pensamento Geográfico Brasileiro 1**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O Meio do Mundo**: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: UFC Edições, 2012.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1992.

_____. **Espaço e Sociedade.** Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

_____. **Metrópole Corporativa fragmentada.** São Paulo: Nobel, 1990.

_____. **O Brasil.** SANTOS, Milton. SILVEIRA Maria Laura. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Por uma outra Globalização:** Rio de Janeiro – São Paulo. Editora Record, 2000.

_____. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, César Simoni. **A fronteira urbana:** urbanização, industrialização e mercado imobiliário no Brasil. São Paulo: Annablume, 2015.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Edna Maria. **Espaços fechados e cidades.** São Paulo: Editora Unesp, 2013.